

DANIEL MASTRAL  
ISABELA MASTRAL

CATEDRAL  
*das*  
SOMBRAS

Ágape

DANIEL MASTRAL  
ISABELA MASTRAL

CATEDRAL  
*das*  
SOMBRAS

Ágape

DANIEL MASTRAL  
ISABELA MASTRAL

CATEDRAL  
das  
SOMBRAS



SÃO PAULO, 2015

Catedral das sombras Copyright © 2015 by Daniel Mastral –  
Isabela Mastral Copyright © 2015 by Novo Século Editora Ltda.

**GERENTE EDITORIAL**

Lindsay Gois

**EDITORIAL**

João Paulo Putini

Nair Ferraz

Rebeca Lacerda

Vitor Donofrio

**GERENTE DE AQUISIÇÕES**

Renata de Mello do Vale

**ASSISTENTE DE AQUISIÇÕES**

Acácio Alves

**AUXILIAR DE PRODUÇÃO**

Luís Pereira

---

**PRODUÇÃO EDITORIAL**

SSegovia Editorial

**PREPARAÇÃO**

Julio Talhari

**DIAGRAMAÇÃO**

Abreu's System

**REVISÃO**

Rosa Maria Ferreira

**CAPA**

Dimitry Uziel

**DESENVOLVIMENTO DE EBOOK**

Loope - design e publicações  
digitais | [www.loope.com.br](http://www.loope.com.br)

---

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da  
Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1o de janeiro de 2009.

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)  
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)**

Mastral, Daniel

Catedral das sombras / Daniel Mastral, Isabela Mastral.

Barueri, SP: Ágape, 2014.

ISBN: 978-85-8216-152-4

1. Igreja 2. Vida cristã I. Mastral, Isabela. II. Título 14-10226

CDD-262

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Eclesiologia: Cristianismo 262

## 2. Igreja: Cristianismo 262

NOVO SÉCULO EDITORA LTDA.

Alameda Araguaia, 2190 – Bloco A – 11º andar – Conjunto 1111

cep 06455-000 – Alphaville Industrial, Barueri – sp – Brasil

Tel.: (11) 3699-7107 | Fax: (11) 3699-7323

[www.novoseculo.com.br](http://www.novoseculo.com.br) | [atendimento@novoseculo.com.br](mailto:atendimento@novoseculo.com.br)



*Esta é uma história baseada em fatos reais.*

*Nomes de: pessoas, empresas, escolas e cidades foram modificadas.*

O autor assina suas obras com o nome de Eduardo Daniel Mastral ou Daniel Mastral; assim como

a grafia do nome do personagem poderá sofrer variações entre o nome Eduardo e Daniel.

*Para M.*

*Esta história conta como um jovem satanista  
deixou a irmandade  
satânica, adentrou as portas da Igreja e revelou a  
ela  
as estratégias do inimigo.*

*Passados mais de vinte anos, esse missionário,  
juntamente  
com sua esposa, faz o caminho inverso: sai de  
dentro  
da Igreja e revela ao mundo as sombras da que se  
nomeia falsamente como Noiva de Cristo.*

# Sumário

CAPA

FOLHA DE ROSTO

CRÉDITOS

PREÂMBULO

DEDICATÓRIA

PREÂMBULO 2

EPÍGRAFE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1 – Vislumbre no espelho

CAPÍTULO 2 – Um pastor arrependido

CAPÍTULO 3 – “São Paulo é do Senhor Jesus”

CAPÍTULO 4 – E era Ágape?

CAPÍTULO 5 – Traição

CAPÍTULO 6 – Luz em meio às trevas

CAPÍTULO 7 – Sol da meia-noite

CAPÍTULO 8 – Despedidas

CAPÍTULO 9 – A chave da sala do trono

CAPÍTULO 10 – Flor no deserto

PRÓLOGO

SOBRE OS AUTORES

COLOFÃO

*“Aqui a ação simplifica-se  
Derrubei a paisagem inexplicável da mentira  
Derrubei os gestos sem luz e os dias impotentes  
Lancei por terra os propósitos lidos e ouvidos  
Ponho-me a gritar  
Todos falavam demasiado baixo falavam e  
escreviam  
Demasiado baixo (...).*

*Com um grito*

*Tantas coisas desapareceram  
Que nunca mais voltará a desaparecer  
Nada do que merece viver”*

*Trechos de “Gritar”, de Paul Eluard,  
em “Algumas das Palavras”.*

# Introdução

*“Aquele que julga estar firme, cuide-se para que não caia!” (1 Coríntios 10:12, NVI).*

**T**oda história tem que ter um começo. Essa história é o começo do fim. Mostra como a irrevogável vontade suprema do ser humano determina seu caminho, se é vencedor ou não.

*“Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, e a morte e o mal” (Deuteronômio 30:15).*

Durante a narrativa da trilogia alguns personagens trilharam o caminho da vitória. Seria injusto com os leitores e com a Igreja deixar de contar se esse estado de vitória foi permanente, ou, se não foi, o

porquê da derrota. Não basta estar em pé, é preciso se manter em pé! Essa é a questão.

A vitória não pode ser apenas momentânea!

Quando Deus abençoa Seu povo com a terra Prometida, admoesta-o a viver em vitória, a manter-se numa condição vitoriosa. Não basta conquistar a terra, é preciso permanecer nela. A condição *sine qua non* para usufruir da continuidade da bênção é a obediência.

Isto é, uma vida de obediência é a chave para conquistar e não perder o que se conquistou; uma vida de obediência conduz à vitória, que não se limita ao ato de entrar na terra, mas se traduz em um processo contínuo de vitórias dentro da terra.

O mau uso do livre-arbítrio – a desobediência – gera uma condição funesta de maldição, e as bênçãos conquistadas podem ser perdidas. Saul, por exemplo, perdeu a unção, o poder e a vida, assim que se afastou dos caminhos de Deus.

Isso aconteceu com muitas pessoas mencionadas nos relatos de Daniel e Isabela Mastral, mas muitas delas ainda não se deram conta disso porque preferem apostar no orgulho e na ostentação de títulos. É a matéria-prima mais saborosa ao adversário.

Judas cursou a melhor escola teológica de todos os tempos. Andou com o Mestre. Comeu com ele, viu os milagres, ouviu as pregações. No entanto, de que valeria a ele apresentar seu “título” de apóstolo de Cristo? O mundo espiritual o respeitaria? Não basta aprender, é preciso praticar o aprendido, caso contrário torna-se um fim em si mesmo. Falar de amor, perdão, unidade, fica lindo nos discursos. Porém, sem vida prática daquilo que proferimos, tornamo-nos apenas como o metal que soa.

Daniel e Isabela sabem que o julgamento de todos os seres, inclusive o deles, a Deus cabe. Se essa história é um relato de sombras, cada um que avalie

por si mesmo, e que Deus julgue a todos no final. Afinal, cada árvore se dá a conhecer por seus frutos.

*“Ah, ornamento de Israel. Nos teus altos foi ferido, como caíram os poderosos! (...) Como caíram os poderosos, e pereceram as armas de guerra!” (2 Samuel 1:19, 27).*

# CAPÍTULO 1

## Vislumbre no espelho

**S**alomão recebeu o reino de Israel numa bandeja de prosperidade.

**S**Davi, seu pai – o rei guerreiro –, a despeito de suas muitas lutas e sofrimentos pessoais, realizou uma grande expansão territorial e a unificação das doze tribos no reino de Israel. Sua vida foi repleta de feitos nobres e de muitas conquistas. Como general, derrotou os muitos inimigos de seu povo, incluindo os filisteus, e anexou diversas cidades dos cananeus, dentre outras vitórias, tornando-se bastante respeitado. Baniu a idolatria do reino, consultando sempre o Senhor em todas as decisões.

Quando cometeu o pecado contra Urias, Davi foi pronto em se arrepender. Ele foi um dos personagens mais proeminentes da História, e também o antepassado mais famoso de Jesus Cristo.

Após a morte de Davi, Salomão – o rei sábio – dedicou-se a tornar o reino ainda maior. Sem rivais à altura, introduziu inovações militares que o tornaram invencível. Foi durante o seu reinado que o território dominado por Israel chegou mais próximo do que fora prometido no Pacto abraâmico. Nunca – nem antes e nem depois – o território do Povo escolhido foi tão extenso.

Salomão foi ímpar também em suas realizações culturais e incentivo ao comércio: estimulou expedições marítimas em direção à arábia e África Ocidental e deteve o controle sobre muitas rotas comerciais terrestres, o que o enriqueceram ainda mais. Envolveu-se em um amplo trabalho para erguer todo tipo de construções no reino, o que incluiu o seu próprio palácio, um edifício para a

rainha egípcia, sua mulher, o muro de Jerusalém e várias cidades, como Megido, Hazor, Gezer e Milo.

A grande realização de Salomão, contudo, foi a edificação do primeiro templo de Jerusalém, dedicado a Deus. Quando concluído, o templo foi consagrado e a arca da aliança, colocada em seu lugar, no Santo dos Santos.

Salomão levou Israel a uma espécie de “era do Ouro”, atingindo o apogeu de sua grandeza e vivendo tempos de muita paz. Foi o maior rei da monarquia hebraica, tornando-se famoso pela grandiosidade e riqueza de seu reino, e também por sua sabedoria. Ele compôs 3000 provérbios e 1005 cânticos, sendo o autor dos livros de *Provérbios*, *Eclesiastes* e *Cântico dos Cânticos*.

Segundo o costume dos monarcas orientais, Salomão procurava manter as boas relações de vizinhança por meio de inúmeros casamentos. Contudo, por influência de suas muitas mulheres e concubinas, muitas delas princesas, e para agradá-

las, o coração de Salomão se perverteu. Passou a servir Deuses falsos e construir templos para adorá-los.

Envolvido pela idolatria, Salomão provoca a ira de Deus e colhe o castigo anunciado: chegam os inimigos e seus últimos dias são sombrios, cheios de questionamentos, repletos de sentimentos que lhe mostram a vaidade por trás de tudo o que fez.

Salomão tinha poder, riqueza e sabedoria. Tinha o favor de Deus, era o Seu ungido. Aparentemente nada lhe faltava.

Por que fez o que fez? Agiu de maneira terrível, enchendo o reino de templos pagãos, abrindo de par em par as portas para demônios e causando um efeito cascata que terminou – primeiro – com a ruptura do reino por causa de Roboão, seu filho. Séculos depois, a idolatria espalhada pelos dois reinos, sempre perene, culminou com o exílio de Israel na Assíria e, ainda mais tarde, na destruição de Jerusalém e do templo pelos babilônios, que

levaram todas as riquezas de Judá e todo o povo, excetuando os pobres da terra.

A resposta para isso, talvez, seja simples, e não extravagante: ninguém é grande o suficiente para que possa deixar de vigiar. Por esse motivo a Palavra nos insta a isto; a vigiar e orar *sem cessar*. Essa atitude de submissão a Deus pode fazer a diferença entre estar em pé e cair, entre ser vitorioso ou derrotado, entre viver e morrer.

Aquele que está em pé vigie para que não caia.

\*\*\*

O objetivo deste livro é abordar esse assunto delicado. Às vezes, pessoas deixam subir à cabeça seus títulos e conquistas, e acham que “com elas não acontece”. Que estão imunes à queda.

Há pequenas diferenças nas declarações a seguir, mas que revelam onde anda o coração e de que ele está cheio.

“Eu sou guerreiro.”

“Eu sou o *maior* guerreiro.”

“Eu recebi revelações *importantes*.”

“Eu recebi revelações que *mais ninguém* tem.”

“*Deus* tem liderado meu ministério.”

“*Eu* sou o líder do *meu* ministério.” “Sou um *adorador*.”

“Tenho um *show* com minha banda gospel numa igreja.” “Fui *chamado por Deus* para ocupar esta liderança.”

“Sou o *presidente* disto e daquilo. A última palavra é *minha*.”

Quando você acha que “com você não acontece”, que “você não erra”, que “você é a maior sumidade em algum assunto”...Quando você não ouve mais ninguém, quando começa achar que Deus não tem olhos e ouvidos para ver e ouvir você, muito menos boca para falar, e que ninguém pode derrubá-lo...

Quando você é sua própria estrela...

Isso significa que o orgulho já se alojou profundamente em seu coração.

E o orgulho precede a queda.

\*\*\*

Temos visto pessoas caindo à nossa volta. Temos visto líderes que transformam suas igrejas em comércios, em shows, em palanques.

Uma onda de devastação está percorrendo rapidamente a Igreja, engolfando mais do que desejaríamos. Um tsunami de corrupção, idolatria, engano e mentiras. Portas estão abertas para o mal.

Maldito aquele que faz o cego errar o caminho. Essa, porventura, não é a Palavra de Deus?

Mas as ovelhas – feridas, e sem ter quem as apascente –, correm de um lado para o outro, mudam de um ministério a outro, buscando abrigo, proteção, cuidados e alimento. A maioria tem se

contentado com leite ralo; andam raquíticas e sem entendimento; não sabem para onde ir.

Outras se afastam do rebanho, repugnadas, esmagadas pelo peso da Igreja carnal e preferem continuar, sozinhas, o seu caminho.

Algumas delas jamais voltarão ao aprisco.

\*\*\*

Esse relato é um alerta à Igreja dos últimos dias.

Os autores.

## CAPÍTULO 2

### Um pastor arrependido

**E**ssa história teria que começar pelo pastor Brintti, que depois da conversão de Daniel ficou sumido por vários anos. Foram muitos anos sem que Daniel soubesse dele, muito embora o tenha procurado. A vontade de encontrar novamente aquele homem era natural. Por causa dele Daniel tinha conseguido deixar a Irmandade. Brintti havia sido o instrumento de Deus para isso.

Por esse motivo, era realmente impensável que ele estivesse morto, como não parava de apregoar a Irmandade, através de recados por *pager* e telefone, e até como Marlon mesmo havia dito:

“Ele está morto. E assim vai ser com você”.

Aquelas ameaças, gotejantes como fel na garganta, tinham sabor cada vez mais amargo tanto mais se aproximavam as datas tidas como letais. O aniversário de 33 anos se aproximava e, segundo a Irmandade, Daniel não viveria para ver esse dia amanhecer.

Casados havia apenas um ano, Daniel e Isabela desejavam ardentemente saber, com certeza, que Brintti não havia sucumbido como todos os demais, que estava vivo e bem, em algum lugar.

Não havia ninguém melhor do que Grace para conseguir a façanha de encontrar o pastor. Ela tinha uma ampla rede de conhecidos em todo canto do Brasil e vivia perguntando sobre Brintti, tentando descobrir seu paradeiro, porém nem mesmo ela estava tendo sucesso. O pastor que havia resistido aos ataques e rituais mais ferozes da Irmandade estava completamente desaparecido! Ele enfrentara a Abraxas e as legiões que acompanhavam Daniel e

tinha sido uma peça-chave no processo de libertação do jovem satanista. Seria possível que Deus o tivesse entregado aos leões depois disso? Aonde poderia ter ido parar? Por que ninguém na igreja sabia dele?

Grace havia investigado cada detalhe da história que Daniel relatara sobre sua passagem pela Irmandade, particularmente os ataques desferidos contra pessoas e ministérios. Depois de escarafunchar, perguntar, confrontar datas e checar a veracidade das narrativas do rapaz, ela viu que a história se revelava fidedigna. Os líderes das antigas igrejas frequentadas por ele junto com Camila realmente haviam sido alvejados, e a agressividade dos demônios contra as pessoas mencionadas em “Filho do Fogo” foi comprovada.

O grande senão da história era o sumiço do pastor Brintti, que não aparecia para contar sua versão dos fatos.

Cada vez que Grace comentava não ter ainda notícias dele, era um banho de água fria. As

perguntas martelavam dentro do jovem casal. Tinham as promessas de vitória e de exercer um ministério. Contudo, se Deus não havia poupado um elo tão importante da história... – a vida do pastor Brintti – pouparia a eles? Sem dúvida seria mais confortável saber o que lhe tinha acontecido.

Eles estavam agindo por fé: tinham passado pela ministração com Grace, pelos aconselhamentos com dona Clara, avisaram o pastor Lucas sobre os perigos que corriam e tinham escrito “Filho do Fogo”, o relato que denunciava a Irmandade, a maior afronta que Daniel podia cometer contra o diabo.

Faltava um elo nessa corrente: saber do pastor Brintti.

Daniel o tinha visto pela última vez naquela terrível noite de confronto. Ali, no escritório do pastor, o jovem emergiu da inconsciência e soube que as trevas haviam sido vencidas pela luz.

Apesar do tempo decorrido, a gratidão que Daniel reservava em seu coração para o Brintti não se tinha desvanecido. Eram poucas as lembranças concretas do dia em que a batalha pela sua vida tinha acontecido, mas o jovem olhava para trás e esperava, com sinceridade, reencontrar aquele homem vivo. Recordava-se dos encantamentos e dos feitiços que presenciara, dos quais participara, e que foram direcionados contra o Brintti. Depois da conversão de Daniel, o ódio contra o pastor teria subido ao grau máximo e certamente ele foi ainda mais alvejado pelo inferno.

Como estaria ele, então? Daniel esperava que Brintti estivesse bem; Isabela sentia o mesmo. Os dois queriam poder olhar nos olhos e abraçar aquele homem de Deus! Sem a intervenção dele talvez hoje Daniel não existisse mais.

Então a busca por ele continuava.

Naquela época – já bem perto do aniversário de 33 anos de Daniel – o casal se consolava por saber que

Rebecca Brown estava bem. Ela faria sua primeira visita ao Brasil pouco antes da data do aniversário, e era a única pessoa, além de Daniel, de que eles tinham conhecimento, que ousara enfrentar a Irmandade e tinha ficado viva para contar a história. Ela e Elaine, a satanista que Rebecca tinha ajudado a escapar, era uma história semelhante a deles, embora o envolvimento de Daniel tenha sido muito mais profundo.

Certa feita, num momento infeliz, Daniel e Isabela comentaram sobre esse fato com um dos líderes da igreja do pastor Lucas, onde congregavam. O pastor perguntara apenas por perguntar, na saída do culto de domingo:

“Como vocês estão?”

“Caminhando. Às vezes ficamos um pouco mais abatidos, mas temos o consolo de saber que Rebecca Brown está bem. Deus vai cuidar de nós também”, disse Daniel. “Às vezes é bom encontrar alguém que tenha vivido o mesmo que você.”

Era um momento de abatimento. O casal esperava não grandes orações e palavras de sabedoria daquele pastor, mas também não contava com o seguinte comentário, dado sem nenhum apelo emocional:

“Vocês não sabiam?”, disse ele sem mais delongas. “Ela morreu, a mataram. Um pistoleiro a matou”.

Isabela ficou quieta. Daniel ainda achou voz para tentar dizer alguma coisa e se despedir em seguida.

“A paz do Senhor. Boa noite”, fez o pastor auxiliar sem nem mesmo perceber que tinha dito a coisa errada. Ou, se percebeu, fez que não. Foi embora sem se preocupar com o impacto de suas palavras. Ele sabia da história de Daniel! E Rebecca foi apenas a interlocutora da verdadeira satanista.

É bem verdade que tempos atrás aquele líder tinha preferido nem mesmo orar pelo casal, admitindo seu temor em relação à situação que eles viviam. Daniel e Isabela respeitaram sua posição e não o julgaram, aceitando de bom grado o auxílio de dona Clara, uma das diaconisas da igreja.

Mas naquele momento, depois daquele comentário mal colocado – e que se revelou falso depois – os dois saíram para a rua em direção ao carro, mudos e estarecidos. Uma onda desagradável de inquietação se fez sentir imediatamente, temor e melancolia percorriam seus corpos. Não sabiam o que pensar.

Aquilo perturbou a noite deles. Porém, como a noite aguarda o sol, o coração deles encontrou alento na manhã seguinte; como a terra seca espera a chuva, suas orações regaram o solo fecundo de seus espíritos e se apoiaram em palavras mais sábias. Como o rio anseia pelo mar, a fé voltou a invadi-los e aquele incidente deixou de ter importância.

*“Porque ainda que a figueira não floresça, nem  
haja fruto na vide;  
ainda que decepcione o produto da oliveira, e os  
campos  
não produzam mantimento; ainda que as ovelhas  
da malhada*

*sejam arrebatadas, e nos currais não haja gado;  
Todavia eu me alegrarei no Senhor;  
exultarei no Deus da minha salvação”.*  
(Habacuque 3:17,18)

Como eles queriam encontrar o Brintti!

\*\*\*

Não muito depois das festas de fim de ano, dois meses antes do aniversário de 33 anos, finalmente o milagre que eles esperavam aconteceu.

Foi um presente de Natal de Deus, que bem sabia da necessidade de Daniel e Isabela de encontrar aquele homem antes da data do aniversário. Aquela data era um marco que os satanistas haviam imposto, um decreto de morte e maldição, e o casal merecia e precisava saber do pastor Brintti.

Assim foi que certa noite, ao receberem Grace no modesto apartamento que ocuparam no primeiro ano de casados, ela entrou satisfeita carregando o

celular. Nessa época ainda não era todo mundo que tinha um. Daniel e Isabela não tinham nem celular nem telefone, apenas o *pager* emprestado de uma amiga.

Grace estendeu o telefone para Daniel. O número de contato do pastor Brintti tinha sido encontrado finalmente, através do amigo do amigo do amigo de um conhecido da Grace.

“Oh, mas que coisa boa!”

Grace deu de presente de Natal um edredom para o casal e comeu com eles, mas sem dúvida o ponto alto da noite foi falar com Brintti. Daniel sentia um misto de receio e alegria ao ouvir a voz dele vindo pelo aparelho.

“Lembra-se de mim?”, indagou logo.

“Claro! Como não me lembrar de você? Você destruiu a minha sala!”

Essa foi a primeira frase que Daniel escutou do antigo pastor da igreja da Colina Verde. Uma voz que não aparentava rancor ou mágoa contra ele.

“Como você está?”, continuou Daniel.

“Não muito bem. Mas, essa é outra história, para ser contada pessoalmente”, ele respondeu.

Foi assim que surgiu a oportunidade de um encontro. Amoroso e interessado na história de Daniel – que Grace havia adiantado um pouco –, Brintti convidou Grace e o jovem casal a passarem um final de semana em sua casa. Grace queria muito ouvir a história pela boca do pastor, e também ministrá-lo. A presença de Daniel seria importante. Quanto a ele, queria muito ver Brintti e ajudar no que fosse necessário. Isabela não poderia ir, para sua frustração, porque não havia recursos para tanto. Grace arcou com sua passagem e a de Daniel.

Naquele mesmo mês, na virada de 1999 para 2000, Daniel e Isabela enfrentaram uma poderosa investida da Irmandade que quase levou Daniel. Os erros que eles cometeram foram quase fatais, mas Deus poupou a vida de Daniel e manteve o casal em

segurança. Esse relato foi contado mais tarde, em “Guerreiros da luz”.

\*\*\*

A viagem de avião até Vila Velha, no Espírito Santo, foi tensa. Os ouvidos do rapaz doíam o tempo todo e Grace achava que aquilo poderia ser algum ataque demoníaco. Na verdade, tratava-se apenas de muita ansiedade e expectativa pelo encontro, o que o deixou mais sensível à pressão interna da cabine. Daniel já sabia que Brintti não estava bem, mas não sabia exatamente o que iriam encontrar. Tinha também receio sobre o que o homem pensaria sobre sua intenção de destruí-lo, anos antes. Ver o rosto dele significava muita coisa para Daniel.

Fazia um calor abrasador em Vila Velha quando desceram no aeroporto. Era fim de janeiro, pleno verão. Pastor Brintti já estava lá e uma das primeiras coisas que Daniel fez foi abraçá-lo com respeito.

Não sentiu nenhuma animosidade por parte dele. Excelente anfitrião, ele os levou a comer e ver um pouco da cidade. Conversaram somente sobre amenidades. Naquela noite, antes de se deitar, Daniel foi incentivado pela Grace a entregar ao pastor o livro “Filho do Fogo”, recém-saído da gráfica naquele mês em sua primeira edição.

Tão logo recebeu o volume, Brintti tratou de ler. Mesmo sem ser incentivado a isso ele passou a noite acordado, tentando entender melhor o que tinha acontecido. A esposa dele era categórica em afirmar que algo ocorrera com eles na época em que estavam na Colina Verde, como se fosse um marco funesto em suas vidas.

Pela manhã, alheio ao fato de que o pastor nem sequer tinha ido dormir, Daniel o encontrou entretido com o livro e indagou:

“Está começando a leitura?”

“Na verdade, estou terminando. Folheei boa parte do primeiro volume e li o segundo”, falou o Brintti

com um sorriso. “Você me chamou de leão-marinho?”

Daniel ficou constrangido, mas logo viu que ele estava brincando, e não disse nada, apenas sorriu de volta. O momento de se sentarem os três – Grace, Brintti e ele – seria o momento de falarem finalmente sobre tudo.

Pouco antes do almoço Grace foi orar com a esposa do pastor Brintti e, enquanto as duas estavam ocupadas, Brintti convidou Daniel a dar um passeio pela praia. O pastor se aproximou da esposa e ela falou simplesmente:

“Vou te dar só dez reais, tá bem? Para uma água de coco”. Daniel ficou espantado com a atitude de ambos. Por que ela controlaria o dinheiro daquela maneira? Estariam passando algum tipo de necessidade?

As respostas não tardaram a chegar, à medida que ele caminhava ao lado do pastor admirou a coragem

daquele homem em se despir de todo orgulho e lhe contar a verdade.

“Minha mulher me dá pouco dinheiro porque eu não posso ter nada na minha mão...”, ele falou assim que saíram. “Se eu tiver dinheiro comigo vou usar para comprar drogas... para sair com prostitutas...”.

Daniel ficou completamente aturdido com aquele comentário vindo assim, solto, fácil, como que no vento. Enquanto andavam lado a lado, Brintti contou primeiro sobre aquele longínquo dia em que orou por Daniel. O jovem não fez perguntas, deixando Brintti falar como melhor lhe conviesse, porém o pastor não quis dar ênfase a detalhes.

“Acho que tem coisas que não valem a pena contar”.

Daniel olhava para ele com atenção. Sabia que estava diante de um homem de bom coração. Meu Deus, que lhe teria acontecido, afinal?

Aos poucos a história foi ganhando cor e luz, mostrando o modo como os demônios começaram,

rapidamente, a investir vez após vez contra ele. Sem misericórdia. Sem descanso. Com ódio. Certos de que o destruiriam por completo.

Depois do horrível episódio em que foi obrigado a ver e sentir de perto a possessão verdadeira de um ser humano, Brintti começou a sofrer perseguição dentro da igreja da Colina Verde. Essa perseguição veio por parte da liderança.

“Eles não queriam dar a entender que estavam contra mim de maneira clara, pelo menos no princípio”, disse o Brintti.

O grupo de pastores da Colina Verde não acreditava em demônios e batalhas espirituais da forma como o pastor Brintti a descrevera. Era uma igreja tradicional. Brintti queria abrir os olhos deles para aquela realidade, especialmente depois do que tinha presenciado. Naturalmente, não era o que a Irmandade queria. Naquela época ainda havia uma preocupação por parte dos satanistas em contaminar igrejas e impedir que certos conceitos sobre batalha

espiritual fossem difundidos. Hoje já não há tal receio. A contaminação de boa parte da Igreja, em vários sentidos, já a torna inoperante em relação aos projetos da Irmandade.

Daniel compreendeu que a postura do pastor Brintti em alertar a liderança da Colina Verde, insistindo em que o episódio de exorcismo havia sido real, enfureceu ainda mais os demônios. Brintti não somente havia lhes roubado uma peça-chave dentro do contexto da preparação do mundo para o advento do anticristo como, ainda por cima, batia o pé e tentava abrir os olhos daquela liderança soberba e ignorante! Uma perseguição silenciosa, velada, teve início. Como uma cobra que rasteja em busca da presa.

O fato é que a corda arrebentou para o lado mais fraco. Nesse momento, Brintti tornava-se o elo mais fraco. Para abater a presa, antes é necessário golpeá-la e deixá-la aturdida, desorientada. O “anel de fogo” foi ativado! lamentavelmente, as entidades

encontraram hospedeiro nos corações daqueles líderes fracos. O mesmo material que já haviam encontrado no coração dos irmãos de José: inveja!

Enrijecidos por seu cristianismo culto e letrado, enterrados em seus dogmas, engolfados por sua fé fria e morta, os líderes não foram capazes de enxergar a verdade, nem mesmo a se abrir a ela. Já tinham todas as respostas. Como os fariseus da época de Cristo, raça de víboras orgulhosa de seu próprio orgulho, baniram de seu meio a luz. Usando de seu livre-arbítrio calaram a voz de Deus.

Estavam certos de uma coisa: Daniel era somente mais um louco, um esquizofrênico em pleno surto psicótico, um doente, e o pastor Brintti, a despeito das normas da igreja, tinha posto mais lenha na fogueira com aquele “exorcismo”, desrespeitando a autoridade do pastor titular. O confronto de ideias não perdurou muito, a má vontade para com o pastor Brintti culminou em seu desligamento da igreja.

“Tudo aconteceu muito rápido”, lembrou o pastor.

Daniel não duvidou de sua palavra. Sabia o quanto isso teria regozijado os demônios, que podiam, então, dar início à sua vingança. Assim ela começou. Sem mais essa nem aquela Brintti foi, simplesmente, mandado embora de lá! Demitido!

Ele ganhava um bom salário. A igreja pagava o aluguel de seu apartamento, bem como a escola dos seus filhos. De uma hora para outra ele ficou sem moradia, sem escola para os filhos e sem dinheiro nenhum. Sem saber o que fazer, a família saiu de São Paulo e foi para Campinas, onde morava o pai do pastor Brintti, médico e capelão no hospital-escola da maior Universidade na região.

Foi uma atitude desesperada porque Brintti e o capelão tinham uma desavença antiga e não se davam muito bem. Foi por água abaixo a tentativa dos dois de trabalharem juntos. Em outra atitude de desespero para tentar reconstruir sua vida, o pastor e

sua família saíram de Campinas e foram para uma pequena cidade do interior de São Paulo, a fim de pastorear uma igreja.

A família passou a frequentar a igreja local, ansiosa em se restabelecer. Mas, naquele lugar, onde julgavam poder acertar o prumo de suas vidas massacradas, o filho do casal foi vítima da psicopatia de um dos diáconos.

O veneno da serpente havia sido inoculado.

Depois disso nunca mais quis saber de igreja ou da fé. Desanimado e desacreditado, abandonou de vez o pastorado e foi para Vila Velha. Naquela cidade a esposa do Brintti tinha alguns familiares e, por meio de um deles, o antigo pastor teve a oportunidade de um trabalho como representante comercial de calçados infantis. Ele viajava muito por causa disso. Brintti abraçou seu emprego e resolveu mesmo dar as costas para tudo.

“Eu não queria mais saber de Deus, ou da igreja. Eu sei que errei. Mas a frieza espiritual dominou

meu coração, e aí eu comecei a descer uma curva vertiginosa”.

“Era para você estar morto...”, balbuciou Daniel.

“Acho que era mesmo. Por duas vezes eu quase morri. Uma vez num sério acidente de carro, quando eu estava muito embriagado, noutra por *overdose* de cocaína”.

“Mas...”, atreveu-se Daniel, “como assim? *Overdose* de cocaína?”. O novo emprego exigia dele muitas viagens. Uma vez alguém lhe deu a dica: se cheirasse cocaína, renderia mais na estrada e com menos esforço. Produziria mais, ganharia mais. Todo viajante sabe das dificuldades do caminho: o cansaço, as noites mal dormidas, as longas distâncias. Quando isso é muito frequente, pesa no corpo e na mente. A “solução” oferecida pela droga abriu outra porta: a prostituição. Onde há droga, há prostitutas; uma coisa leva a outra.

“Eu saí com muitas mulheres”, admitiu tristemente o pastor. “Muitas vezes eu chego em casa bêbado,

drogado, agrido minha mulher, tenho vergonha dos meus filhos”.

Essa era a história do Brintti. Foi assim que Daniel e Grace o encontraram.

Naquela manhã a esposa dele havia sido ministrada pela Grace. Era uma mulher persistente que nunca desistira do marido, que continuava orando e pedindo a Deus restauração. Ela não entendia o que acontecera, o porquê daquela avalanche de sofrimento na vida deles, contudo sabia que *alguma* coisa tinha acontecido, e que havia sido na época da Colina Verde.

Agora uma luz pairava sobre eles. Os dois entendiam que Deus lhes havia enviado a Grace – que conheciam de nome e pelo seu trabalho – e Daniel. Era resposta às orações da esposa. Na hora do almoço a família estava reunida. Os filhos – um casal de adolescentes – só observavam completamente perdidos, expectantes.

Na parte da tarde Grace reuniu-se com o pastor Brintti e Daniel.

Foram ficar a sós para poderem conversar e orar.

“Eu não consigo mais chorar, não consigo me emocionar e nem sentir a presença de Deus”, murmurou o pastor Brintti para Grace. “Estou árido como um deserto. Minha vida se tornou um deserto. Às vezes eu ainda oro, aí na minha varandinha, mas não escuto Deus falar”, ele deu levemente de ombros. “De qualquer forma, eu também não tenho mais prazer em ouvir Deus falar”.

Brintti entendia que se afastara da presença de Deus e usara mal suas escolhas. Ele poderia ter escolhido resistir ao diabo ao invés de se render à mágoa e ao pecado, mesmo assim não conseguiu agir diferente. Nesse sentido Daniel percebeu que, de fato, os satanistas não estavam mentindo quando lhe diziam que Brintti estava morto. Há muitas maneiras de morrer e a preferida deles é a morte espiritual, a morte da esperança, a morte da vontade

de viver, a morte da alegria... Quando o pastor leu a narrativa de “Filho do Fogo”, compreendendo a gravidade de tudo aquilo e a força do ataque sobre ele, uma centelha acendeu em seu coração:

“Talvez... se eu fui poupado de morrer fisicamente... Talvez ainda haja um propósito na minha existência”.

Naquela tarde, e até a noite, Grace e Daniel oraram pela vida do pastor Brintti confessando pecados, pedindo perdão a Deus e oferecendo resistência espiritual contra toda aquela degradação. No final o pastor estava exausto, mas sentia uma ponta de alegria. Queria acreditar que o Senhor podia fazer alguma coisa por ele, alguma coisa boa e nova. Mesmo assim, não conseguiu chorar, apenas aceitou pela fé o que Deus tinha feito.

No dia seguinte, quando se preparavam para ir embora, Grace e Daniel insistiram para que ele viesse à celebração dos 33 anos do jovem.

“Seria uma honra ter você conosco”, disse Daniel.  
“Deus está restaurando a sua vida”.

Grace continuou e garantiu:

“Poderei ministrar você melhor, junto com a minha equipe. Tudo que aconteceu foi muito sério, pastor, mas Deus pode mudar essa situação”.

Fato curioso é que no aeroporto, enquanto aguardavam o embarque, algumas fotos foram tiradas. Duas delas, em momentos diferentes, o Pastor Brintti aparecia ao lado de um vulto grande e negro, formando o contorno de um homem muito alto e forte. Daniel só reparou quando as fotos foram reveladas – naquela época não existia a tecnologia de fotos digitais –, ficou estupefato ao ver as imagens. Era inequívoco que as entidades estavam em volta daquele homem, como um leão rugindo, esperando o momento certo de atacar novamente.

\*\*\*

No início de março, quando Daniel e Isabela já haviam mudado para o Vale da Bênção, perto de Araçariguama, o pastor Brintti veio de Vila Velha e ficou hospedado com eles.

O ministério prometido por Deus ao casal – e para o qual eles vinham se preparando há mais ou menos quatro anos –, confirmado e reconfirmado pelos anjos, tinha começado na segunda quinzena de fevereiro. Cumpria exatamente a data que lhes fora dada! Daniel falou em público pela primeira vez no congresso de Rebecca Brown no Brasil, ocupando o espaço cedido à Grace. De última hora ela não poderia estar presente, mas, como mentora espiritual de Daniel e Isabela, abriu espaço para os dois, recomendando-os e atestando sua integridade perante os organizadores do evento.

Daniel teve uma hora para falar a mais ou menos três mil pessoas que se reuniam no salão de uma enorme Assembleia de Deus, em São Paulo. O casal tinha preparado uma palavra contundente e

reveladora sobre o satanismo da Irmandade e a realidade de uma guerra espiritual sem precedentes. Os livros “Filho do Fogo”, pouco mais de 800 volumes que restavam da primeira edição, esgotaram em uma hora depois que ele entregou a Palavra. E ainda faltou. Isso fez com que toda a edição fosse vendida em menos de dois meses. Durante a noite, na continuidade do congresso, já não era possível adquirir nenhum livro e as pessoas perguntavam sobre como consegui-los. Teriam que esperar pela segunda edição.

Foi um tiro de canhão contra o inferno e um presente de Deus à Igreja dos últimos dias. Restava saber o que ela iria fazer com as revelações que lhe eram dadas.

Partilhar aquela vitória com o pastor Brintti foi especial. Igualmente, recebê-lo em sua casa e mostrar a ele os locais do Vale de que gostava, o que era praticamente tudo, mas especialmente o caminho que dava na casinha de oração. Foi um preparo ao

casal para andarem no caminho de pedras azuis que mais tarde Deus revelaria ao casal.

No dia da celebração de aniversário, o Brintti foi ministrado pela Grace e sua equipe, sem a presença de Daniel. Mesmo assim ele continuou sentindo-se árido e seco no coração, e a ênfase por parte da equipe nos ataques e na perseguição dos demônios deixou-o assustado por dentro. Apesar disso, houve paz e alegria da reunião que tanto tinham desejado Daniel e Isabela.

Depois que todos saíram, Brintti acomodou-se em seu colchonete no quarto de hóspedes: era totalmente vazio. Havia uns poucos livros “Filho do Fogo”, apenas, que ele usou para apoiar sua pequena mala de bagagens. E não conseguiu dormir. O silêncio penetrante do local salientava cada ruído esporádico, e aquilo o perturbava, especialmente depois da ministração. Sentiu-se um pouco vexado, mas a verdade é que estava com medo, pensando que ali no Vale, afinal de contas, não havia

segurança nenhuma. Como aquele casal conseguia pôr a cabeça no travesseiro e dormir, assim, naquele lugar no meio do nada?

Também o preocupou algumas gravuras dos quadros de Giovanni Bragolin que estavam por ali. Daniel mostrava em suas palestras para ilustrar um dos modos de agir do adversário: as mensagens subliminares. No dia seguinte saiu cedo da cama, após cochilos entremeados com sonhos. À luz do sol toda a preocupação da noite parecia bobagem. Os montes verdes tornavam linda a vista da sala e ele se sentou ali para ler a Bíblia. Quando Daniel levantou, pouco depois, o pastor humildemente comentou sobre sua noite mal dormida. Daniel entendeu. Isabela, mais tarde, perguntou especificamente: “Mas teve medo de quê?”.

“Eles falaram muito de visões de encantamentos e maldições, ataques de demônios... perseguições... bem... Ao invés de me trazer paz, tudo isso trouxe inquietação. Não consegui me sentir bem à noite”.

Eles entendiam. Não questionaram Grace e nem suas atitudes, afinal Daniel tinha passado por muitas ministrações longuíssimas. Mas entendiam o medo. Eles também tinham tido medo outras vezes, quando parecia que tudo ia ruir sobre suas cabeças e os decretos dos satanistas se cumpririam. Mas, na noite passada, eles haviam celebrado, fora uma comemoração de vitória. Não havia motivo para ter medo naquele momento.

Brintti foi sincero mais uma vez e confiou a eles o que estava pensando, uma sensação que o incomodava desde a noite anterior: “Assim como eu orei pelo Daniel, a fim de levá-lo a Jesus... hoje eu sinto que vocês precisam orar por mim, para me trazer de volta ao Pai. Essa oração vai fazer diferença. Vocês poderiam orar por mim? Daniel, peça para Deus me ajudar, a acender novamente a chama da fé em meu coração. Preciso me libertar destas correntes”.

Daniel e Isabela sentiram-se contentes por poderem participar da restauração do pastor Brintti, e ali, naquele domingo de março, em volta da mesa da cozinha, pediram ao Pai que tornasse a falar com seu filho e trouxesse vida nova, e não morte a ele e sua família. Daniel iniciou a oração, ungiu sua mão com óleo, e repousou sobre a cabeça do Pr. Brintti. Depois daquela oração quebrantado, Brintti chorou bastante, destrancando as comportas de sua alma abatida. Abraçou o casal e agradeceu muito.

Renascia ali um Soldado de Cristo, um Guerreiro da luz.

Brintti em breve estaria nas fileiras dos exércitos de Deus novamente! Tornara-se um parceiro de trincheira de Daniel em muitos momentos.

A fé do pastor Brintti voltou à tona. Ele deixou de lado a vida de drogas e promiscuidade, abandonou a representação de calçados para não tornar a encontrar as pessoas e as portas que o tinham levado a cair tão fundo. A chave para o recomeço foi

ímpar: Brintti dedicou-se a fazer e comercializar uma receita antiga de pão de mel! Disse que Deus lhe havia dado essa direção. Chamou o pão de mel de “Pão da Vida” e ofereceu excelência no seu preparo, como Deus também havia lhe dito. Escolheu o melhor chocolate, os melhores ingredientes, tudo do melhor e acreditou na chance que Deus lhe dava.

Milagrosamente, a venda do “Pão da Vida” – que ele oferecia em cafeterias e confeitarias – passou em pouco tempo a lhe render um salário de 5000 reais mensais. Era uma grande vitória, uma grande guinada de vida.

## **O Pão de Mel do Brintti:**

### INGREDIENTES:

1 kg de farinha de trigo

1/2 kg de açúcar mascavo

1 litro de leite

1 xícara de óleo de milho

4 ovos

1 colher de café de bicarbonato de sódio

1 colher de chá de canela em pó

1 colher de sopa de cravo moído e torrado

2 colheres de sopa de fermento em pó

MODO DE PREPARO:

Aqueça o leite com o açúcar e reserve.

Misture no liquidificador: os ovos, óleo, bicarbonato, cravo, canela e a mistura do leite com o açúcar aquecido.

Coloque este líquido na batedeira e acrescente a farinha aos poucos e por último o fermento.

Asse em uma forma untada e enfarinhada, em forno médio. Depois de assado desenforme quente e corte.

BANHO DE CHOCOLATE:

1 kg de chocolate em barra meio amargo. Derreta e banhe um a um.

\*\*\*

Mas, como tudo tem o seu tempo determinado, algum tempo depois Deus lhe pediu que voltasse a Campinas a fim de reatar relações com o pai.

Era hora.

Brintti precisava voltar porque enfrentaria momentos duros e difíceis, e para tanto era necessário o apoio completo de sua família. O pai, capelão e médico, seria uma peça importante para amparar a vida do pastor Brintti quando ele estivesse próximo da partida, dentro dos próximos anos.

Reconciliado com seu pai – uma realização pessoal para ambos –, Brintti passou a trabalhar na capelania da UNICAMP. Ficou ali até seu último dia de vida.

Levou muitas vidas aos pés da Cruz. Com seu jeito simples e amoroso de pregar a Palavra. Foi esteio para muitas vidas e bênção para aquele lugar.

Adoeceu. Sabia que não seria curado. Da mesma forma que Eliseu morreu da doença que sofria,

assim seria com ele. Deus o havia revelado.

Quando a saúde deu os últimos sinais de desgaste e Brintti soube que iria partir para estar de vez nos braços do Pai, não relutou. Seu tempo estava acabando. Avisou sua família e amigos próximos.

Já na UTI da UNICAMP, muito doente, mas ainda lúcido, recebeu sua última visita na terra: seu pai.

Quando Daniel e seu pastor e editor, Ubiratan, foram fazer uma visita de condolências ao pai do Brintti, em Campinas, não sabiam bem o que dizer para trazer consolo. Foi o próprio homem que os tirou da situação de constrangimento, falando mansamente:

“Vocês estão querendo me consolar, não é?”

E então contou como tinha sido a partida do pastor Brintti. Naquela última noite, ao entrar para vê-lo na UTI, sabia que estava chegando a hora da despedida. Perguntou ao filho se ele queria orar. Diante da aquiescência, eles se abraçaram e pediram a Deus que os assistisse naquele momento. O pai,

naquele difícil momento, reconheceu que um dia Brintti viera dos braços de Deus para os dele, e que agora era chegada a hora de devolvê-lo aos braços do Senhor até que pudessem novamente se reencontrar na eternidade. Depois daquela oração, Brintti foi levado. Morreu abraçado com seu pai.

Fechou os olhos e os abriu nos céus!

Mais tarde, quando a ocasião se pronunciou, o pai do pastor Brintti esteve em um dos seminários de Daniel e deixou registrada a coragem de aceitar com abnegação, alegria e entendimento aquela separação precoce. Reflexo de um mover do Espírito que somente Deus pode dar. E ele falou do efeito multiplicador da fé.

“Um dia meu filho se dispôs a orar por um jovem. Agora, através deste jovem e de sua esposa, quantas vidas mais podem ser alcançadas? Porque um dia meu filho cedeu o tempo de fazer uma oração, agora muitos são abençoados, vidas às quais o pastor Brintti não teria acesso. Se ele tivesse se

recusado em investir seu tempo e esforço, acreditando que Daniel estava tendo um ataque de esquizofrenia, um chlique... Acreditando que aquilo não era nada, como diziam os outros líderes daquela igreja... hoje esse servo de Deus não estaria aqui alcançando tantas vidas”.

Foi um verdadeiro discurso de amor para um pai que acabou de perder seu filho ainda jovem. Esse é um resultado que somente Deus pode produzir! Parte do testemunho do pai do Brintti encontra-se registrado na gravação do DVD do Seminário de Missões, em que Daniel ministrou em Campinas na igreja de um pastor muito querido.

\*\*\*

Muito tempo depois, Daniel e Isabela entenderam melhor aquela equação: que Brintti fora dado para que Daniel pudesse ser liberto. Deus em sua onisciência preparou Daniel para ser o instrumento

para restaurar a vida do pastor Brintti. Satanás perdeu duas vezes. O preço da vitória pode ser resumido em amor, obediência e humildade.

O pastor foi açoitado pelas trevas duramente e sucumbiu ao seu fogo, deu vazão à sua carne. Entretanto, antes do fim restaurou-se com Deus e com seu pai, voltou ao primeiro amor, para enfim deixar-se levar à Jerusalém Celestial como filho amado.

Quando a Irmandade dizia “ele está morto”, não estavam errados. Existem vários tipos de morte. Todavia, pelo menos no caso do Brintti, aquela funesta realidade foi transformada em vida nova. As consequências do pecado foram colhidas, mas a vida eterna não se perdeu. Ao longo da jornada que Deus propôs a Daniel e Isabela, eles puderam presenciar muitas quedas de pessoas que um dia tinham estado ombro a ombro com eles.

Muitos pecam, e não se arrependem. Caem, e permanecem no erro, por causa de seu orgulho e

dureza. Não foi assim com o pastor Brintti. Sua humildade e singeleza de coração o salvaram.

\*\*\*

*“E Deus limpará de seus olhos toda lágrima,  
e não haverá mais morte,  
nem pranto, nem clamor, nem dor...” (Apocalipse  
21:4).*

\*\*\*

*“Aquele que está em pé vigie para que não caia”.*  
(1 Coríntios 10:12)

Esse lembrete deveria ser colocado em evidência, escrito em pedaços de papel e grudado no espelho para que quem luta não deixe de lutar.

Vivemos dias maus. A Irmandade cumpriu grande parte de seu propósito, a maior parte dele, e trará o anticristo à existência fazendo com que seja adorado pelo mundo. As peças do quebra-cabeça de

Lucipher estão praticamente encaixadas. Vivemos dias pré-tribulacionistas, dias pré-apocalípticos. Frieza, vaidade, orgulho, avareza, desamor...

Temos perdido a verdadeira essência do evangelho. Restam centelhas de fé aqui e acolá. A pergunta é: resistiremos?

# CAPÍTULO 3

## “São Paulo é do Senhor Jesus”

O Movimento de batalha espiritual nos segmentos protestantes começou com as experiências de dois missionários norte-americanos na China, nas décadas de 1930 e 1940, através da “Missão para o interior da China”.

Um deles, J. O. Fraser (nome fictício) envolveu-se com uma tribo que praticava o ocultismo, feitiçaria e magia negra, segundo o seu entendimento. Mas, no início do seu ministério, ele realmente fracassou: não conseguia libertar ninguém daquelas crenças e suas

práticas. Os poucos convertidos não permaneciam na fé e era muito difícil libertá-los da influência dos maus espíritos.

Fraser insistiu. Na base da tentativa e erro procurou descobrir uma maneira de combater esses demônios, alguma estratégia que funcionasse no sentido de anular ou impedir a atuação deles sobre os convertidos. Depois de várias tentativas, Fraser deixou de lado as Escrituras e desenvolveu um método na base do pragmatismo, ou seja, “se funciona, está certo”. Foi assim que ele entendeu ter encontrado o caminho para invadir os territórios dos demônios e amarrá-los.

Fraser era apenas um missionário desconhecido. Porém, suas anotações e cartas foram posteriormente publicadas por sua irmã, e esse conhecimento veio a público.

Atribui-se o refinamento destas estratégias ao norte-americano John t. Wallace (nome fictício), professor de Missiologia no *Fuller Theological*

*Seminary* em Pasadena, Califórnia, com quem Grace fez escola nos anos 1980, formando-se doutora em Missiologia.

John t. Wallace havia sido missionário na América Latina e percebeu que o evangelismo funciona melhor quando é realizado em conjunto com a oração, e que Deus capacitava certas pessoas a serem extraordinariamente poderosas neste ministério de intercessão. Em outras palavras, ele queria dizer que, para a Igreja crescer, é preciso fazer batalha espiritual. Voltando aos EUA, ensinava no *Fuller* com fortes convicções pentecostais, fruto do tempo e do trabalho na América Latina.

É fato que a guerra para salvar vidas se dá, primeiramente, no âmbito espiritual. Como Fraser, os evangelistas podem pregar arduamente durante anos sem recolher uma única vida, mas esse quadro pode alterar-se significativamente quando os demônios atuantes no lugar são confrontados e afastados, mesmo que momentaneamente. Foi assim

que os primeiros conceitos sobre espíritos territoriais começaram a ser desenvolvidos. No entanto logo houve alguns problemas. O primeiro deles foi querer fazer uma espécie de “mapeamento” demoníaco, levando em conta hierarquias, castas e formas de atuação. Segundo Wallace, os espíritos ocupam territórios geográficos específicos, regiões que podem abranger países, estados, cidades, bairros, e até casas e ruas. Seu trabalho é cegar as pessoas, levá-las à perdição e impedir que a Igreja penetre ali.

Como não havia fonte fidedigna para colher esses dados – a não ser as próprias entidades demoníacas –, esse acabou sendo um trabalho perdido em boa parte. Houve muitas críticas ao se perceberem contradições nas informações colhidas destes “principados e potestades” que eram “obrigados em nome de Jesus” a falar somente a verdade, conforme o próprio Wallace diz num de seus livros. Criar uma doutrina com base em depoimentos dos demônios não é algo promissor.

Outra questão polêmica foi o exemplo bíblico. Jesus não ensinou os seus discípulos a pesquisarem os dados dos demônios para depois os expulsarem. Eles simplesmente expulsavam. Uma única vez Jesus perguntou o nome de um demônio, mesmo assim a entidade apenas se intitula “legião”, pelo motivo de serem muitos. Entretanto, as práticas para lutar contra os espíritos territoriais começaram a ser ensinadas com veemência por T. Wallace.

Uma coisa positiva em todo esse processo foi revelar à Igreja a realidade da atuação das hostes da maldade, com ênfase no evangelismo e na oração, ainda que a solução para o fato não seja simplista.

Mais ou menos nessa época foram lançados os livros de ficção de Frank Peretti, “Este Mundo Tenebroso” 1 e 2, que fizeram um incrível sucesso no mundo todo. Devemos a ele, talvez mais do que a qualquer outro autor, a difusão dos conceitos da batalha espiritual na atualidade. É possível que

muitos dos que se engajaram no movimento tenham sido influenciados por essa leitura.

Entretanto, a principal questão dificultosa em relação à batalha espiritual e aos espíritos territoriais não foi o fato de estas entidades existirem e atuarem, porque isso de fato acontece (como descrevemos em nossa obra “Rastros do Oculto”, bem como no “Seminário Nível II de Batalha Espiritual – a restauração do altar”). O problema foi pensar que era tão fácil expulsá-las.

Talvez George Marvel tenha sido o primeiro a descortinar, com muita inteligência, o caminho de legalidades que esses demônios percorriam até estarem assentados em suas regiões territoriais. Esse estudioso tinha anos de pesquisas e visitas a um sem número de países não cristãos, e ensinava como os pecados culturais transmitidos de geração em geração abriam as brechas para entidades se aproximarem e enraizarem sua influência de forma profunda numa localidade.

Desde a época da Irmandade, Daniel sabia que, quando um território está debaixo da influência de um principado ou potestades reais, eles não saem de lá tão facilmente! Para deslocá-los seria necessária uma profunda mudança nos hábitos e costumes da população, uma mudança cultural, até religiosa. Caso contrário, a legalidade continua e os demônios não têm por que deixar a região. No caso do Brasil, por exemplo: temos uma padroeira, e diversos aspectos culturais e religiosos que remontam nossa colonização. Para haver restauração da nação estes valores teriam que ser alterados como um todo.

Não adianta “expulsar” a aparecida. Não adianta fazer mapas espirituais e simplesmente confrontá-la. Para mudar essa situação seria necessária uma profunda mudança de hábitos religiosos. A Basílica consagrada à Aparecida, no interior de São Paulo, e que só perde em tamanho para Basílica de São Pedro no Vaticano, teria que ser demolida. Os adoradores da santa teriam que deixar de fazê-lo.

Isso criaria um profundo mal-estar com a Igreja Católica. É um caminho difícil, tão difícil quando foi aos Israelitas banir Baal de seu meio. Na verdade, eles não conseguiram.

Ao escutar pela primeira vez uma palestra de George Marvel no Brasil, Daniel ficou muito impressionado.

“Quem falou a ele estas coisas? Ele está muito certo no que diz”, Deus havia dito.

Só que a maneira de desenraizar um demônio poderoso de seu território é que era o ponto. Se forem confrontados por pessoas preparadas para isso, eles podem até se afastar por um período. Mas retornam. É como Jesus ensina: depois de expulso, o espírito maligno anda por lugares áridos, mas, se sua casa permanecer vazia, ele torna a ela e traz junto sete espíritos piores do que ele. A permanência da legalidade é como “estar com a casa vazia”.

Cabe a Grace o mérito de iniciar o movimento de batalha espiritual no Brasil, nos anos 1980, quando

era missionária da SePal, ela também se havia formado Bacharel em teologia pela Faculdade Metodista livre e em Pedagogia pela Universidade de São Paulo.

Sua contribuição foi importante por um lado, mas, por outro, ela também recebeu duras críticas. Tudo que é novo é mais difícil de ser aceito; Grace às vezes era vista como fanática por alguns, uma pessoa que “enxergava demônios em tudo”. E questionavam a obtenção de informação direta com os demônios, já que parte de sua doutrina prática vinha de experiências pessoais durante a libertação de pessoas endemoninhadas. Junto com Grace contracenou a pastora Nicete Vaz, que fazia parte do Movimento G12. Pastora Nicete foi tele-evangelista pioneira (foi a primeira líder evangélica a apresentar um programa de TV), foi consagrada pastora nos anos 1990 e posteriormente reconhecida apóstola (a primeira do Brasil). Escritora, solteira e sem filhos, optou por ser celibatária para servir apenas a Deus.

Precipitadamente ela divulgou, em forma de profecia, que Jesus voltaria em um sábado em julho de 2007.

O G12 deveria ter sido um aliado da Igreja em relação à maior parte de seus assuntos, inclusive batalha espiritual, já que seu objetivo maior era justamente fortalecer a Igreja. Como isso deveria acontecer?

Cada pastor escolhia um grupo de doze pessoas, cuidaria delas e elas dele. Essas doze, por sua vez, seriam líderes de célula em suas casas e dariam acompanhamento estreito a mais doze pessoas. Assim se estabeleceria uma rede onde cada líder cuidava de doze, que cuidavam de doze, que cuidavam de doze.

O que aconteceu é que cada líder, ao invés de se manter fiel à doutrina da igreja local e dos líderes principais, passou a diversificar seus temas de estudo em sua própria célula. No desenrolar da história, havia numa mesma igreja células a favor da batalha

espiritual e células contra. Células a favor da quebra de maldições hereditárias, e células contra. É como se o povo estivesse diante de um grande “buffet”: sirva-se do que quiser; pegue o que mais lhe agrada. Isso trouxe à tona uma ilusão de crescimento dos evangélicos, que na verdade apenas “inchavam” as Igrejas. Pois ali haveria alguém que falasse aquilo que queriam ouvir, e não o que Deus estava querendo dizer.

Outro aspecto é que os líderes de célula mais carismáticos – e que tinham o poder de arrebanhar mais pessoas – às vezes acabavam entrando em confusões doutrinárias tão severas com a liderança principal que terminavam saindo da igreja. Em seguida, abriam uma nova igreja. Esse trágico desfecho mostrou que, ao invés de fortalecer a Igreja, o G12 serviu para fragmentá-la. Lucifer sabe que casa dividida não prevalece. A Igreja estava enfraquecendo.

A despeito disso o movimento de batalha espiritual cresceu. Mas não de forma homogênea. Algumas denominações aceitaram bem os conceitos; outras não quiseram saber, considerando exorcismos e confrontos demoníacos coisa de gente ignorante, com mentalidade da Idade Média.

Mesmo assim, a ênfase na atuação de demônios sobre as pessoas – crentes e não crentes –, a questão de fazer renúncias verbais de pecados um a um, ser ungido com óleo para fechar possíveis “pontos de contato” e quebrar maldições hereditárias foram práticas defendidas pela Grace e pela Nicete, que publicaram vários livros nesse sentido.

Durante muitos anos essa visão permeou o cenário evangélico brasileiro, mas de forma ainda modesta.

\*\*\*

*“E se o meu povo, que se chama pelo meu nome, se humilhar, e orar, e buscar a minha face, e se*

*converter dos  
seus maus caminhos, então, eu ouvirei dos céus, e  
perdoarei os  
seus pecados, e sararei a sua terra”*  
(2 Crônicas 7:14).

A batalha espiritual estendeu-se desse âmbito relativamente restrito ao âmbito nacional. Quem hasteou essa bandeira no Brasil foi basicamente o grupo que já estava inserido no contexto da batalha espiritual – Grace e Nicete, juntamente com alguns outros que compartilhavam da mesma visão.

Organizavam-se muitos seminários e congressos com base nesse tema e pregavam cura e libertação não somente ao indivíduo, mas à terra brasileira. Quando esses seminários eram internacionais, geralmente o preletor que estava presente era o Geraldo Rojas, da Guatemala, que sempre mencionava Almolonga como modelo de restauração.

Foi aí que começou a se falar em “restauração do Brasil”. Entretanto, se bem nos lembramos, um pouco antes dessa época comentava-se muito sobre a profecia que havia sido derramada sobre o Brasil: ser um “celeiro de missionários”. Segundo T. Wallace e o dr. George Marvel, que entendiam o evangelismo de ponta como sendo um seguimento da batalha espiritual, é de se estranhar o malfadado destino dessa profecia. Afinal, a quantidade de missionários seria proporcionalmente direta à resistência que se oferece ao inimigo.

Quando Daniel fazia parte da Irmandade, a profecia do “celeiro de missionários” estava em voga. Havia espaço em muitas igrejas para divulgar trabalhos missionários e muito apelo em relação a missões, tanto para ser enviado, quanto para contribuir. Praticamente todos tinham ouvido falar.

Ele recorda, por outro lado, o interesse dos satanistas em fazer morrer essa visão missionária no Brasil. Segundo a Irmandade, isso nunca

aconteceria. Sua principal estratégia para minar projetos missionários era fazer secar as fontes de sustento de quem estava no campo, ou se preparava para isso. Apregoavam que a maior parte do dinheiro que se arrecadava para esses fins acabava não chegando a seu destino. Se isso realmente aconteceu, só aconteceu porque havia mãos corruptas na Igreja.

Daniel não viu de perto as condições dos missionários, mas Isabela pôde constatar uma pequena parte da realidade quando estava na faculdade e conheceu a JOCUM. Ao participar de muitos eventos evangelísticos com os missionários dessa instituição, conheceu pessoas sérias e comprometidas com Deus que tinham de orar para conseguir comprar um balde para lavar a própria roupa; outros, tão cheios de vigor, fé e planos, esmoreciam, morrendo aos poucos, sem sustento, largados no campo missionário. Muitos voltaram para casa.

A verdade é que o tempo passou e o “celeiro” nunca veio a existir. As condições dos missionários brasileiros sempre foram as piores possíveis.

A despeito desse fracasso, se começou a falar em restauração do Brasil. Confessavam-se os pecados da nação brasileira, escolhiam-se representantes de minorias humilhadas, como os índios, por exemplo, para que se lhes liberasse perdão, entregava-se a chave das cidades para Jesus, intercedia-se pelos governantes do país e coisas semelhantes.

Isso se tornou quase epidêmico no Brasil.

O discurso era encorajador. Em um país que, na época tinha inflação elevada, violência urbana severa, desemprego, sistema de saúde pública falida, falar de restauração era música para os ouvidos da maioria nas igrejas. O solo era fértil para plantar esta ideia.

A ênfase na mensagem de restauração pulverizou-se de norte a sul, de leste a oeste, e praticamente todo evangélica, a certa altura, já tinha ouvido falar

nisso. Os slogans “São Paulo é de Jesus” e “Brasil restaurado” corriam soltos. O povo acreditava realmente ser isso possível. Mais ainda: que era plano de Deus.

Não conhecia, porém, a dificuldade de afastar um principado de um território, ainda mais um território estratégico como o Brasil, um lugar coroado de intenções por parte da Irmandade.

Estariam eles dispostos a se afastar apenas porque a Igreja decidiu que seria assim? Como Baal deste século, Leviathan e os filhos das trevas deixariam de lado seus planos porque os evangélicos gritavam que o Brasil seria deles?

\*\*\*

Fato: se algum dia o Senhor chegou a cogitar nessa restauração da nação, a verdade é que a Igreja se perdeu no meio do caminho. Temos que retomar a rota.

\*\*\*

Ansiando por ver as coisas acontecerem – ou porque alguns perceberam que investir nessa esperança era bem aceito pelas massas –, chegou um tempo em que era preciso ser mais incisivo.

Aquele grupo de pastores e líderes engajados com a restauração do Brasil uniu-se a fim de formar uma comissão apostólica: o Conselho Apostólico Brasileiro, que tinha por objetivo a restauração do Brasil. Em outras palavras, Deus agiria por meio desses apóstolos comissionados por ele na intenção de sarar a terra. Era um grupo de pessoas preocupadas com a redenção da nação, segundo a pastora Nicete.

O alvorecer desse ministério apostólico no Brasil deu-se no começo do século XXI, portanto mais de dez anos antes do lançamento deste livro, quando quatro apóstolos foram consagrados durante o Seminário da Rede de Intercessão Estratégica

Patrocinado pela Grace, em São Paulo. Uma apóstola foi a pastora Nicete. Outro, o pastor que sediou o Seminário. O pastor Jessé foi o terceiro. Em pouco tempo, Grace também seria consagrada.

Isso deu margem a muitas igrejas começarem a envolver-se com política. Não que seja errado por si só, afinal todo lugar é lugar para haver um filho de Deus. O problema, no entanto, foi afirmar que a chave para o Brasil restaurado seriam essas pessoas que Deus levantaria para atuar nas Câmaras e no Congresso Nacional. Assim, Brasília seria coroada a “Capital da adoração”.

\*\*\*

Um dos primeiros projetos do conselho apostólico foi um congresso para milhares de pessoas em São Paulo, no Ginásio do Ibirapuera. Os principais projetos, porém, eram as conferências proféticas. Estas faziam parte do novo “Projeto Transformação

Brasil” e aconteciam anualmente, em importantes capitais brasileiras, por iniciativa da Grace e Geraldo Rojas. Foi nessa primeira conferência profética que mais dois homens foram ungidos apóstolos. A cada ano o número de líderes e ministérios envolvidos com a “transformação Brasil” se multiplicava. Não tardou para que alianças com ministérios internacionais fossem feitas. John T. Wallace e George Marvel foram alguns que apoiaram o movimento.

O objeto de muitas esperanças no contexto do “Brasil restaurado” foi Lucas, o pastor da igreja que Daniel e Isabela frequentavam na época. Ele foi ungido com óleo e sobre sua vida liberaram profecias de que seria o “Davi do século XXI”. Há fotos dele com a bandeira do Brasil e segurando um cetro na mão. Trocando em miúdos, isso significava que Lucas seria o presidente da nação. Grace e pastora Nicete foram as principais responsáveis por essa profecia, e por disseminar a visão de que o país

poderia ser restaurado por meio de um homem cristão na presidência. Acabou sendo uma ilusão.

Pastor Lucas era deputado federal nessa época. E, segundo a “profecia”, ele seria o Presidente do Brasil em 2006.

\*\*\*

Assim, existia o conselho apostólico – que cresceu um pouco mais, nomeando outros nomes e um candidato à presidência. A Igreja Brasileira, de forma geral, tinha comprado a visão da restauração e logo surgiram muitos outros candidatos evangélicos decididos a entrar no cenário político.

Tudo parecia engatilhado para que alguma coisa realmente importante acontecesse.

A bancada evangélica era também outra fonte de esperança.

\*\*\*

Daniel e Isabela entraram em contato com alguns destes “apóstolos” que agora faziam parte do conselho. A questão é que, basicamente, a postura de vários deles não condizia com o título que ostentavam.

Um dos pastores já tinha roubado o casal quando eles estiveram ministrando seminário em sua igreja. Outro estava mais preocupado com o dinheiro do que com as vidas. E outro não aceitava as revelações sobre a Irmandade. Certos nomes escolhidos para receber a unção de apóstolo e fazer frente ao inferno – pois trazer à luz um Brasil novo significava confronto profundo com as trevas – eram, no mínimo, “inapropriados”.

Daniel estranhava que Grace compactuasse com aquilo porque ele a havia informado de certas coisas, e da atitude de certas pessoas.

E agora eles eram apóstolos.

\*\*\*

Evidente que, nem todos os apóstolos são impostores ou falsos. Há um remanescente fiel. Há homens e mulheres com comprometimento, íntegros, ilibados. Que buscam o reino e seus preceitos acima de tudo. Pessoas sérias, movidas em amor e por amor ao rebanho. Daniel conheceu muitos desses em sua jornada de fé. Porém, aquela parte, que mais ostenta os títulos, era a que menos tinha qualidade para representar o Reino de Deus na terra. Muitos se deixaram levar por sentimentos pífios e por ufanismo. Foram contaminados com a síndrome de Lucifer: orgulho e vaidade.

\*\*\*

Que pessoas podiam ser mais ilibadas do que os doze que Jesus escolheu para acompanhá-lo e depois divulgar Sua mensagem por toda a terra? (Excetuando Judas, é claro). Eram pessoas especiais, que tiveram de Cristo um treinamento especial

justamente porque foram capazes de se entregar de forma especial. Subentende-se o grau de comprometimento, de amor, de fé, coragem e preparo que requer o chamado apostólico. Não se trata de um título para ostentar. É um chamado dos mais criteriosos.

O nome de Daniel foi cogitado para fazer parte do conselho. Devido a sua história peculiar e a grande publicidade que o livro “Filho do Fogo” havia recebido. O apoio dele seria importante naquele contexto.

Grace incumbiu-se de dizer-lhe que estavam dispostos a aceitá-lo e ungi-lo para aquele seletivo grupo. Daniel pensou e orou, mas não obteve paz no coração ao pensar que se tornaria um “apóstolo” e dividiria aquela visão do Brasil restaurado com algumas daquelas pessoas.

Não se tratava de aceção.

A visão do conselho, a princípio, era pura e genuína. Mas simplesmente não se encaixava com o

que Daniel tinha aprendido sobre guerra e com o que sabia dos projetos da Irmandade, não se coadunava com o que ele e Isabela tinham escrito em seus livros. Além disso, se aceitasse o convite e se tornasse apóstolo, isso implicaria em forjar com aquele grupo uma aliança. Como Daniel poderia unir-se em aliança com pessoas que o tinham deslavadamente roubado e que não eram santas? Com pessoas que rejeitavam abertamente as informações que eles traziam em seus livros e seminários? O tempo mostrou que fez a escolha certa.

Os demônios não iam sair do Brasil só porque eles queriam que assim fosse.

Existe uma vertente do Cristianismo que nem mesmo acredita ser possível existir em nossos dias verdadeiros apóstolos, já que defende que essa unção era específica para o tempo de Jesus. Naquele tempo, os sinais do apostolado eram claros e irrefutáveis. E, mesmo naquela época, o Império

Romano não foi restaurado porque Jesus veio, e muito menos Israel. Da mesma forma, o fato de José tornar-se o segundo homem mais importante do Egito, e amigo do faraó, não mudou as crenças, os rituais e a cultura daquele povo.

A pretensão de restaurar a nação – e para isso supostamente expulsar príncipes territoriais que Daniel conhecera muito bem – era exagerada. Uma visão simplista. Tinha funcionado com Almolonga por ser um lugar pequeno em que houve realmente mudança de mentalidade e atitude, mas confessar os pecados da nação e fazer atos proféticos por si só não afastam os demônios. O pecado tem que ser abolido, conforme diz o texto de Crônicas, mas não é tão simples abolir o pecado da nação! Não é tão simples acabar com o tráfico de drogas, a prostituição, a corrupção, a idolatria, a violência em todas as suas formas. Haveria também que deslocar os satanistas.

Era um trabalho hercúleo. Não que Deus não o pudesse realizar, mas nunca escolheria um grupo que, mesmo em parte, ostentasse os mesmos pecados da nação. Havia contaminação ali. Basta um para contaminar o todo. E, por sinal, havia mais do que um. Daniel e Isabela tinham aprendido muito bem, a cair, a perder, a viver a guerra dia a dia, e que não se pode ter nenhuma brecha. Nenhuma legalidade.

Restaurar o Brasil no final dos tempos, às portas do apocalipse, iria requerer um pouco mais.

Mesmo se Deus pretendesse essa realização, não o faria usando pessoas corruptas. Esses seriam esmagados, levando junto com eles as pessoas de boa índole.

\*\*\*

“Grace”, explicou Daniel, “não sinto muita tranquilidade em fazer parte desse grupo de

apóstolos”.

Daniel não queria se indispor com a Grace, a quem respeitava, mas ele e sua esposa pregavam sobre santidade e levavam isso a sério. Além do mais, Deus não lhes havia dito nada sobre isso. Nenhum sonho, nenhuma visita do arcanjo Mikhael, nenhuma palavra falando a respeito.

“Tudo bem”, disse a Grace. “Se você não sente direção nisso, já temos outros nomes cogitados”.

\*\*\*

Daniel sabe o que a Irmandade faria em relação ao conselho apostólico. Ela primeiro atestaria se a unção dos apóstolos era verdadeira, isto é, se tinha vindo do alto, do trono do Senhor dos Exércitos.

A intenção destas pessoas – que davam também cobertura à maioria das igrejas com apóstolos no Brasil – começou legítima. Depois, entretanto, os demônios começaram a encontrar farto material:

orgulho, vaidade, soberba. Nos bastidores, queima esta fogueira. Os “reles” pastores de ovelhas, missionários e líderes de “menor porte” foram, de certa forma, excluídos, como se sua unção e seu chamado não fossem suficientes. Criou-se uma elite. Elegemos novos “Papas” e pequenos Lúciferes.

Infelizmente, na Igreja de modo geral é assim que acontece: uma competição para ver quem galga o lugar mais alto, com quem Deus fala mais, quem é mais usado, quem recebe mais revelações, quem confronta demônios mais poderosos.

Isso não é novo. Até os verdadeiros apóstolos do tempo de Jesus discutiam para saber quem se assentaria à direita e à esquerda do Mestre, no Reino Celestial. Do mesmo modo, embora Jesus houvesse também escolhido Maria Madalena, poucos a reconheceram.

A Irmandade diria que nenhum desses apóstolos do conselho promove sinais genuínos de Deus, como era comum aos doze de Jesus. Os sinais dos

apóstolos de Jesus eram a chancela da veracidade, uma marca visível. Não havia como questionar. Eram milagres, expulsão clara de demônios, revelações verdadeiras, curas. Até mesmo o lenço de Paulo podia trazer cura, de verdade. Não estamos falando da cura da dor de cabeça e do caroço. Nem de comercializar o lenço ungido. Mas de uma unção autêntica e incontestável.

Segundo Atos 2, depois da partida do Mestre, os apóstolos continuavam compartilhando a doutrina e dividindo o pão, tendo tudo em comum com as pessoas que iam sendo acrescentadas dia a dia.

Hoje algum apóstolo tem essa visão de humildade e de ser um canal de bênção para o próximo? Como pode alguém querer ser canal de bênção para a nação e estar imune ao sofrimento do ser humano ao lado, seja ele quem for? Como pode alguém querer ser canal de bênção para a nação e roubar o pão dos missionários?

Isso não significa sair por aí dando as suas coisas, mas estar predisposto a ser usado por Deus em qualquer circunstância e não somente naquelas em que você deseja ser usado.

Aos poucos vai ficando evidente o desdobramento destas coisas. Falou-se tanto em celeiro de missionários, e nada aconteceu. A profecia caiu no esquecimento. Falou-se do Ano do Jubileu, na época da comemoração dos cinquenta anos do Estado de Israel, quando se profetizou restituição ao povo. Nada. Depois, a restauração do Brasil. E nada. O tão esperado avivamento. Nada. Aparecem “unções estranhas”: unção do riso, dos seres viventes. Datas para a volta de Jesus: 2007... 2017. E os congressos de batalha espiritual, os atos proféticos... sempre a mesma coisa, mas nada acontece. O povo começa a saturar de mais do mesmo.

Aos poucos se criou a “Igreja emergente”: pessoas que estão saindo das igrejas locais porque já não

confiam na instituição. Começaram a ver que tudo isso os estava levando a lugar algum. O povo está ficando cansado de correr de um lugar para outro, de ouvir essas promessas e profecias. Está árido. Tem sido alimentados com água salgada, que mesmo dada em abundância não sacia a sede. É ilusão! Só Jesus tem a água de vida.

A Irmandade concluiria, por fim: o povo não acredita mais na igreja. Quando começar a perseguição – verdadeiramente –, onde estarão esses que profetizaram e fizeram tanta batalha espiritual em prol da nação? Qual o resultado disso?

\*\*\*

Existe ainda um remanescente fiel que faz parte dos pequenos grupos da “Igreja emergente”. É um remanescente que não faz mais parte das multidões. Na época de Jesus, muitos ouviam suas mensagens, mas poucos o seguiam de fato. Quando o Mestre

começa a desnudar a verdade, muitos o abandonam (João 6:60). A verdade é amarga. Mas, liberta!

Muitos não suportam a mensagem da verdade. Pois, nem sempre esta afaga o ego.

Dos que ficaram com Jesus, um o iria trair. Temos um grupo pequeno, 11 apenas.

Porém, estes poucos influenciaram muitos.

O exército de Gideão não era numeroso, mas poderoso. Uma vez que estavam ali só os valentes que Deus escolhera. Há um remanescente fiel, que não se inclina a Baal de nosso século. Que tem se agrupado nos desertos, que tem buscado as palavras de Cristo para suas vidas. O evangelho, simples, puro e extremamente poderoso.

Muito joio tem crescido com a Igreja. Quando as perseguições chegarem, toda esta palha será queimada. Só os que amam a Jesus de fato estarão em pé, como o junco que se curva nas tempestades, e depois dela se eleva novamente. Estes têm se espelhado na Igreja primitiva onde tudo o que era

ensinado a eles era checado na Palavra (atos 17:11). Assim eles não eram enganados pelos falsos profetas.

\*\*\*

E o “Davi do século XXI”?

O pastor Lucas, que Daniel e Isabela conheciam bem, seria a pessoa certa para enfrentar principados e potestades, indo contra a determinação da Irmandade de posicionar suas próprias peças no Congresso Nacional a fim de prepararem o país para o advento do anticristo?

Pastor Lucas era reticente à visão da Irmandade e dos satanistas como Daniel a apresentara no livro “Filho do Fogo”. No início, o casal optou por correr o risco e alertar seu pastor, mesmo antes do lançamento do livro. Lucas não acreditava. Mesmo quando lhe falaram de pessoas que o pastor conhecia do contexto político, ele relutava em

aceitar a informação. Relutava em aceitar Daniel. Relutava em ler o livro que fora lançado ali mesmo, em sua igreja, e que supostamente ele tinha abençoado.

Se o abençoara, por que não o lia? Pastor Lucas estava numa linha de frente, e agora recebera a promessa de ser o presidente do Brasil.

O povo perece porque lhe falta conhecimento. Mas e quando o conhecimento bate em sua porta e você o rejeita? Daniel e Isabela pagaram alto preço para publicar as informações de “Filho do Fogo”, na intenção de salvaguardar a Igreja. Gratuitamente, muitos rejeitaram esse conhecimento. Mesmo assim queriam fazer batalha espiritual.

Pouco antes do lançamento de “Filho do Fogo”, pastor Lucas expôs Daniel publicamente num congresso, chamando-o pelo nome de batismo e colocando-se contra o fato de ele optar por um pseudônimo. O pseudônimo tinha sido direção de Deus e Grace escolhera o nome.

De repente, sem mais nem menos, pastor Lucas se colocou contra aquilo sem saber o que o casal vinha passando, de forma pública, com o microfone na mão.

Foi um banho de água fria, inesperado e desnecessário. Aquela postura de seu pastor entristeceu muito o casal, que estava às portas do lançamento do livro que tanto lhes custara, escrito em meio a ameaças, dores e perseguições.

A questão da mudança de nome não é estranha aos cristãos. Abrão tornou-se abraão, Jacó tornou-se Israel, e o nome de nascença de Barnabé era José. Qual o problema em ser Daniel? Foi um nome que Deus deu. Por que interferir dessa maneira, sem sequer ter falado com o casal, ou com a Grace, antes? Por que ali, em pleno seminário de batalha espiritual na igreja da pastora Nicete?

\*\*\*

Embora Daniel não tivesse aceitado ser ungido apóstolo, Grace lhe disse que poderia estar presente naquele primeiro congresso do Ginásio do Ibirapuera. Daniel não poderia entregar nenhuma palavra, já que somente os apóstolos iriam falar, mas o casal teria permissão para vender seus livros na ocasião. Dois dias antes do evento, entretanto, Grace informou a Daniel que o conselho não havia aprovado a venda de seus livros. Afinal, Daniel não se tornara apóstolo, e somente os apóstolos poderiam vender qualquer tipo de material.

Daniel e Isabela não entenderam essa negativa muito bem naquela época, afinal não estariam pegando dinheiro de ninguém. Hoje, após tantas visitas de Daniel às igrejas, não é tão “estranho” assim. Os pastores e líderes – e pelo visto também os apóstolos – se preocupam que as pessoas “gastem dinheiro” com ofertas ou com a compra de produtos do missionário e acabem deixando de ofertar para a

igreja que sedia o evento. Pode parecer mesquinho, mas é assim que funciona.

Estava claro que não haveria espaço para o relato de Daniel se ele não se aliançasse com os apóstolos. Algumas pessoas às vezes perguntavam por que Daniel não era convidado para aqueles congressos de batalha espiritual organizado pelos apóstolos. Os motivos são estes: orgulho, ciúmes, corrupção, sede de poder que geram divisões.

Essas recusas em relação ao trabalho de Daniel foram precursoras de uma muralha que se ergueu na cidade de São Paulo, fechando-a para a palavra do missionário. Mesmo sendo paulistano, Daniel nunca teve espaço em sua cidade natal. Com raras, e honrosas exceções. A cidade mais importante do país voltava as costas para ele e seguia o curso que escolhera.

Quanto à visão do “Brasil restaurado”, os anos passariam e ela seria posta à prova.

\*\*\*

O número de apóstolos no Brasil cresceu pelo menos dez vezes depois que se instaurou o conselho apostólico. Hoje são centenas, e não param de crescer. Percebe-se a grande vontade de ostentar títulos que esbanjam essa pseudoespiritualidade. Outros títulos foram criados para saciar esta sede de poder: patriarca, paipóstolo e até rei!

Antes, havia somente um “apóstolo” no Brasil. Ele era o responsável por uma igreja muito grande em São Paulo, mas depois de alguns anos ele e a esposa foram presos nos EUA por entrar com dinheiro não declarado e por acusação de crimes como lavagem de dinheiro no Brasil. Só puderam voltar ao país dois anos depois.

\*\*\*

Por que, num seminário internacional de batalha espiritual, a Grace oraria e profetizaria sobre a vida

de um dos apóstolos do conselho, dizendo que Deus o havia chamado para ser um guerreiro da luz no Congresso Nacional, contra os satanistas que lá estão? Esse homem lançou candidatura para deputado naquele ano e perdeu. Lançou candidatura novamente quatro anos depois, e perdeu. Quando “Deus” anuncia que alguém será deputado, isso deveria acontecer.

Daniel e Isabela continuavam sem saber por que Grace se envolvia com aquele tipo de coisa...

\*\*\*

Dentro do processo de campanha eleitoral, pastor Lucas mais de uma vez trouxe “aliados” políticos para dentro de sua igreja local, oferecendo-lhes o púlpito. Grace enviava cartas para a igreja dizendo que o tal “aliado” era um “homem quebrantado”. Numa dessas ocasiões, Daniel viu o demônio que acompanhava um desses homens. Quando ele se

ergueu para subir no púlpito, o demônio subiu também, e ali ficou. O aliado em questão era frio – como conseguia convencer as pessoas? Nem sequer fechou os olhos durante a oração, em sua atitude de arrogância e desprezo pelos costumes dos evangélicos.

O casal informou dona Clara sobre o demônio, e ela ficou de avisar ao pastor Lucas. Mas foi em vão. Ele nunca levou em consideração esses avisos.

Depois disso, na igreja de um dos apóstolos, num congresso de batalha, o grupo de intercessão afirmou ter visto Leviathan no altar. Apenas observava aqueles que tinham a intenção de lutar contra ele, principado que domina o Brasil. Não se incomodava.

Durante a “Marcha para Jesus” havia balões do candidato Lucas num período em que não era permitida a propaganda eleitoral. É uma coisa simples: se pode, pode; se não pode, não pode. Por que querer encaixar o velho “jeitinho brasileiro” nas

coisas espirituais? Dona Clara – diaconisa da igreja do pastor Lucas e que fazia parte dos doze dele – disse, depois, que o pastor Lucas teria que pagar uma multa por ter feito campanha eleitoral fora do período estabelecido.

Às vezes a igreja do pastor Lucas se mantinha orando para que pessoas de dentro do contexto político morressem. Grace chegou a um ponto em que literalmente odiava alguns dos satanistas mencionados em “Filho do Fogo”, particularmente Marlon. Até que Deus falou com ela, lembrando-a da prática do amor. Porém, tempos mais tarde, as orações para que Marlon morresse foram novamente retomadas.

Noutra ocasião, a cunhada do pastor Lucas, também pastora, comentou com Daniel e Isabela que tinhamorado para que Deus pesasse a mão sobre a vida de um determinado político.

“Ele morreu num infarto fulminante”, disse a pastora. “Chorei muito por isso quando soube,

porque fomos nós que fizemos essa oração”.

Daniel não disse nada, nem sua esposa, porque não adiantava falar. Mas o fato é que o cargo vago daquele político foi ocupado por uma pessoa ainda mais ligada ao satanismo. Daniel sabia quem era. Por que Deus tiraria uma fruta estragada para colocar em seu lugar uma fruta mais podre ainda?

Onde estava o discernimento daquele povo?

Não seria motivo de preocupação maior o fato de a bancada evangélica no Congresso Nacional estar em processo de deterioração, envolvida em atos de corrupção e em negócios ilícitos? Acabar com a bancada evangélica tinha sido um dos alvos da Irmandade. O alvo foi atingido.

Os congressos de batalha espiritual e os atos proféticos que pululavam pelo país, as orações semanais na Câmara dos Vereadores em São Paulo, as constantes intercessões pelas cidades e pelo Brasil e todo o empenho na campanha do pastor Lucas

não o levaram à presidência. Em muitas e muitas igrejas do país orava-se por isso, acreditava-se nisso, falava-se nisso. Mas nada aconteceu.

O pastor Lucas acabou não sendo o “Davi do século XXI”, pois depois de seu segundo mandato como deputado federal nunca mais conseguiu se eleger.

Deuteronômio 18:22 diz que se um profeta falar em nome do Senhor e o que ele profetizou não acontecer, nem suceder, em vão falou o profeta.

\*\*\*

Como Deus não depende de pessoas, havia outra carta que tinha potencial para ser o que Lucas não seria. Tratava-se de um evangélico que se tornara bastante proeminente no âmbito político e de repente começou a ocupar amplo espaço na mídia. Exercendo cargo de alto escalão, atingiu um patamar

que o pastor Lucas e nenhum outro evangélico foram capazes de atingir naquele tempo.

Daniel e Isabela não tinham acesso a esse político, mesmo assim era importante que ele conhecesse os bastidores da Irmandade; então o livro “Filho do Fogo” lhe foi enviado. Existe uma foto do momento em que ele o recebeu.

Deus é poderoso, e não devemos caminhar pensando o tempo todo no que o inimigo arquiteta para nós. Entretanto, se Deus traz um conhecimento novo em algum momento da caminhada, o mínimo a fazer é aceitar e examinar esse novo conhecimento, retendo o que é bom. Isso evitaria, por exemplo, uma mudança de partido errônea. Evitaria o laço do passarinho.

Esse evangélico – de vida aparentemente ilibada e bastante querido por seus eleitores – poderia ter feito diferença. Não quer dizer que se ele chegasse à presidência as bases do Brasil seriam mudadas, mas poderia tornar-se um referencial para muita gente.

Seria bom o presidente brasileiro ser um cristão, ter uma família estruturada, não se envolver em escândalos. Essa imagem positiva poderia gerar seus frutos.

Mas é claro que a Irmandade colocou esse homem na alça de mira e nem mesmo isso aconteceu. Em pouco tempo não se ouvia mais falar dele, depois que enfrentou um problema após o outro e acabou varrido do cenário político principal.

\*\*\*

Hoje a Irmandade não se incomoda com a circulação do livro que denunciou suas estratégias já que a Igreja não deu importância a essas revelações. Aqueles que se denominaram salvadores da nação rejeitaram a importância do conhecimento e o valor da humildade.

\*\*\*

Nas eleições de 2010, Nicete apoiava a candidata Marina Silva. Já a Grace, no segundo turno, apoiou o candidato José Serra, alegando que o vice da outra candidata – Dilma Rousseff – era satanista. Apesar do “apoio-contra” dos evangélicos, Dilma elegeu-se presidente.

Lamentavelmente, alguns crentes acham que têm o poder de ligar e desligar as coisas no céu e na terra através de pseudoatos proféticos e declarações que vêm do homem. Acham que Deus está ali apenas para fazer a vontade deles. E a verdade não é essa. Para ligar ou desligar alguma coisa, o coração precisa estar ligado nele primeiro, e nos seus princípios. Não é possível ter a terra sarada sem primeiro passar pelo arrependimento, sem a mudança de rota.

Certa vez uma “profetisa” foi executar um ato profético no cume do monte Everest, depois, foi “transladada” para o cume do Himalaia a fim de

concluir o processo. Segundo o depoimento da mesma, o fato aconteceu de forma literal. Não foi algo figurado, ou levada em espírito. Ela esteve lá em pessoa. Outros atos proféticos foram realizados no centro geodésico do Brasil, em Palmas – TO. Ali, um grupo de apóstolos ligava nos céus uma declaração de que o Brasil seria restaurado. Outro que tornou iminente foram os atos proféticos fora do país, na tentativa de evitar que as entidades de outras nações viessem para cá. É evidente que nada disso surtiu efeito, ou fez eco no mundo espiritual. Porém, arrancaram aplausos entusiasmados de multidões que ficam atônitas com estas “maravilhas”.

No entanto, quando Daniel diz que viu um anjo do Senhor, muitos o tratavam com desdém, afinal, ele não era apóstolo. E os anjos não aparecem para os pequenos.

Importante pontuar que Jesus nos ensinou exatamente o oposto: os grandes estão entre os

pequenos.

\*\*\*

Uma ressalva cabe ser feita, em se tratando dos líderes evangélicos de São Paulo. O nome desse pastor é Rivaldo e ele foi a única pessoa que estendeu a mão a Daniel no sentido de facilitar a divulgação do trabalho do missionário, tanto na capital paulista como no interior do estado, abrindo espaço em suas igrejas.

O pastor Rivaldo abriu espaço para Daniel filmar o “testemunho” em sua igreja, durante uma de suas conferências, também o convidou a participar dos congressos anuais que organizava durante três anos seguidos. Mais tarde, Daniel deu um seminário na nova sede da igreja, com duração de quase treze horas. Daniel abraçou aquela oportunidade para lançar o máximo de sementes para aquele público.

Também foi naquele ministério que foi filmado o Seminário de Cura e Libertação.

O pastor abriu espaço para entrevista na rádio que a igreja mantinha. Por fim, determinou que toda igreja pertencente ao seu amplo ministério, e que tivesse estrutura adequada, sediasse os seminários de Daniel.

Mesmo assim, essa parceria durou certo tempo. Daniel continuava alertando as igrejas sobre as muitas mazelas do meio evangélico e a necessidade de uma vida pura e reta. Falava contra a Igreja dos últimos dias, que se prostitui, que se enlameia com a podridão dos corruptos e dos mentirosos.

Pastor Rivaldo lutava para tentar promover a unidade da Igreja. Aceitando inclusive líderes para pregar em sua Igreja com doutrinas opostas, a fim de mostrar ao povo de Deus a multiforme graça do Pai.

Daniel respeitava o pastor Rivaldo, seu ministério e sua vida. Entregou o recado de Deus em amor.

Sabia que não haveria condições de ministrar mais naquele lugar. Daniel destoava dos demais. Havia se tornado uma espécie de “João Batista” deste século. Não era mais bem-vindo em muitos templos.

Falar de amor, perdão, santidade, integridade. Não faz de ninguém popular.

Jesus foi crucificado por pregar simplesmente o amor.

Se Daniel e Isabela continuam falando, mesmo vivendo financeiramente arrojados e com poucos a seu lado, é porque Deus os tem sustentado. Assim o seu ministério continuou.

\*\*\*

Havia momentos em que o Senhor orientava cancelar um seminário mal preparado. Mas isso era raro. Na maior parte das vezes, mesmo os seminários mal preparados eram mantidos porque o Senhor se compadecia das vidas. Mesmo quando a

liderança fazia coisas erradas e pecava no zelo, nas orações, no comprometimento, no cumprimento das regras e até na idoneidade, muitas vezes Daniel era orientado a ir assim mesmo. Em obediência, ele dava sempre o seu melhor.

Várias vezes ao longo da jornada, o Senhor avisou que ele seria roubado pelos líderes da Igreja. Esse tipo de situação pesava muito no coração de Daniel, preocupado em ter como pagar suas contas. Entretanto, mais de uma vez, na maior parte das vezes, Daniel foi orientado a ir mesmo assim. Ele deveria dar o seminário com zelo e avisar ao pastor que, se não houvesse arrependimento da parte dele, Deus pesaria Sua mão. Mas raramente havia arrependimento. Quando o Senhor avisava que haveria roubo, sempre acontecia. Porém, como diz a Palavra, o verdadeiro profeta sempre é avisado com antecedência sobre as coisas que hão de vir.

Era difícil, e Daniel ficava extremamente entristecido; às vezes tinha vontade de deixar de lado

aquela Igreja que não aprendia.

Isabela procurava dar-lhe alento e se lembrava de que eles não dependiam de pessoas, mas de Deus.

“Não importa o que façam. O problema é deles. Quem vai colher desgraça são eles. Nós vamos permanecer no centro”.

Numa dessas ocasiões, a desgraça realmente não tardou. Deus avisou Daniel e disse-lhe que exortasse o pastor que roubava, avisando-o de que, se o arrependimento não caísse sobre o seu coração, ele não veria nascer a luz de mais um dia. Era sua última chance. O pastor se voltou contra Daniel, indignado ao extremo. Quem mente muito consegue fazer parecer que está dizendo a verdade. Para quem visse de fora, Daniel é que tinha se enganado e acusava um “idôneo servo” de cometer roubações.

Entretanto, o “servo” morreu naquela mesma noite e houve várias testemunhas daquilo que o Senhor fez.

Como diz o texto: “Maldito é o que faz a obra de Deus desleixadamente”.

Os anos passaram. O caminho foi árduo e consumiu muito da vida do casal. Tanto nos seminários – que se transformaram em 1, 2, 3, 4, 5 e 6 – como na escrita dos livros, Daniel e Isabela procuravam dar o melhor que podiam. Acreditavam que, mesmo quando não fossem reconhecidos pelos homens, seriam reconhecidos – e recompensados – por Deus.

E assim eles caminhavam. Um passo de cada vez.

# CAPÍTULO 4

## E era Ágape?

**G**race acolheu Daniel e Isabela quando eles não sabiam o que fazer, e recebiam ameaças vindas dos satanistas. Desde o início eles se sentiram bem com a presença dela, como se fosse um escudo de proteção. Consideravam-na uma aliada muito especial: através da Grace Deus iria tomar suas mãos e guiar seus pés. Não importava o quão difícil e arriscado fosse o caminho.

Daniel começou a ser ministrado. O casal aceitou totalmente aquele modelo de oração e conduta. Foi importante. Serviu para ajudar Daniel a literalmente

*expelir* o que tinha vivido, aos poucos, como numa terapia. As orações de guerra, as renúncias aos preceitos do satanismo, aos pactos, aos demônios, tudo aquilo foi sendo vomitado. Hoje eles entendem que Deus poderia agir mesmo sem toda aquela riqueza de detalhes e sem todas aquelas horas extenuantes de trabalho e oração. Contudo, naquele tempo, foi a coisa certa a ser feita. Os detalhes mais relevantes da trajetória de Daniel dentro da Irmandade foram confiados à Grace, a única pessoa que escutou essa história em primeira mão, além de Isabela. Aquilo se traduziria em libertação para Daniel, mas também haveria de ser uma maneira de Deus trazer informações para Sua Igreja através da Grace e do seu ministério.

Hoje, vendo a trajetória com mais maturidade, Daniel e Isabela notaram que tudo que havia de importante foi trazido à tona. No entanto, o conjunto de informações abarcadas em “Filho do Fogo”, “Guerreiros da luz”, “Voz do que Clama no

deserto”, bem como no livro “Rastros do Oculto” representam cerca de 30% do conteúdo vivido por Daniel no satanismo. Os demais detalhes não trariam edificação ao povo de Deus. Serviriam, tão somente, para emoldurar os piores pesadelos humanos. Mesmo sem perceber, Daniel, omitiu estas informações. Sabia que eram irrelevantes ao contexto. Somente Isabela ouviu a narrativa completa. O que a fez ficar noites em claro em puro choque. O satanismo tem uma embalagem muito sedutora, e poderia levar os mais fracos ao engano, da mesma forma que muitos anjos se precipitaram junto com Lucifer. Sabiamente Deus conduziu a história para que trouxesse edificação, fortalecimento e conhecimento à Noiva.

Foi também por meio dela, Grace, que o casal recebeu orientação sobre a mudança de igreja local, e eles passaram a ter Lucas como pastor. Infelizmente, ele nunca acolheu Daniel e Isabela de verdade. Mas, como Deus não depende de pessoas

nem dá valor a títulos humanos, eles encontraram dona Clara, que foi a segunda mãe de Daniel e Isabela durante vários anos. Ela era o segundo escudo de proteção. Através da Grace eles conheceram também Sarah e Jefferson, o terceiro escudo. Estavam bem escoltados.

Aos poucos, o casal entendeu e aceitou o chamado ministerial. Preparou-se para isso fazendo seminário durante um ano em sua igreja, além de outros cursos fora.

\*\*\*

O tempo passou. Daniel em tudo se reportava à Grace, buscava sua aprovação, considerando-se um discípulo dela. Nunca foi intenção dele e de Isabela se afastar da Grace, afinal, o grau de intimidade que tinham com ela era acentuado. Ela foi a pastora que eles não tiveram, foi mentora espiritual de Daniel, foi madrinha de casamento do casal e a primeira

pessoa que leu “Filho do Fogo” antes de sua publicação. Ela ensinou a Daniel os primeiros passos ministeriais, ajudando a introduzi-lo nesse novo meio. Se havia uma pessoa em quem os dois confiavam cegamente, era a Grace.

No entanto, vários fatores foram contribuindo para o afastamento.

O primeiro deles foi uma espécie de divisor de águas. Naquela época – comecinho do ministério – Daniel e Isabela costumavam sair à noite do Vale da Bênção para um encontro com a Grace na casa dela – no bairro da Saúde, em São Paulo –, por volta das onze da noite, horário que ela podia recebê-los. Era uma verdadeira viagem que acontecia mais ou menos a cada vinte dias. Depois que Grace terminava a reunião com sua equipe, o casal recebia a oração deles e ficava até de madrugada junto com a Grace para conversar e receber conselhos.

Isso aconteceu até o dia em que ela comunicou que a equipe iria acolher o casal. Isto é, seria como se

passassem a ser parte da equipe. Porém, isso nunca aconteceu na realidade. Eles oraram, aceitaram o casal, mas... E depois? Aquela foi a última vez que eles receberam oração daquelas pessoas. Nunca mais.

Estava claro que não havia desejo real da equipe em manter um laço mais estreito. Grace agiu de boa-fé, mas as pessoas que a acompanhavam não estavam preparadas para “dar espaço” a alguém que pudesse “brilhar” mais do que eles. O ministério de batalha espiritual era visto como uma espécie de “elite evangélica”, pelo menos parecia que assim eles se consideravam, colocando-se no pedestal. Afinal, enfrentavam demônios! Ficou bem claro ali, naquela noite, que as “boas-vindas” a Daniel e Isabela eram somente um mero protocolo.

Foi uma interrupção abrupta do relacionamento com a equipe da Grace. Mais tarde o casal viu que foi melhor dessa maneira. Eles eram todos muito diferentes, pensavam diferente e criam diferente.

Grace não mais chamou o casal para participar de qualquer reunião com sua equipe.

Embora nunca houvesse sido verbalizada nenhuma desculpa ou explicação, a verdade por trás dessa atitude era simples. O ministério do casal começava a despontar e crescia rápido e as pessoas da equipe passaram a olhar para eles com desdém. Quanto mais alto você sobe, menor fica aos olhos de quem não sabe voar.

A raiz mais profunda desse sentimento era inveja e ciúmes. Não muito diferente daquilo que permeou o coração de tantos outros. Os fariseus, que se julgavam grandes doutores da lei, olhavam para Jesus da mesma maneira, com pouco caso, temendo serem eclipsados, com cobiça. Parece que isso já está impresso no DNA do ser humano. Por inveja entregaram Jesus à morte e isso foi visível até a Pôncio Pilatos, conforme se descreve nos evangelhos.

Não foi diferente com os irmãos de José, que fizeram a ele o que fizeram por despeito e inveja; assim também agiram Miriã e Arão, levantando-se contra Moisés, e os irmãos de Davi igualmente. Também não foi diferente com Caim. Nem com Lucifer.

Tudo é fruto da mesma raiz contaminada.

Não seria a primeira e nem a última vez que Daniel seria alvo de inveja no meio da Igreja.

Assim, muitos destes que “faziam batalha espiritual” se deixaram levar pela carne, que é inimizade contra Deus, e pela inveja, que é a podridão dos ossos.

\*\*\*

Apesar desse afastamento estranho e “inexplicável” da equipe, Grace continuava convocando Daniel para ministrar aulas de satanismo em seus cursos. Certo dia ele foi dar aula e Grace não estava

presente. O assessor dela pediu permissão para gravar a aula, embora, nessa época, o casal jamais permitisse esse tipo de coisa. Em deferência à Grace, e por gratidão a ela, Daniel permitiu a gravação *apenas para os alunos do curso*. Foi para prestigiar Grace e sua aliança com ela. Não ganhou nada para isso.

Para surpresa de Daniel, meses mais tarde encontrou um site onde se vendia a “Ministração do Daniel Mastral”. As pessoas estavam afoitas, comprando o Cd por imaginarem que se tratava do seminário nível 1 em áudio, aquele que Daniel ministrava nas igrejas. Compravam gato por lebre: uma gravação de qualidade ruim de uma aula onde Daniel apresentava transparências e que, somente via áudio, ficava sem sentido.

Ele começou a receber reclamações em sua caixa de e-mail por conta desse material que nem sequer sabia que existia. Além das vendas por site, essa fita estava sendo comercializada na Expo Cristã.

Daniel sinalizou a situação para a Grace. Mesmo assim nunca houve uma retratação, qualquer pedido de perdão, ou tentativa de ressarcir o dano. Da mesma maneira, Daniel e Isabela nunca receberam nada pela venda desse material. Depois disso, nunca mais Daniel foi chamado para dar aula.

\*\*\*

Certa ocasião, quando Daniel havia retornado de uma viagem missionária ao Rio de Janeiro, ele se deparou com uma mensagem em sua caixa postal de voz. Era da Grace. Em um tom formal, diferente de como normalmente se expressava.

“Preciso falar com você com urgência!”

Daniel ligou para ela a fim de saber o motivo do alarido.

Ela não falou por telefone por achar que o mesmo estava “grampeado” por satanistas.

Pedi que ele se deslocasse a seu escritório. Daniel fez literalmente uma viagem para chegar até lá. Rumaram para uma sala de portas fechadas, onde Grace inquiriu: “Soube que seus assessores são satanistas e que todas igrejas por onde passam acaba por fechar!”

Daniel ficou estupefato.

“Grace, quem te disse isso? Há provas? Você conhece a fonte desta informação? Pois eles sempre foram da mesma igreja. Carla é da minha família e a conheço desde que ela nasceu! Não são satanistas!”

Grace, aparentemente se deu por satisfeita. Depois ficou esclarecido que a fonte da informação era anônima. Mas aquilo turvou o coração de Daniel e Isabela. Como que Grace dá ouvidos a um boato oriundo de uma pessoa sem nome?

Aquele fato não era algo isolado, já havia sido replicado outras vezes.

Parecia que o elo de confiança estava sofrendo erosão. Se era um plano das trevas, estava tendo

sucesso.

\*\*\*

Quando o casal lançou “Alerta Geral – Cura e Restauração do Corpo”, fundamentando a cura não apenas no âmbito espiritual, mas também do ponto de vista médico e científico, isso se tornou um problema com a Grace.

Nem todas as doenças derivam do mal e da atuação de entidades malignas. Esse é também o parecer bíblico. Esse foi um ponto de atrito com a doutrina que Grace ensinava. Outro ponto foi a questão da quebra de maldições hereditárias, que a Grace realizava. Daniel e Isabela passaram a entender essa questão de outra maneira, e falaram sobre isso no livro.

Pelo que parece, Grace interpretou essa publicação como sendo uma afronta contra ela e contra os seus ensinamentos.

Daniel procurou explicar que não estava entrando em divergência com a Grace. Deus tinha usado o modelo que ela estabelecera, inclusive com ele mesmo. A questão é que às vezes Grace tinha a tendência de se deixar levar por experiências pessoais que haviam funcionado e acabava fazendo disso um padrão. A experiência pessoal – a *rhema* – acabava transformada em doutrina. Daniel argumentava justamente sobre isso. O sucesso de um modelo de abordagem espiritual durante as ministrações não deveria fazer disso um modelo fixo. O modelo tem que ser a Bíblia, isto é, o *Logos* é a regra. O resto é exceção. A *Rhema* é exceção.

Isso não significava que Daniel e Isabela eram *contra* a Grace. Ao longo de sua jornada, eles simplesmente tiveram uma experiência diferente e passaram a rever alguns conceitos de acordo com sua própria percepção. Ver diferente não significa *ir contra*. Para alguns, o modelo utilizado pela Grace e

por tantos outros funciona. Para Daniel e Isabela, o novo modelo funciona também. Não estão com isso denegrindo pessoas. Já existe divisão demais dentro do Corpo de Cristo para fazer disso uma celeuma. Crer e ensinar diferente não eram um ataque pessoal a ninguém.

A questão da gratidão deles em relação à Grace era ainda mais forte.

No entanto, Grace nunca digeriu muito bem esse conflito doutrinário. Mais uma vez: não era nada contra a *pessoa* dela. Era apenas uma divergência de opinião.

Com isso, a distância ia aumentando...

\*\*\*

O grande divisor de águas do relacionamento, entretanto, não teve nada a ver com tudo isso. Dessa vez, sim, houve algo bastante pessoal.

Tempos antes, o casal havia pedido socorro a Grace para ajudá-los a intermediar uma desavença com Marco, irmão de Isabela, por causa da mãe deles. Segundo a visão do casal, dona Márcia, mãe de Isabela, não estava sendo bem cuidada. Ela já apresentava os sintomas bem aguçados de *Alzheimer*, era diabética – precisando de aplicação diária de insulina –, e apresentava um sério problema circulatório, o “fenômeno de *Raynaud*”. Essa má circulação era decorrente do frio: seus membros ficavam completamente arroxeados, o que também causava muita dor. O risco de uma gangrena era real, uma vez que, junto com o *Raynaud*, a diabetes também causa lesões na circulação periférica. Durante os meses de outono e inverno dona Márcia ficava também predisposta a desenvolver uma anemia autoimune, doença que a acompanhava desde que seus filhos eram crianças.

Em poucas palavras, era uma pessoa que necessitava de cuidados. Ela já não podia dirigir e

sair sozinha. Precisava de alguém que a ajudasse com os remédios, precisava de uma empregada e uma motorista, precisava de acompanhamento médico.

Daniel e Isabela tinham essa consciência. Depois que a empregada antiga de dona Márcia a roubou várias vezes – porque a senhora não se lembrava de quanto dinheiro tinha na bolsa – eles procuraram contratar outra funcionária, procuraram também uma motorista. Mas moravam fora de São Paulo. Marco tinha que ajudar a fazer as coisas funcionarem, pagar as funcionárias, ver se a alimentação estava sendo feita de acordo, se sua mãe estava tomando os remédios. Mas ele não fazia isso com o zelo necessário.

Atrasou o pagamento das funcionárias. Despediu a empregada e a motorista. Chamou uma “irmã” da Igreja para ser “dama de companhia”, mas essa pessoa só se revelou uma decepção. A insulina estava vencida e ele nem sequer sabia disso. Perdiam

consultas médicas. Certa vez Marco deixou dona Márcia com uma ferida muito feia na perna – decorrente de um tombo –, sem se dar ao trabalho de procurar auxílio médico. Isso poderia custar a perna dela.

Isabela ficava preocupada e indignada. Mais de uma vez levaram dona Márcia ao médico, mas Marco não tinha essa preocupação. O relacionamento dele com a mãe era péssimo. Havia sempre muitas brigas e o clima na casa era tenso, sempre foi.

Por esse motivo Daniel e Isabela não levavam Théo lá. A criança não estava acostumada a gritarias e confusão. Eles preferiam pegar dona Márcia e trazer para a própria casa, ou fazer um passeio fora. Assim, muitas vezes dona Márcia vinha passar dias na casa deles, conviver com Théo, comer churrasco. Muitas vezes Daniel e Isabela telefonavam dizendo que iam passar em sua casa para levá-la ao shopping com eles. Tem muitos vídeos e fotos desse tempo

junto com dona Márcia, e também Théo tem boas lembranças da vovó. Poderia ter sido ainda melhor se Marco colaborasse.

Ele usava o dinheiro da mãe para fins pessoais, como compras de mercado, restaurante com a namorada, a internet que ele usava. Daniel e Isabela queriam que a aposentadoria de dona Márcia – que não era pequena – fosse usada para o benefício exclusivo dela, para que tivesse mais qualidade de vida, até mesmo, quem sabe, mudar-se para uma casa melhor e mais perto deles. Eles poderiam cuidar dela de forma integral, poderia ver Théo todos os dias e Marco teria apenas a si mesmo para se preocupar. Afinal, ele ganhava mais do que a mãe. Por que não ia simplesmente alugar um apartamento e cuidar da vida dele?

Marco não gostava de morar na casa da mãe. Várias vezes ele telefonou a Daniel pedindo que viessem buscar dona Márcia, já que “não a aguentava mais” – palavras dele.

Pode ser que Marco realmente achasse que estava sendo um bom filho. No entender de Daniel e Isabela, não estava. Que Deus julgue.

O fato é um só: o casal cobrava de Marco mais atenção nos cuidados que a mãe dele requeria. Era apenas isso. Mas Marco não mudava. Pelo contrário. Começou a brigar e se justificar.

\*\*\*

A primeira pessoa a quem Daniel e Isabela pediram ajuda foi Lucas, que era pastor de Marco e dona Márcia na época. Ele não ajudou, excetuando por uma reunião que tinha o propósito de ser conciliatória. O casal pediu então ajuda ao irmão de dona Márcia, mas ele também não estendeu a mão. Como era realmente necessária a ajuda de uma pessoa a quem Marco também respeitasse e escutasse, o casal terminou por comunicar a Grace esses problemas. Marco sentia-se muito ofendido.

Cada vez se indispunha mais contra Daniel e Isabela, ao invés de procurar entrar num acordo que fosse bom, em primeiro lugar, à mãe dele.

A questão central em relação à Grace é que ela ouviu Marco, que não parava de procurá-la para falar sobre isso, mas nunca ouviu direito Daniel e Isabela. Marco falou tanto nos ouvidos da Grace, se justificando e tentando provar que estava certo, que quando Isabela tentou expor o seu lado da questão, Grace disse “estar farta daquele assunto” – suas palavras.

Não foi por escutar o casal que ela ficou farta.

\*\*\*

O pomo da discórdia, sem volta, foi quando Marco fez um telefonema para a Grace e disse “fale com a minha mãe”. Marco queria que dona Márcia afirmasse que ele era um ótimo filho e que nada lhe faltava. Só que sua mãe, nessa altura, já nem sabia o

dia da semana, se tinha comido, se tinha tomado remédios. Estava com a memória bastante danificada. E o que ela fez foi endossar o discurso de Marco, acusando Isabela de não visitá-la e não deixá-la ver o neto. Isso não era verdade. Muitas vezes ela se esquecia de que tinha visto Théo, que tinha estado na casa da filha. Os vídeos e as fotos são a prova da convivência.

Entretanto, Grace *gravou* essa conversa que teve com dona Márcia. A conversa onde “tudo estava bem, seu filho era um amor”.

A partir daquele telefonema, Grace tomou partido de Marco. Tomou partido de uma pessoa que ela não conhecia e sem ouvir o casal. Tomou partido levando em conta as palavras de uma pessoa doente, que nem sequer se lembraria de ter conversado com ela. Ficou contra aqueles de quem ela foi madrinha de casamento e de quem acompanhou toda a trajetória ministerial.

Daniel e Isabela não sabiam dessa gravação e nem que isso acabou indo parar no processo de inventário, após o falecimento de dona Márcia. Só tomaram conhecimento dessa intromissão muito depois, via advogado, quando tentavam fazer uma partilha de bens amigável. Não foi possível. Marco – cuja atitude Grace endossou – nem sequer dava retorno aos seus telefonemas, assim como seus advogados. O casal chegou a propor receber um valor aquém, apenas para não entrarem num processo, apenas para poderem, cada um, seguir adiante. Marco os ignorava. Ele se recusou a falar, fosse pessoalmente ou por meio de advogado.

\*\*\*

No inventário apenas se discute a partilha, e não a idoneidade dos inventariantes.

Ter a Grace envolvida no processo – contra eles – foi completamente lamentável. Uma verdadeira

pérola. Um documento com a assinatura da Grace, firmado em cartório, dizia que Marco era o “bom filho” e que, portanto, “merecia” receber a totalidade da herança, como “único herdeiro”, em detrimento de Isabela, a “filha má”.

Marco apresentou esse depoimento no processo, mencionando o contato telefônico gravado. Embora o conteúdo do documento não expressasse exatamente estas palavras, o fato de ela entrar no meio de um processo e inventário a favor da outra parte, alegando que Daniel e Isabela estavam difamando a outra parte, aquilo aos olhos do irmão de Isabela validava seus “direitos” de usufruir todo o patrimônio, em despeito dos direitos preservados pela lei. Grace, aos olhos do casal, determinou uma sentença sem julgamento. Sem ouvir a parte deles.

Grace assim se colocava contra Daniel e Isabela. O advogado do casal tirou cópia deste documento e o apresentou a Daniel. Foi somente nesse momento que esta pérola chegou ao conhecimento deles.

Daniel tentou contato com a Grace para esclarecer aquilo, perguntar-lhe o que estava acontecendo, mas não teve retorno.

Quanto ao inventário?

A fim de finalizar a contenda e evitar mais aborrecimentos, Daniel e Isabela optaram por um acordo; uma das propriedades, localizada na praia, seria vendida para custear as despesas de custas processuais, avolumadas pelos anos que se arrastou o embate. Um estacionamento em Rio Claro ficaria para o advogado do casal, para quitar seus honorários. Marco pagaria um valor simbólico que representou uma pequena fração dos direitos que possuíam, e ficaria com a casa, os móveis, as joias, o carro (um fusca 66) e com os valores que estavam ainda bloqueados na conta da mãe de Isabela. Foi beneficiado em não pagar aluguel por vários anos. Daniel e Isabela já haviam aprendido que Deus é o Justo Juiz, e entregam essa causa nas mãos do

Criador. Descansaram em paz nesta decisão. Perdoaram e seguiram o rumo de sua jornada.

É claro que Grace agiu em conformidade com o que achou ser o certo, porém errou em não ter escutado ambas as partes – os dois irmãos – sentenciando mesmo assim. A conversa com dona Márcia foi determinante para o posicionamento da Grace; mas a mãe de Isabela já não podia servir como uma testemunha confiável, falando o que Marco orientou.

Da mesma forma, talvez Marco não se julgasse negligente. Talvez, em sua própria concepção, ele estivesse fazendo o melhor. Cada um tem a sua própria medida.

Mesmo assim, tanto um quanto outro prejudicaram o casal.

Os cravos entraram fundo na carne, fazendo-os sangrar muitas vezes...

\*\*\*

Anos mais tarde, almoçando com o pastor Rivaldo e sendo inquirido a respeito da cisão de relacionamento com a Grace, Daniel sinalizou sua queixa.

“Não vejo Ágape na vida da Grace, e muito menos reconciliação. Os preceitos que são rótulos do ministério da Grace inexistem na vida dela. Isso me deixa muito chateado.”

“Poxa, mas então vamos conversar com ela”, Rivaldo propôs. “Só pode ter acontecido um mal-entendido nessa história. Será que ela sabia mesmo o que estava fazendo com esse documento?”

Daniel mais uma vez se dispôs. Esteve presente num almoço, frente a frente com Grace, junto com o pastor Rivaldo. Mas, nessa ocasião Grace não conseguiu se lembrar de ter feito o tal documento. Por mais que Daniel insistisse na questão, ela não se lembrou.

“Foi um documento firmado em cartório. Você entrou com esse documento no meu processo de

inventário a favor do Marco. Tente se lembrar”.

Foi chover no molhado. Grace apenas argumentava que talvez Daniel e Isabela ainda tivessem do que se libertar, que talvez ainda precisassem de ministração. Isso era o que ela tinha a dizer depois de quase quatorze anos de ministério do casal. Os errados eram sempre eles.

“Igrejas que vocês visitaram acabaram fechando depois”, Grace argumentou.

Pelo que o pastor Rivaldo foi obrigado a intervir:

“Mas se fosse assim, Grace, o profeta Samuel seria excomungado por Deus porque o homem que ele ungiu para ser rei se desviou. As pessoas têm o seu livre-arbítrio. O próprio Jesus, que esteve em Jerusalém, e naquela cidade não sobrou pedra sobre pedra. Jesus não trouxe uma maldição, ele apenas sabia o que ia acontecer. Foi o livre-arbítrio daquelas pessoas que trouxe esse desfecho sobre Jerusalém”.

Daniel ainda argumentou em tom brando e em amor: “Grace, você mesma, segundo chegou até

mim, está sendo processada por uma pessoa que se sentiu defraudada em uma de suas ministrações. Uma vez que, a ficha dela que deveria ter sido destruída, chegou às mãos do pastor dela que a expôs a Igreja. Isso é um fato isolado, e não pode ser usado para denegrir todo o empenho de um ministério que existe há anos para somar no Corpo de Cristo”.

“É, isso é verdade!”, ela concordou.

Posteriormente ao encontro, Grace finalmente se lembrou do documento e o enviou escaneado a Daniel, que retransmitiu ao pastor Rivaldo.

“Achei o documento.”

Foi tudo o que ela disse. Daniel então escreveu de volta e pediu:

“Grace, se você encontrou o documento, e se lembrou do que fez, por favor, converse com o Marco. Seria possível você intermediar essa situação? Veja se agora ele faz um acordo conosco para desatar esse nó. Seria muito importante resolver

logo tudo isso. Você sabe que temos um filho, pagamos aluguel, e meu cunhado está morando na casa de dona Márcia de graça. Por favor, nos ajude nesse sentido.”

Daniel enviou este e-mail com cópia para o pastor Rivaldo. Quanto à Grace, tudo que fez foi dar retorno dizendo que “não iria se meter naquele assunto” e que “não podia fazer nada”. Daniel ficou realmente muito bravo com aquela atitude. Respondeu apenas o seguinte:

“Quando você não tinha que agir, você agiu. E agora que você tem que agir, não está fazendo nada, está sendo omissa, por favor, nos ajude!”

E assim ficou. Não houve resposta...

Cada um sabe de si. Cada um que preste suas próprias contas a Deus.

Depois disso, os contatos cessaram por completo. Lamentavelmente...

# CAPÍTULO 5

## Traição

**C**ristopher era o tipo de pessoa atlética, e esse foi logo um ponto de bastante empatia entre ele e Daniel. Christopher gostava particularmente de correr – nutria verdadeiro fascínio pela corrida! – e era muito cioso de seu abdome impecável, o tipo de coisa que se leva anos para conquistar.

Daniel e Christopher se conheceram durante um curso extensivo que foi ministrado pelo missionário durante pouco mais de três meses. Nesse período Christopher mostrou-se muito afável, não perdia a oportunidade de vir dar um abraço em Daniel e

sempre mencionava o quanto tinha aprendido com os cursos, os livros e os DVDs.

“Eu me sinto muito privilegiado por estar aqui com você fazendo mais este curso e tendo a chance de aprender mais”.

Ao final dos meses de aulas, no dia da formatura dos participantes, Daniel inquiriu o grupo e quis saber quem gostaria de ser ungido. Christopher foi o primeiro a se levantar e dirigir-se à frente para receber a unção com óleo. Depois, durante a confraternização que se seguiu, ele se mostrou interessado em estreitar a amizade com Daniel.

“Não vamos deixar isso morrer. Nosso relacionamento não precisa ficar restrito ao curso, você não acha?”.

Daniel já tinha saído com Christopher uma vez. Os dois haviam se encontrado no *shopping* antes do horário da aula e o rapaz começou a falar sobre sua paixão por eletroeletrônicos e mostrou a Daniel, no *Fast Shop*, tudo o que conhecia sobre televisores.

Falou das entradas, do que a TV era capaz de fazer, o que era a tecnologia HDMI, e coisas assim. Depois foram olhar os computadores, e Christopher ficou mexendo e falando a respeito. Daniel gostou muito daquela atitude despojada, diferente, e foi isso que fez com que se interessasse em manter o relacionamento.

“Que bom!”, pensou Daniel. “Uma pessoa que tem outras coisas para dizer, que não fala só de batalha e demônios”.

Chega um momento em que esse assunto satura, torna-se cansativo, e faz-se necessário apenas envolver-se com os assuntos normais da vida cotidiana.

Assim, como o trabalho de Christopher ficava relativamente próximo a um dos *shoppings* que Daniel frequentava, eles marcavam de se ver ali, geralmente uma vez por semana, à tarde. Tornou-se um refúgio para a alma de Daniel poder falar de outras coisas, e pensar em outras coisas.

Entretanto, embora um bate-papo fosse muito bom, Christopher também desejava aprender mais. Daniel passou a lhe fornecer diversas leituras paralelas na intenção de expandir os horizontes de seu amigo. Christopher mostrou-se bastante interessado; leu diversos livros, parte deles evangélico, parte secular, e os dois discutiam a leitura. Assim, havia tempo e espaço para todas as coisas.

Christopher ajudou Daniel a transportar os dados de seu computador para um HD externo, coisa que Daniel nem sabia que poderia ser feito. O HD foi comprado por Christopher na Santa Ifigênia, local totalmente fora de mão para Daniel. Foi muito bom. Daniel deu o dinheiro para seu amigo e pediu que adquirisse dois HDs, um para ele e outro para Christopher, em agradecimento pela sua gentileza em ir fazer a compra.

Daniel sempre imaginou que Christopher estava dando o melhor de si e, assim, ele também oferecia

o melhor. Às vezes Daniel tinha um dinheiro a mais e convidava o amigo para almoçar num restaurante melhor, o que era raridade para Christopher.

“Puxa, nunca almocei num restaurante! Que legal ter essa oportunidade”.

Foi assim que Christopher conheceu o *Galleto's*. Nessa época o estabelecimento estava com uma promoção de dar um jantar de brinde para quem almoçasse lá um determinado número de vezes. Então Daniel pagou o almoço para ambos e depois deu o bilhete do jantar para Christopher poder voltar outro dia com sua esposa.

Esse relacionamento durou mais ou menos um ano dessa forma: idas ao *shopping*, telefonemas, *e-mails*. Daniel era cauteloso em se abrir demais, dadas as muitas decepções que já sofrera anteriormente.

As coisas começaram a mudar quando Christopher mostrou interesse em conhecer melhor o preparo dos seminários de Daniel. Foi mais ou menos na

época em que o missionário recebeu de Deus a direção de forjar um discípulo que, seguindo os ensinamentos, ocupasse o lugar de Daniel quando ele e Isabela fossem para novas terras. A pessoa escolhida fora o assessor de Daniel, mas este não se julgou apto o suficiente para assumir o encargo. Até tentou, mas tinha muita dificuldade para falar em público, e logo desistiu.

Sabendo disso, Christopher mostrou-se disposto. Ele havia sido demitido do seu emprego e tinha disponibilidade de tempo, além de vontade de aprender.

Sabendo que não poderia dar nenhum passo em falso, e nem investir na pessoa errada, Daniel procurou orar primeiro e buscar direção de Deus.

Deus consentiu. Não era o seu perfeito plano, mas podia ser feito. Isabela estranhou um pouco quando Daniel disse que Christopher viria à casa deles para receber todos os ensinamentos referentes aos seminários.

“Deus disse que tudo bem?”, ela indagou. “Ele é a pessoa certa?” “Deus disse que vai dar a ele uma oportunidade.”

Isso bastava para ela. “Está bem, então.”

Uma oportunidade é uma oportunidade. Cabe à pessoa que recebe fazer o melhor.

Então Christopher passou a vir toda semana na casa de Daniel. Durante meses o missionário se incumbiu de dar aulas particulares a seu amigo, e foi passando a ele o imenso volume de material acumulado durante mais de uma década. Tudo que Daniel havia estudado e pesquisado durante todo esse tempo de ministério colocou na frente de Christopher; uma mesa farta num banquete farto.

Em conjunto com isso, Daniel aos poucos foi lhe dando chance de viajar junto com ele para aprender como eram os bastidores dos seminários. Já que Christopher estava sendo preparado para assumir tudo aquilo na ausência de Daniel era importante ser treinado com afinco e seriedade. E assim Daniel fez:

preparava Christopher sem descanso e com muito zelo.

Durante essas viagens a hospedagem em hotel e a alimentação de Christopher ficavam por conta de Daniel. Ele nunca havia antes se hospedado em hotel, e na primeira vez levou até roupa de cama. Ambos riram muito da *gafe*. As viagens eram agradáveis e o discípulo aprendia mais, conhecendo outros líderes e ministérios espalhados pelo Brasil.

Christopher algumas vezes chorava e se mostrava grato pela confiança que o missionário estava depositando nele e pelas oportunidades que tinha agora. Algumas vezes Daniel lhe deu um pequeno espaço para dar seu testemunho durante os seminários e, outras vezes, vendo o aperto financeiro de Christopher, ofertou em sua vida mediante direção de Deus.

Em outras palavras: tudo que estava ao alcance de Daniel ele fez.

Depois de algum tempo, Christopher conheceu Isabela. Ela foi solícita com ele, mas não se aproximou muito. Apenas observava, e por três vezes escreveu uma pequena carta para Christopher e sua esposa, falando sobre conduta e sobre dar valor ao que recebiam. Às vezes ela estranhava a maneira como Christopher falava “está tudo sob controle” quando Daniel lhe dava uma orientação, aparentemente dando muito valor ao seu “taco” quando devia ser humilde, ou quando, muito rapidamente, queria trazer alguma direção ao ministério, coisas como jejuns, orações e ofertas.

Isabela estava vendo de fora. Não estava envolvida emocionalmente com Christopher, o que lhe dava uma visão nua e crua que, por vezes, era melhor. A mesma impressão tinham Carla e Filipe. O tempo mostraria o que estava oculto por trás das máscaras.

O amigo de Daniel era dez anos mais moço que ele; nem tinha começado o ministério ainda. Às vezes, no afã dessa novidade de vida e da

oportunidade que se lhe apresentava, Christopher trocava os pés pelas mãos.

Em uma ocasião, Isabela foi muito clara ao lhe dizer que Eliseu somente recebeu a porção dobrada de Elias quando este foi arrebatado aos céus. Que Josué tornou-se líder após a partida de Moisés. E que não adiantou a Davi querer erguer o templo do Senhor, porque essa tarefa seria dada ao seu filho Salomão. Da mesma forma, os apóstolos somente receberam o Espírito Santo depois de Jesus ser elevado à presença de Deus.

Essas passagens traduziam importantes conceitos doutrinários: a questão fundamental de saber-se colocar no lugar certo, de esperar o tempo de Deus com paciência e humildade, de respeitar o líder. No entender dela, Christopher tinha a tendência de colocar o carro na frente dos bois e de achar que Deus iria trazer direção ao ministério “Guerreiros da luz” através dele. Daniel via com brandura, acreditando que era só uma questão de tempo para

desenvolver a maturidade necessária para ser usado por Deus. Ele era novo, ainda aprenderia.

Daniel continuou a investir no amigo, dizendo: “Eu estou fazendo a minha parte. O que Christopher vai fazer disso tudo cabe a ele”.

Isso era verdade. Cada um faz uso de seu livre-arbítrio conforme dita a sua própria consciência. E Deus retribui a isso conforme a sua Justiça.

O profeta Samuel ungiu a Saul. Fez a parte dele. Coube a Saul receber e conservar a bênção. Quando utilizou mal seu livre-arbítrio, perdeu sua unção, seu poder, seu prestígio e até mesmo sua vida.

*“Vê, hoje te proponho a vida e o bem, a morte e o mal”.*

(Deuteronômio 30:15)

\*\*\*

Depois de cerca de um ano de discipulado, Daniel inquiriu a Christopher, segundo a direção de Deus:

“Você não gostaria de ministrar um curso?”.

Daniel estava se referindo a um curso modular, mais extenso, algo que traria bastante experiência prática a Christopher. Chegava o momento de algo novo.

“Estou vendo que você está sem dinheiro, que passa por dificuldades...”, continuou Daniel. “Ministrar o curso, além de te garantir mais experiência, trará uma receita especial a você e sua família. Eu te treino para isso.”

Christopher ficou num misto de alegria e ansiedade. “Mas será que eu vou ser capaz?”.

As portas para esse desafio se abriram porque Daniel correu atrás. Uma das igrejas onde ele tinha ministrado seu seminário afirmou estar disposta a sediar o curso dado pelo Christopher, sob a supervisão de Daniel. Havia ali uma chancela de Deus, o apoio de Daniel e a cobertura do Ministério Guerreiros da luz, já conhecido e reconhecido, por seus 14 anos de existência.

Foi uma grande oportunidade que, através de Daniel, Deus deu a ele.

O treinamento específico para dar o curso começou. Daniel estudou com ele aula por aula, passou todos os seus apontamentos e anotações pessoais, todas as imagens, todos os filmes. No dia de cada aula ainda havia um reforço especial para Christopher, que vinha até a casa de Daniel pela manhã e ficava cerca de três horas estudando junto com ele.

Daniel julgou que poderia abençoar o amigo com a receita integral das aulas, excetuando os 30% que eram da igreja. Assim, Christopher recebeu o material de Daniel de graça e recebeu o treinamento de graça. Nem sempre as pessoas podem estudar de graça. Quem faz um seminário teológico sabe disso. Christopher não precisou pagar por nada, e agora recebia os valores integrais do curso. Era Deus usando de Sua Graça com ele. Tudo que ele tinha

que fazer para retribuir a Deus e a Daniel era ser leal, e grato.

\*\*\*

Foi nessa época que Christopher começou a receber alguns sinais. O primeiro deles foi quando o teto de sua casa caiu. Ninguém se machucou, mas quando Christopher relatou esse incidente a Daniel, a primeira coisa que veio à mente do missionário foi a seguinte palavra: “a casa dele vai cair”.

Era um tipo de alerta. Não queria dizer literalmente que o seu lar fosse ser demolido, mas, sim, a vida de Christopher. Daniel procurou saber dele se havia, porventura, alguma legalidade. O amigo havia mencionado, bem antes, um desvio de conduta que o prejudicara muito. Nesse momento Daniel inquiriu-o a respeito, mas ele insistiu em dizer que não havia nada nesse sentido.

De fato, não havia nada nesse sentido, mas a síndrome de Lucifer já o alcançava nessa época. O seu coração não estava puro, porém Deus nada disse a Daniel. Não havia necessidade. Christopher sabia bem o que deveria fazer.

Mesmo assim, ele não se preocupou com o alerta. Pediu permissão a Daniel para mostrar as fotos que havia tirado do teto desabado para os alunos do curso a fim de pedir ajuda financeira. Daniel disse que ele poderia fazer isso, já que a oferta é voluntária e há momentos em que precisamos da ajuda dos irmãos. Até Jesus precisou de ajuda para carregar sua cruz.

Tendo se saído relativamente bem em ministrar esse curso, Daniel incentivou-o a dar aulas para uma segunda turma e também um seminário. Os valores destes eventos também ficaram para ele integralmente, mas, mesmo assim, Christopher continuou mostrando as fotos de sua casa com o teto desabado. Só que, nessa altura, o teto já estava

consertado! E tinha sido consertado, inclusive, pelo proprietário da casa.

Daniel só ficou sabendo meses depois que Christopher continuava mostrando as fotos e chorando aquela miséria. Daniel o advertiu, ele pediu perdão, e o assunto ficou encerrado.

O segundo sinal de alerta dado a Christopher veio logo. O pai dele sofreu um acidente às três horas da manhã, um horário que, Daniel sabia, era considerado pela Irmandade como o “horário de Lucifer”. Fazendo uma alusão ao horário da morte de Cristo na cruz, sob o “efeito espelho”. Ou seja, em vez de ser três da tarde, equivalente a hora nona, do calendário judaico, o horário foi estabelecido com efeito oposto: três horas da madrugada. O que remete ao ápice das cerimônias satânicas.

Mais uma vez aquela centelha de inquietação acendeu no coração de Daniel, como se houvesse alguma brecha na vida do Christopher.

Mas, novamente Deus não lhe disse nada. Hoje Daniel e Isabela percebem o quanto o Pai foi longânimo com Christopher, dando-lhe muitas chances de mudar a sua rota. Christopher sabia o que estava fazendo, que era se desviar cada vez mais do alvo, contudo preferiu agir assim.

\*\*\*

O próximo passo ministerial de Christopher veio com a oportunidade de ministrar os seminários de Daniel fora de São Paulo. Isso lhe traria mais experiência prática em outro tipo de evento, o que seria bom mais tarde, quando assumisse o trabalho integralmente. Isso também permitiria a Daniel se concentrar mais nos cursos que estava começando a dar somente em São Paulo, para grupos menores. Para tal, Daniel levou seu amigo em rádios, igrejas, falava destes planos no altar, objetivando incentivar os convites.

Porém, não houve convites para Christopher, o que, num primeiro momento, Daniel não entendeu. Tudo estava fluindo bem e, de repente, parecia haver um entrave.

Nesse momento o missionário havia também recém-inaugurado formalmente o “Ministério Guerreiros da luz” na capital paulista, que funcionava aos domingos num salão de um *flat*, segundo as ordens do Senhor. Embora Daniel e Isabela não tivessem chamado pastoral, Deus desejava plantar uma semente profunda que frutificasse e permanecesse no Brasil após a partida do casal. Não havia neles o desejo de fundar uma igreja, porém Deus mostrou a importância de fazer nascer esse lugar baseado nos preceitos que ele, o Pai, vinha lançando através de suas vidas. Daniel já havia abarcado uma experiência de ter visitado mais de mil igrejas. Notou que o rebanho estava ferido, pois estava sendo, em sua grande maioria, alimentado com uma palavra contaminada. O povo

perecia. Daniel queria ensinar os preceitos puros e simples do evangelho e levar o povo à vida de abundância que a Palavra promete.

Ali, além de estar à frente da pequena comunidade, Daniel dava cursos novos. Quanto a Christopher, recebeu a promessa de vir a ser o pastor que cuidaria futuramente daquele rebanho. Se ele fosse fiel a Deus haveria de ser a pessoa que assumiria o “Ministério Guerreiros da luz” sob a liderança de Daniel, além de atuar como seu sucessor dando os seminários e cursos.

Não era pouca coisa.

Embora não houvesse seminários para Christopher ministrar, quando Daniel estava em viagens mais longas delegava a ele a incumbência de trazer a Palavra para a comunidade, conforme Deus havia orientado. O Senhor deu a esse homem inúmeras oportunidades e inúmeras chances através de Daniel; ele queria um sucessor treinado e capaz de continuar a semear a Palavra de acordo com os ensinamentos

que, por tantos anos, Daniel e Isabela se esforçaram em trazer.

\*\*\*

Às vezes Daniel sentia borbulhar em seu coração uma centelha de preocupação em relação a seu discípulo.

Daniel notava que Christopher costumava falar coisas do tipo “deixa que *eu* faço... quando *eu* falar... quando *eu* fizer...”, e Daniel achava que era muito “eu” para quem está somente começando. Claro que havia a questão do entusiasmo de novato. Talvez fosse apenas isso. E Daniel preferiu pensar que aquela fase de estrelismo era questão de lapidação do caráter, algo que o tempo se incumbiria de fazer.

De si para si ele refletia: “Se Christopher estiver mal-intencionado, Deus vai mostrar”.

E nisso Daniel descansou.

\*\*\*

O lobo fica ao lado enquanto faz sol. Quando cai a tempestade e chegam as dificuldades, o seu pelo se molha e ele começa a exalar o fedor de lobo. Nesse momento é evidente quem está realmente ao lado e quem não está, quem quer somente aproveitar o tempo bom e as bênçãos recebidas. Só se conhece quem está ao lado quando essa pessoa deixa, por algum motivo, de receber, ou quando ela recebe um “não”. Só se conhece quem está ao lado quando chega a provação.

\*\*\*

Cristopher, até aquele momento, estava recebendo: eram muitas oportunidades, todo o material de Daniel em primeira mão, aulas particulares, cargos, dinheiro e prestígio que veio, a princípio não por sua pessoa, mas pelo fato de ter sido escolhido pelo missionário.

Ele ocupava o lugar onde muitos queriam estar.

Respeitando as proporções, seria algo como se alguém, que gostasse de música, e almejasse ser cantor, pudesse ter aulas com Elvis Presley. Como disse um amigo a Daniel, certa vez.

A primeira prova de fidelidade de Christopher chegou. Foi no momento em que Daniel começou a firmar as bases do estatuto da igreja “Ministério Guerreiros da luz”. Nesse documento – que tinha por objetivo trazer tranquilidade e evitar dissensões mais à frente – Daniel deixou claro que o líder majoritário do ministério era ele, e Christopher ficaria subordinado à sua pessoa. Sinalizou que não concordava com o modelo de ter um conselho. Pois o conselho matou Jesus, matou Estêvão, prendeu Paulo. Daniel não queria ficar refém de um grupo de pessoas, que se não forem aduladas, se rebelam, e o destituem.

Também explicitou que, se um dia o ministério tivesse recursos, daria a seus líderes um salário.

Aquele que prega o evangelho é justo viver do evangelho. Isso é bíblico. Daniel procurava ajustar os ponteiros conforme a direção que Deus lhe dava sobre a fundação da igreja. Quanto aos seminários e cursos que porventura viesse a dar, Christopher teria todos os valores integralmente para si. Se fizesse um bom trabalho era natural que pudesse se capitalizar. Nada de errado. O que semeia as coisas espirituais é lícito que colha as materiais.

Assim Deus dirigiu, e assim Daniel estabeleceu. Quanto a Christopher, entendeu e concordou. Mas foi da boca para fora, conforme demonstrou depois. Ele parecia, volta e meia, estar fazendo uma queda de braço com Daniel, como que procurando mostrar-se “mais ungido” e “mais bondoso” diante da pequena e embrionária comunidade. O missionário procurou não levar isso em consideração. O tempo iria lapidar a vida de Christopher.

“É coisa de principiante, de quem está no começo da trajetória. Como quem se forma faixa preta no *kung fu* e acha que a partir daí pode bater em todo mundo”.

Deixou de lado.

Mas Christopher, pelo visto, ficou comichando e decidido a pôr em cheque as bases do estatuto. Ele passou alguns dias em casa de um pastor conhecido e, abrindo para ele o escopo do estatuto – que nem era oficial ainda, era só um mero rascunho de ideias –, pediu opinião a respeito. É o tipo da coisa que não se faz. Peça a um brasileiro que dê palpite na seleção brasileira de futebol. Imediatamente teremos 200 milhões de técnicos. Todo mundo põe o dedo na história. Não foi diferente com esse pastor, que passou a criticar o estatuto.

Sabendo depois do ocorrido – pois Christopher veio questionar com ele – Daniel sinalizou sua insatisfação com aquela atitude precipitada de seu discípulo. Olha Carla aqui de novo solta! Carla e

Isabela também ficaram indignadas com aquela atitude precipitada. Daniel reiterou seus valores e sua visão de Igreja, que até o presente momento ele havia concordado e apoiado.

“Eu estou aqui para fazer o que Deus dirigir. Não querendo desmerecer ninguém, o que essa pessoa tem a ver com o ministério que me foi confiado?”

\*\*\*

A igreja começou aos poucos a ganhar corpo. Algumas pessoas despontaram, dentre elas um jovem ministro de louvor. Deus orientou rapidamente a unção desse homem, antes mesmo da de Christopher. Esse reconhecimento era a confirmação de um chamado que ele já tinha e de um dom que já desenvolvia. Christopher entendia que ele mesmo ainda não estava totalmente pronto, que era um aprendiz.

E como tudo tem seu tempo, chegou a hora de Christopher ser ungido pastor, após três anos de caminhada estreita ao lado de Daniel. Chegava o momento de assumir formalmente o seu lugar no ministério, de começar a estar à frente do rebanho. Deus deu orientação nesse sentido após uma pregação de Christopher da qual Daniel particularmente gostou bastante, onde houve uma síntese dos pontos principais que ele deveria assimilar. Aparentemente tinha absorvido todo o conhecimento que lhe fora transmitido.

Daniel ficou muito contente e foi até Christopher para lhe dar a boa notícia: que Deus liberava Sua unção ainda naquele ano! Ele se emocionou e chorou.

\*\*\*

A cerimônia de unção de Christopher foi muito bonita. Ele foi ungido depois de um breve relato da

trajetória deles.

A Palavra que Daniel trouxe, e que veio muito forte em seu coração, foi: “Apascenta o povo de Deus, e nunca deixe entrar orgulho no seu coração”. Assim também foi a dedicatória que o missionário colocou na Bíblia de estudo com capa em couro com que presenteou o amigo. Desejou que Christopher sempre mantivesse seu coração humilde e o foco em Cristo.

A família toda dele esteve presente, bem como outros convidados. Houve muita celebração, fotos e comida para todos.

\*\*\*

Era tempo de Christopher resolver se seguia o caminho de Deus ou se o dele próprio.

Num momento de dificuldade financeira de Daniel, Christopher veio até o casal junto com sua esposa e lhe entregou uma compra de supermercado. Daniel

teve orgulho de seu discípulo, que procurou dar o melhor, como ele havia procurado sempre ensinar.

“Puxa, ele deu o melhor. Ele aprendeu!”

Contudo, apenas dois meses depois da unção de Christopher, Daniel deu de cara com uma pessoa desconhecida.

Mais ou menos dez horas da noite ele veio bater na casa de Daniel e Isabela sem avisar. Uma atitude exagerada. Que poderia ter acontecido? Daniel pensou se tratar de algo muito urgente e sério. E imediatamente se colocou à disposição do amigo.

Ao chegar, Christopher pediu a Daniel que desse uma volta com ele, pois tinha algo a dizer. Daniel trocou de roupa e foi caminhar com o pastor. Nessa noite Christopher insistiu de novo na questão do conselho. “É assim que é uma igreja. O estatuto de uma igreja prevê o conselho”.

Daniel explicou de novo o que Deus havia dito que deveria ser feito. Seria como em vários outros ministérios cujo fundador é o líder principal.

Cristopher insistiu: “Mas nós podemos manipular o conselho”. Nisso ele perdeu o pé e se afogou.

“Para que ter conselho, então?”, perguntou Daniel. “Se é para manipulá-lo...”

Cristopher preferia colocar a si mesmo debaixo de um conselho para poder, mais tarde, ir contra Daniel. Se Daniel fosse “destituído” de seu próprio ministério, quem “herdaria” tudo aquilo? Por que outro motivo ele queria um conselho para poder “manipular”?

Mesmo assim, Daniel não disse nada no momento. Apenas escutou. Depois disso Christopher abordou o segundo ponto: a questão financeira do ministério. Muito raramente a arrecadação de ofertas dava algum lucro além do necessário para manter o salão alugado do *flat* e o transporte do ministro de louvor, que não morava em São Paulo, além de água, café e bolachas para as pessoas que frequentavam a igreja.

“Daniel, você não pode usar o dinheiro que entra na igreja para ajudar pessoas, temos que comprar

mais cadeiras para abrigar mais gente. Isso nos dará mais recursos no futuro.”

Isso Christopher dizia em função de algumas vezes Daniel ter ajudado financeiramente algumas pessoas que estavam vindo nos cultos. Era dinheiro para passagem de ônibus. Para pequenas compras de mantimentos. Pois Daniel queria muito resgatar os preceitos da Igreja Primitiva, onde ninguém passava por necessidades. O maior patrimônio da Igreja são as vidas. Não são as cadeiras, os templos, as fazendas, os jatinhos... Se Deus desse recursos, estes seriam meios para abençoar, jamais um fim em si mesmo. Da mesma forma o missionário acreditava que os primeiros a serem servidos com recursos, em caso de necessidade, eram os que estavam à frente do ministério. Pois, como pode um sacerdote pregar a Palavra, com a conta do seu aluguel atrasado, ou faltando comida para seu filho em casa? Algumas vezes Daniel ajudara o ministro de louvor, e mesmo Christopher fora abençoado com parte dos valores

arrecadados, quando o Senhor assim sinalizou. Embora fossem raros estes momentos que sobrava de caixa.

O sacerdote que oficia no templo tinha o direito de comer os pães do propiciatório; e até mesmo Davi, que não era sacerdote, pôde fazer uso daqueles pães mesmo depois de mentir para consegui-los. Davi não morreu por ter comido o pão quando havia necessidade. Da mesma forma, Daniel não pode falar da luz de Cristo e ter a sua luz cortada dentro de casa; falar do Jeovah Jiré, e não ser suprido por ele. Deus supre todas as necessidades de cada um. Por isso os recursos da Igreja devem ser usados para suprir, dentre outras coisas, aos santos.

*“A administração deste serviço, não só supre as necessidades dos santos, mas também é abundante em muitas graças, que se dão a Deus”*  
(2 Coríntios 9:12).

Quando houve necessidade de ofertas para a construção do tabernáculo, foi ao povo que Moisés pediu. Da mesma forma foi o povo que deu ofertas para a construção do templo.

E Christopher se colocava contra aquilo.

O recém-ungido pastor do “Ministério Guerreiros da luz” queria investir o dinheiro arrecadado para, futuramente, construir uma igreja ou comprar um lugar próprio. Queria um conselho para, mais tarde, destituir Daniel. E aí – de acordo com seus devaneios – teria um “império” nas mãos.

Naquela noite, andando ao lado de Daniel, Christopher mais uma vez falou do dinheiro, colocando-se como alguém acima daquilo.

“Assim nunca vamos sair do *flat*. Precisamos comprar um terreno e construir uma igreja grande! Agora, você deve me ouvir, eu sou o pastor do ministério, você é só um missionário”.

Daniel deixou Christopher falar tudo o que tinha vontade. É preciso ser pronto para ouvir e tardio no

falar. Depois, no dia seguinte, Daniel foi orar a respeito. Bem como pediu ao seu grupo de intercessão para apresentar aquilo diante do Pai. Deus foi claro:

“A prioridade da Igreja é investir nas vidas e não comprar tijolo para construir um templo”.

Daniel deveria continuar seguindo esse curso.

Quanto a Christopher, Deus pediu que fosse colocado em disciplina por estar questionando a autoridade dada a Daniel apenas dois meses depois de sua unção.

“Ele não está pronto. Deixou entrar orgulho em seu coração. Está sendo como Saul, como Lucifer.”

Por esse motivo, Christopher seria temporariamente destituído de suas funções e ficaria no banco até segunda ordem de Deus. Precisava rever seus valores. Amadurecer a fé.

Em amor, no dia seguinte Daniel conversou com ele. Marcaram um café em um ponto de fácil acesso para ele. Daniel pediu que a esposa de Christopher

estivesse presente. Isabela não quis participar daquela conversa, pois antecipava que talvez não conseguisse se controlar diante de tanta ingratidão. Pediu a Carla que fosse no lugar dela.

“Eu acho que estou te dando comida demais, e você está se engasgando. Eu deleguei poder demais a você, funções demais, seminários, cursos, ser o pastor... só que vejo que você não está pronto ainda. Deus pede que você fique no banco por ora, que reflita, que pense a respeito das suas posições. É temporário.

Vou continuar te honrando, vou pedir que todos te respeitem da mesma forma. Você é como um Davi, que foi ungido para ser rei, mas, antes, teve que ir para a caverna por não estar preparado para exercer aquela função. Você foi ungido para ser pastor, mas ainda não está pronto. Aproveite esse tempo para crescer, porque você já tem a sua coroa, tem a promessa”.

Num primeiro momento Christopher entendeu, disse saber que Daniel agia para o seu bem e aceitou a disciplina. Isso aconteceu numa quarta-feira. No início daquela mesma semana Daniel havia começado a escrever uma carta que iria sair por mala direta, para 3.000 endereços de líderes por todo o Brasil e fora dele, além de colocar no site do ministério que já contava com 100.000 acessos por mês; avisando a todos que no semestre seguinte Christopher estaria assumindo os seminários fora de São Paulo e também os cursos, integralmente, e que a agenda dele seria aberta. Entretanto, Daniel teve que interromper a saída dessa mala direta.

Durante o resto da semana os dois amigos não se falaram, contudo Deus disse a Daniel que Christopher não iria permanecer com ele. No domingo – apenas quatro dias depois da conversa – o pastor levou sua carta de desligamento e a apresentou à igreja, depois de passar o culto todo encarando Daniel com hostilidade.

Ele preferiu desistir de tudo.

\*\*\*

Como sempre Deus fez, logo em seguida mostrou a Daniel quanta sujeira havia por baixo daquela situação, e há quanto tempo ela vinha se acumulando.

Em primeiro lugar, uma pessoa da igreja que caminhara com Christopher contou a Daniel sobre a “segunda unção” do pastor. Estarrecido, Daniel ficou sabendo que Christopher havia pedido àquele mesmo pastor (para quem mostrou o estatuto da igreja) que o ungesse. Afinal, a unção feita por Daniel “não tinha valido”.

“Daniel é missionário. Eu sou pastor. Um missionário é inferior! Ele não pode ungir alguém para ser pastor”, dissera Christopher.

Ele não havia entendido nada mesmo. Daniel poderia ter o título de pastor, de bispo, de apóstolo,

de querubim... A questão era de títulos? As pessoas o chamavam assim muitas vezes, mas ele preferia abdicar dessa liturgia e manter-se apenas como missionário. E, como missionário, Daniel era pai de muitas pessoas. Por meio dele muitas vidas foram transformadas. Ele fora escolhido para ensinar à Igreja, para trazer revelação sobre batalha espiritual, cura, libertação, vida de santidade, escatologia, missões e tantos outros temas. A ele Deus confiara a fundação do “Ministério Guerreiros da luz”. E mesmo tendo treinado e ungido Christopher, não recebia honra daquele a quem honrara.

Assim como Paulo, Daniel tem como se defender; e o faz porque também Paulo teve que falar de sua autoridade. E, mesmo que isso nada fosse, a unção vem de Deus e não do homem. O homem é somente um meio. Mesmo assim, Christopher foi fazer um ritual secreto em conjunto com aquele outro homem... Que lástima!

Cristopher realmente achava que Daniel estava “montando” um ministério para dar a ele, que não tinha experiência em nada? Fundava uma igreja para Cristopher “reinar” nela? E, pelo andar da carruagem, quando ele reinasse a primeira coisa a ser feita seria expulsar Daniel.

Todo o modelo estabelecido por Deus foi contestado pelo novato que até aquele momento tinha sido tão prestigiado! Bastam apenas dois meses, depois de ungido, para que tudo aquilo que até o presente ele havia concordado, apoiado e incentivado, perdesse o significado. Foram três anos de caminhada juntos. O mesmo tempo em que Judas andou ao lado de Jesus, ostentando o título de apóstolo. Judas teve o melhor de todos os Mestres, estudou na melhor escola teológica da história. Mesmo assim, ouviu, viu, mas não aprendeu.

*“...que aprendem sempre e nunca podem chegar ao conhecimento da verdade.”*

(2 timóteo 3:7).

Tudo que Deus pediu a Daniel em relação a Christopher, o missionário havia feito. E foi tudo arremessado no lixo como se nada fosse. Tudo que Deus deu a ele, Christopher vomitou.

Há coisas que são necessárias serem vividas. Por isso nem sempre Deus revela ao profeta o que está por vir. Daniel, mesmo sem saber, havia dado “asas à cobra”.

\*\*\*

Afora a “segunda unção”, rapidamente os bastidores da vida de Christopher chegaram até Daniel e Isabela, de forma muito reveladora. O casal não procurou saber de nada, simplesmente as informações vinham do mesmo jeito como a da unção.

Havia uma pessoa – uma moça da igreja – que morara na casa de Christopher com sua família durante algum tempo. Por incentivo dele, ela saíra

de sua cidade natal e viera para São Paulo, pois nutria grande admiração pelo casal e queria muito congrega na igreja fundada por Daniel. Conseguiu arrumar emprego na capital paulista e, enquanto não tinha onde morar, ficou com Christopher e sua família. Depois que Christopher “se desligou” da igreja, ela procurou Daniel pouco antes do culto começar e falou das coisas que tinha visto. “Eu tenho um profundo respeito por sua pessoa”, ela disse. “As atitudes que eu vi em Christopher eram completamente incompatíveis com a posição de pastor. Ele praticamente me expulsou de sua casa agora que não é mais pastor; disse que eu tinha simplesmente que sair... nem comida me deu mais”.

Depois contou como Christopher falava mal de Daniel e de sua família pelas costas; como dizia, de peito inflado, que “no dia em que essa igreja estiver na minha mão, vocês vão *ver*. Eu não vou mais ser um ‘zé ruela’. Quanto às pessoas, eu vou ‘desmastralizá-las’”.

A moça citou vários episódios em que Christopher agia dessa maneira vil, e pôde inclusive dar detalhes da casa de Daniel, detalhes que Christopher mencionara ao falar pejorativamente de Isabela e até de Théo, uma criança!

A mesma pessoa que mencionara a “segunda unção” veio falar as mesmas coisas, sobre como ele pretendia “se fazer” à custa de Daniel, que em breve seria o líder do “Ministério Guerreiros da luz”, que teria um seminário ainda melhor do que o de Daniel, que iria fazer e acontecer etc... Etc...

Na visão de Christopher, Daniel nada mais era do que um trampolim para ele. E – incrível! – achando que Deus é surdo, cego e mudo, falou mal durante vários meses daqueles que o tinham acolhido e aberto a porta de sua casa e de sua vida.

Nessa hora ficou claro para Daniel até mesmo o que Christopher lhe dissera algum tempo antes:

“Quando vocês forem para novas terras não vão levar móveis e tudo mais, não é?”

“Eu na verdade ainda não sei. Se não for para levar, deixaremos as coisas”. “Porque eu estive pensando... se a proprietária da casa onde vocês moram fizer para mim um valor simbólico de aluguel, como faz para vocês, talvez seria possível que minha família e eu morássemos em sua casa, como se eu fosse um caseiro”.

Daniel tinha concordado e dissera que Deus poderia realizar qualquer coisa. Mais tarde, porém, depois de ter visto tudo o que Christopher fez, ficou ainda mais clara sua inveja por tudo que Daniel era, tudo o que ele tinha, até mesmo a casa onde morava. Os abraços, o “amor”, o choro... Era tudo fingimento. Por puro interesse. “Vou me dar bem à custa desse cara”.

\*\*\*

Em momento algum houve qualquer atitude de arrependimento por parte de Christopher, qualquer

tentativa de tentar conversar, assumir seus erros, pedir perdão. Nada.

Quanto a Daniel, entendeu os alertas e as inquietações de antes. Não enxergara antes porque gostava de Christopher, tinha considerado aquele homem um amigo. Foi como José, que não imaginava que os seus próprios irmãos seriam seus algozes. Como Moisés, que mesmo tendo visto a Deus e sido usado com tanto poder, não desconfiara de Arão e Miriã. Davi – o homem segundo o coração de Deus – também não imaginava que era seu íntimo amigo o que o trairia, como narra no salmo 55.

O amor e a amizade podem turvar o discernimento, mas Deus permanece fiel e livra seus verdadeiros servos do laço do passarinho.

Isabela se entristecia por seu marido, por ser atraído desta forma, mas apenas disse: “Bem... Ele fez exatamente tudo aquilo que eu disse para não fazer em minha carta. Você também procurou

avisá-lo. Ele usou mal seu livre-arbítrio. Não adianta apenas ter a promessa, é preciso se manter nela”.

\*\*\*

Com a saída de Christopher, o ministério ficou mais leve. Parece que tudo deslanchava melhor, o clima ficou mais agradável, começaram a chegar mais pessoas.

Quanto aos que conheceram o pastor, ninguém sequer tocava no nome dele. Isso realmente impressionou a Daniel. Nunca ninguém chegou e perguntou:

“Mas e aí? Como é que está o Christopher?”.

As pouquíssimas pessoas que falaram nele diziam apenas que Daniel tinha feito a coisa certa, ou confirmavam o caráter ruim de Christopher.

“Eu sabia que ele não iria durar muito tempo. Ele não tinha cara de pastor. Eu não gostava dele, só suportava porque era seu escolhido”. Ou então:

“Esse foi o seu Judas. Era uma experiência que você tinha que ter, para viver o que Cristo viveu, sentir o que ele sentiu”.

E depois disso foi como se ele nunca tivesse existido. Virou fumaça.

Para surpresa de Daniel e Isabela, uma pessoa da Irmandade, que às vezes escrevia para eles e que estava sendo evangelizada pelo casal, que nem sabia bem da história toda, comentou: “Que papelão desse seu pastor, hein? Recebeu o que recebeu, esteve onde tantos queriam estar e terminou assim: com as portas escancaradas para Satanás”.

*“Vês aqui, hoje te tenho proposto a vida e o bem, a morte e o mal.”*

(Deuteronômio 30:15).

# CAPÍTULO 6

## Luz em meio às trevas

**I**sabela começou a pensar em escrever ao Marlon. Comentou com Daniel o desejo que se alojara em seu coração. Daniel de pronto deu aquiescência, uma vez que ainda nutria muito amor por aquela vida.

Por que o Marlon? Bem, Isabela gostava dele. Sempre se lembrava de sua pessoa. Sabia que ele tinha sido um grande amigo do Daniel e lhe proporcionara, sinceramente, o que julgava ser o melhor.

O casal consultou o Senhor e ele não se opôs. Por que haveria de se opor que falassem sobre ele?

Então, sentaram para escrever, mesmo sem saber direito o que argumentar.

Poderiam mandar um *e-mail*? Afinal, em outras ocasiões ele havia mandado e-mails para Daniel. Sempre de forma cordial e amistosa, demonstrando pesar pela decisão dele em sair da seita, encorajando-o a retomar o lugar que era *dele* na Irmandade.

O casal teceu as linhas e, depois de um momento de hesitação, apertaram o *send* em seu computador.

Estavam com muita expectativa. Haviam falado de Deus ao Marlon como lhes veio à cabeça, com carinho e sinceridade, mas sem excesso de palavreado. Não tinham a menor ideia de como ele reagiria.

Não houve resposta. Porém, eles não esmoreceram. Isabela queria muito escrever algo a ele, vindo direto de seu coração. Então, Isabela escreveu outro e-mail.

Dissertou naturalmente ao Marlon sobre uma possível vida cristã e perguntou se ele nunca tinha pensado no que poderia ser diferente caso tivesse um encontro real com Deus. Mencionou a saída abrupta e inconsequente de Daniel da Irmandade e questionou se não haveria, no pai, parte da coragem do filho.

“Por que você simplesmente não dá uma de louco e se converte? Você já sabe de onde vem o verdadeiro poder”.

Na terceira carta Isabela queria poder provar como Deus havia acompanhado toda a vida dele e pediu ao Pai que lhe trouxesse alguns dados – alguma coisa contundente e muito pessoal –, que nem mesmo Daniel soubesse. Então, através do dom de seu marido, Deus falou sobre a infância do Marlon e sobre situações que o marcaram muito negativamente em relação ao Cristianismo. Cada vez que escrevia uma carta, a primeira coisa a fazer era pedir a Daniel que lesse e inquirisse de Deus se

estava de acordo com sua forma de abordagem. Às vezes, Daniel acrescentava algo, em outras não. Assim, quase que diariamente, e-mails eram enviados a Marlon. Eles sabiam que, de alguma forma, aquilo iria tocar em seu coração. Estavam lançando sementes, e regando-as com suas preces diárias.

*“A oração feita por um justo pode muito em seus efeitos”*

(Tiago 5:16).

Mesmo assim, a primeira resposta que Marlon deu a Isabela não foi exatamente gentil. Ele a enviou daquela famosa caixa de e-mail “Leviathantrevas” que tanto a assustava antes. Também citou o livro de Leviathan da Bíblia Negra, “Poder à força, morte aos fracos”. Isabela apenas pediu que não usasse mais aquele endereço de e-mail, pois não gostava dele. E continuou escrevendo.

Incrivelmente, ele atendeu ao seu pedido quanto à caixa de e-mail! Porém, as suas “respostas” eram evasivas, limitadas a uma única linha com citações da Bíblia Satânica, livro dos Grimories ou da Chave de Salomão. Todos os livros conceituados dentro da doutrina satânica, que supostamente, revelam os segredos dos feitiços mais poderosos. Emoldurados, muitas vezes, por palavras que conferem ao possuidor destes conhecimentos poderes inigualáveis, ao mesmo tempo em que depreciam tudo o que é sagrado e divino, profanando o que é santo e enaltecendo a perversão.

O casal estava decidido a não deixá-lo de lado, insistiam em lhe apresentar a Palavra. Enviaram também para sua residência um DVD do filme “*Prince of Egypt*”, sobre a vida de Moisés. Ao mostrar trechos desse filme em seus seminários, Daniel percebeu que boa parte do povo evangélico nem sequer sabia da existência dele. Entretanto, era um desenho muito bonito. Que retrata de forma

muito bela e verdadeira a libertação dos hebreus do egito.

Quando Marlon escreveu de volta, Daniel e Isabela ficaram muito contentes. Ele estava se abrindo para Deus! E falou como aquela história foi a chave para abrir sua mente para a verdade e perceber como há muito tempo não era feliz. Ele encarava a história do Êxodo com olhos diferentes dos evangélicos. A Irmandade possuía provas concretas da passagem dos israelitas pelo egito e do assassinato dos primogênitos – coisa que a Igreja não dispõe –, e gostava de exhibir internamente. Recentemente, tais provas estão gradualmente vindo à tona, desnudando esta verdade, através de dados arqueológicos. No entanto, ainda pouco difundido, a fim de não alardear esta verdade que validaria as Escrituras Sagradas.

O maior trunfo do diabo é promover a dúvida. Não é preciso acreditar na mentira, basta duvidar da verdade. Fé é uma certeza! Não há margem para

dúvida. Quando a dúvida entra em um coração, a fé é contaminada, subtraindo daquela vida o poder de Deus. Jesus disse à irmã de Lázaro: “Se credes verás a glória de Deus”. Há sempre a condicional “se”.

Sem fé, é impossível agradar a Deus. Por esta razão, o crente tem que navegar em um sentido contrário à lógica humana, pois a lógica divina é pautada em valores que estão muito acima da nossa limitação, razão e conhecimento. O impossível ao homem é possível para Deus.

Existe uma máxima cartesiana, sensata, difundida por Descartes que diz: “Penso, logo, existo!”. O crente vive uma realidade diferente, pois ele passa a existir quando não pensa. Nossa razão, nossa lógica, muitas vezes bloqueia a fé. Se Moisés ponderasse com sua mente racional, o mar não se abriria diante de seus olhos. Se Davi fosse analisar as estatísticas, jamais venceria a Golias. O casal estava apresentando a Marlon o modelo da fé cristã, que todas as coisas podem ser realizadas por meio da fé

e do amor. Desde que não firmam os preceitos de Deus. Jesus ama a Marlon e quer vê-lo feliz. Quer libertá-lo das cadeias.

Marlon estava sensibilizado, assistiu também aos DVDs de Daniel. Para os demônios que o viram fazer tal coisa havia uma justificativa: Marlon estaria estudando os movimentos de Daniel para depois criar estratégias de ataque. Porém, quando ele escreveu para contar sobre os DVDs, mencionou suas lágrimas, a alegria e as saudades de Daniel, e como a fluência dele nas palavras e a coerência das ideias o faziam “rever seus conceitos, seus valores e suas crenças” – suas palavras. Disse que “‘Poder à força, morte aos fracos’ foi à máxima que norteou minha vida por décadas, mas agora percebo que o poder de Deus é maior, e que ele faz dos fracos, fortes, e dos pequenos, grandes”.

Com o passar dos meses, a ira com que recebeu as primeiras cartas do casal dava lugar à aceitação. Sugeriram a leitura de algumas passagens bíblicas, e

ele leu até muito mais. Como tinha fluência em grego, hebraico e aramaico, além de noções do latim, estendia suas leituras para os originais da Bíblia, conferindo a natureza dos textos, o seu contexto e se o significado que Daniel e Isabela lhes atribuíam era verdadeiro.

Então, por fim, Marlon se convenceu. Deus realmente tocou em seu coração por meio do Espírito, regando e fazendo frutificar as sementes que vinha recebendo. É difícil explicar como algo assim poderia acontecer! Vai além da lógica e do natural, dado o seu envolvimento profundo com o satanismo. Com certeza a mão de Deus agiu poderosamente em sua vida.

Naquele momento Deus trouxe-lhe a direção de recolher-se num hotel, onde seria guardado em segurança por uma guarda angelical especial. Ali Marlon fez sua oração, mostrou seu arrependimento, aceitou Jesus. Os anjos disseram a Daniel que seu nome havia sido escrito no livro da

Vida, o que trouxe ao casal grande alegria. Pontuando que os anjos são também mensageiros de Deus. Podem trazer livramentos, dar proteção, bem como trazer uma mensagem do Pai. O casal estava provando algo muito especial, algo que lemos nas Escrituras, mas, por vezes, nos parece distante. No entanto, a fé diminuía essa distância e os aproximavam cada vez mais da Sala do Trono. O passo seguinte que Marlon deu, espontâneo, foi destruir tudo que estava em seu poder e que pertencia à Irmandade, o que não era pouca coisa, inclusive o “*Grimories*”, livro majoritário da organização. Este deu muito trabalho para ser reduzido a cinzas, mas ele conseguiu. Desejava “ter seu passado apagado e levado com o vento, como aquele livro”. Agiu seguindo seus instintos, no ímpeto. Movido por seus sentimentos que estavam em ebulição. Sem ponderar os possíveis desdobramentos que aquela ação teria. Por certo

haveria eco no mundo espiritual. Toda ação promove uma reação.

Entretanto, ele tinha seus medos, como não poderia deixar de ser. Imaginava que talvez pudesse ser assassinado, ou perder tudo o que tinha, ou fosse envolvido em escândalos que o reduziriam a nada. Mesmo assim, “no meio deste mar de incertezas, tenho uma convicção: nada me separará do amor de Deus”, ele escreveu. “Quero te conhecer, quero abraçar meu filho de novo, quero conhecer meu neto”. E então mencionou algo sobre Théo.

Assim ele terminava sua carta, dizendo “Fiquem com Deus; vocês ativaram as forças mais poderosas das trevas, e se estão em pé, e se eu estou em pé, é sinal inquestionável de que o poder maior está conosco. Que o sangue do Cordeiro nos cubra! Do irmão, parente e amigo...”. E assinou com seu nome de batismo. O milagre estava acontecendo. E pensar que havia tanta gente que, usando de uma capa farisaica, estava orando para que ele morresse.

Deus é o autor de nossa história. A história de Marlon estava escrita.

Aquele homem estava sendo conduzido à luz por aquele que ele havia discipulado nas trevas.

\*\*\*

Depois de algumas semanas, ficou evidente que a vigilância demoníaca em torno dele estava mais acirrada. Eles pareciam notar que alguma coisa estava fora do normal. Mesmo assim, Marlon precisava de suporte de Deus através do casal, e a correspondência continuou de ambos os lados. Marlon chamava Isabela de “filha”, falava uma coisa ou outra sobre os planos de Lucifer para sua vida e sobre o planejamento do anticristo. Sabia de muitas coisas sobre eles em decorrência dos relatórios e informações que recebia por parte dos demônios, conhecia muitos dos planejamentos de Deus. Coisa que muitos na Igreja não sabiam. Contudo, isso não

os amedrontava. É claro que Satanás tinha seus meios, mas isso não queria dizer que pudesse impedir as coisas de acontecerem.

Ele alertava Daniel e Isabela a respeito de ataques contra eles. Conhecia plenamente o estado de Daniel e mencionou a estafa, o esgotamento, as sensações de fraqueza física e mental, as responsabilidades, o esforço e a ausência de férias verdadeiras que seu filho vinha sofrendo há tanto tempo, mas que muitos de seus irmãos na fé não entendiam. Havia uma cobrança velada, sempre presente exigindo de Daniel sempre disposição e ânimo para atender a todos que o procurassem, que aconselhasse, orasse, desse direção, ajudasse, acolhesse, amasse, ensinasse, desse as respostas a todas as perguntas. Não importava que ele tivesse realizado uma longa viagem de carro de mais de 10 horas, dormido mal, tivesse falado por mais de dez horas em um seminário, ele teria que dar atenção às vidas necessitadas que precisavam de seu conselho, de sua

oração, precisavam ser ouvidas! Daniel fazia o melhor que podia. Porém, muitas vezes ele estava abatido, cansado, preocupado com as contas para pagar. Precisando, muitas vezes, ele mesmo de um acolhimento que raramente vinha da Igreja. Se ele recusasse em atender os inúmeros pedidos: “Ele não é espiritual! Não se importa com as vidas! É um mercador da fé!”. Infelizmente, a Igreja que prega o amor ainda não aprendeu a viver o amor. Os dedos apontados eram abundantes, fartos. Mas as mãos estendidas eram escassas e raras.

Daniel estava sem férias há mais de 14 anos. Sem convênio médico, sem provisão muitas vezes. Pois sempre teve um coração generoso, e se alegrava em ajudar ao próximo, dando a muitos o que nunca teve: atenção, amor, ofertas generosas, incentivo, conselhos prudentes.

No entanto, Daniel estava mesmo esgotado. E Marlon sabia disso, devido aos relatórios que recebia das entidades. Precisavam abrir uma fenda na

armadura do Guerreiro, para atingir seus ossos, e feri-lo! Se baixasse o escudo da fé, sucumbiria facilmente e seria erguido como um troféu nas mãos do adversário.

Foi também muito sincero ao dizer que “acreditava e respeitava o dom que havia sido derramado sobre Daniel, sem o qual provavelmente ele e Isabela já estariam mortos”. Agradeceu a Isabela pela paciência e perseverança para com ele.

Por outro lado, sempre se mostrava surpreso com o fato de os demônios mais poderosos do inferno não terem podido tocar o casal, e que não havia – segundo ele – registro histórico disso. “Os demônios sempre encontram uma lacuna, uma fenda no fardo material da alma humana, no universo de fraquezas a serem exploradas”.

Estava mesmo sendo sincero. Deus e os anjos disseram a Daniel.

Isabela recomendou-lhe mais livros para alimentar seu espírito recém-nascido e enviou-lhe CDs de

louvor – apenas as músicas das quais gostava.

“Andar pela fé e permanecer no centro é algo que realmente me deixa perplexo”, escreveu Marlon certa vez. “Como Deus faz as coisas, não é? O nome ‘espiritual’ de Daniel foi escolhido por Leviathan; era Auhsey. Isso ele talvez não se lembre porque só foi comentado uma vez. Seria usado quando ele assumisse o posto preparado. Percebe o significado? Yeshua, ao contrário. E hoje ele é Daniel – ‘o Senhor é meu Juiz’. Maravilhoso! Creio que se não fosse o dom ele já teria perecido”. Deus havia dado uma arma especial àquele jovem missionário.

Marlon falava com admiração a respeito de todas as estratégias de vigilância de Daniel, sempre pautadas nas direções que Deus lhe dava, especialmente orar para tudo e insistir com teimosia em não se corromper. Ele soubera em primeira mão das muitas vezes em que Lucifer tentara Daniel com todo tipo de coisa, com poder, riqueza,

mulheres. Disse a Isabela que seu marido nunca a trocaria por mulher nenhuma, apesar de, igualmente, saber de todas as dificuldades do casal. “A insistência de vocês em acertar os mantêm seguros”. Percebiam o grande carinho de Marlon por eles, sua sinceridade e fé nascente; percebiam genuinamente o seu arrependimento e a veracidade de sua conversão.

Às vezes Marlon repetia as coisas que Deus lhes havia dito quase que com as mesmas palavras. Dizia que eles eram como os elos que não se rompem de uma corrente, como alguns dos personagens bíblicos também o foram. Da mesma maneira conhecia os projetos de Deus para a publicação de “Kilaim”, e mencionou isso num momento em que mais ninguém além do casal sabia sobre esse livro.

No entanto, havia um problema premente a ser enfrentado. Marlon ainda era sumo sacerdote da Irmandade. Ele falou sobre um ritual muito

importante, já marcado, onde teria que oferecer uma vítima que não se julgava capaz...

Aquilo iria conferir a ele poderes especiais, que retirariam do poder alguém a sua frente para que ele assumisse o cargo. Era parte do plano, desenvolvido há décadas. A plataforma para o governo do anticristo estava estabelecida.

Mas o que deveria ser feito sobre isso? E se o matassem, e se porventura descobrissem a correspondência clandestina?

Houve um momento em que Marlon pensou ter sido descoberto. Chegou até o casal uma carta dele em pânico. Dizia que Lucifer estava estranho com ele e que a carta que ele tentara escrever – um pedido de socorro – tinha desaparecido umas dez vezes do seu computador. “Silêncio é sinal de espreita”. Achava que ia ser morto. E a data daquele ritual também se aproximava, o que o punha bastante tenso...

De fato Lucifer estava desconfiado dele. Os demônios tinham percebido algo, embora não conseguissem ter plena certeza. Em parte por pura providência divina, em parte por causa da presença invisível de uma guarda angelical muito poderosa que tinha sido delegada a Marlon. Assim também foi com Jesus: durante mais de trinta anos de sua vida, as trevas não conseguiram sequer localizá-lo, quanto mais destruí-lo. O mesmo ocorreu com Moisés. Somente no tempo de Deus, os fatos vieram à tona.

Na verdade Marlon não precisava fazer nada de muito especial. Apenas manter-se firme. Aquela guerra era de Deus.

*“O SENHOR pelejará por vós, e vos calareis”*  
(Êxodo 14:14).

\*\*\*

As cartas realmente nunca foram vistas. Marlon imprimia, deletava de seu computador e as deixava

guardadas junto com ele durante algum tempo. Porém, tinha que ser por pouco tempo. Poderiam ser notadas no mundo espiritual – eram como um pequeníssimo ponto de luz no meio da escuridão. Podiam ficar em poder dele por algumas horas, no máximo um dia ou dois.

Mas aí, houve uma situação que clareou a mente de Leviathan. Daniel e Isabela não ficaram sabendo disso na época, apenas anos mais tarde, e talvez nem mesmo Marlon tenha tomado conhecimento, já que nada falou a respeito. Leviathan viu compaixão em Marlon, uma atitude diferente, e isso fez com que o demônio passasse a prestar mais atenção. Ele viera até Marlon para trazer-lhe informação sobre uma mulher da Irmandade que havia se convertido, em outro lugar do mundo.

“Vamos matá-la e fazer dela um exemplo”, tinha dito Leviathan. E Marlon se mostrou contrário a isso.

“Não, não é preciso. É apenas um pássaro que escapou da gaiola.” “Se converter é traição. Ela precisa servir de exemplo.”

“Não quero que façam nada contra ela. Deixe-a seguir seu caminho. Não é preciso se preocupar com alguns pássaros que escapam da gaiola.”

Leviathan concordou. A tal mulher não era uma pessoa importante. “Ela vai morrer logo, sem a nossa proteção”, concluiu o demônio.

Mas notou algo no sumo sacerdote que não havia antes. Isso o fez ficar atento.

Então, certa vez, os demônios viram o Arkheel – um dos anjos que faziam parte da guarda do casal – próximo a Marlon. Ele não conseguiu passar despercebido naquele dia e, embora os demônios não tivessem conseguido tocá-lo, agora sabiam *com certeza* que um anjo estava ali.

Dessa vez foi Leviathan que veio imediatamente questionar o Marlon.

“Estava aqui um anjo, ou foi só minha impressão?”

“Sim, era um anjo.”

“E o que ele estava fazendo aqui?”

“Estava fazendo o que fazem os anjos. Trazendo uma mensagem de Deus.”

“E que mensagem seria essa?” “Uma mensagem de salvação.”

Leviathan não se importou muito. Era óbvio que Marlon não estaria *dando ouvidos* ao anjo, mas agora ele sabia de *onde* aquele enviado da luz tinha partido. Era um daqueles que acompanhavam Daniel e Isabela. Então vieram até eles.

Deus, em sua onisciência, sabe que pessoas oriundas de seitas de alta magia têm como premissa possuir um contato estreito com o mundo espiritual. Aquilo dá a eles a ilusão de que possuem algo de “especial” e os mantêm na rede do engano. Por esta razão, muitas vezes Deus permite que tais pessoas, quando se convertem e têm seus nomes escritos no livro da Vida, tenham também um contato próximo

com os anjos e a realidade espiritual que nos cerca. Não se pode classificar isso como regra, porém é algo frequente. Fato que o casal já havia testemunhado dezenas de vezes.

Marlon continuava seguro, mesmo assim procurou alertar ao casal sobre o cerco que estava sendo montado – “só com os melhores guerreiros das trevas, ou melhor, os piores...” –, e disse que talvez o próprio Lucifer lhes fizesse uma visita. Pediu para que mantivessem vigilância extrema, entretanto, eles já estavam a par da situação. As palavras de Marlon serviram para confirmar o que os anjos haviam dito a Daniel: que Leviathan estivera na casa deles e que se mantinha de prontidão. Seus batedores estavam acampados em derredor para informá-lo imediatamente sobre o menor deslize por parte do casal.

E como demorasse muito a haver uma legalidade, resolveram atacar mesmo assim, dada sua indignação contra Daniel e Isabela. Foi um ataque

furioso a que os anjos resistiram. Por causa da violência, muitos dos amigos alados se feriram e foram removidos para receberem cuidados no céu. Foram muitos ataques depois desse, mas Daniel e Isabela já estavam acostumados com a vida que levavam.

Há muitas batalhas sendo travadas que nossos sentidos não capturam.

*“Mas o príncipe do reino da Pérsia me resistiu vinte e um dias...”*

(Daniel 10:13).

Quanto ao Marlon, nada de terrível lhe tinha acontecido. Apesar de Leviathan não ter certeza absoluta sobre uma possível decisão de Marlon de se entregar a Cristo, podia perceber que, sem dúvida, ele estava caminhando para isso (na verdade, já tinha caminhado). Era como ver alguém que se dirige aos poucos para a porta de saída. Isso ele não

podia permitir, então tratou de estabelecer os limites da maneira que sabia. Pelo medo.

Um dos “chifres”, um homem de origem caucasiana que fazia parte do alto escalão da Irmandade, telefonou-lhe com ameaças e preparou-se para vir pessoalmente ao Brasil o quanto antes. Os demônios deram uma preliminar de sua fúria atacando a casa do Marlon e deixando sua cachorrinha enferma. A morte dela seria um prenúncio da dele.

O casal escreveu novamente com as direções. Daniel dissera para que orasse trechos de Salmos: aqueles que mostravam especificamente vitória contra os inimigos. Também deveria consagrar um pouco de azeite através de uma oração simples e ungir-se, ungir a casa, a cachorra. Era uma direção específica para ele, naquele momento, a esposa dele viu Marlon fazendo isso e, claro, não entendeu nada.

O resto haveria de ser com ele.

\*\*\*

A noite escura passou na casa de Marlon e amanheceu novo dia: a cachorrinha não havia morrido.

Nesse momento foi hora de fazer o impossível. Logo depois dessa unção com óleo, Deus pediu ao seu filho recém-convertido uma prova de fé. E era algo bem difícil...

Primeiro Marlon deveria ler com muita atenção o capítulo 18 de 1 reis, especialmente o momento crítico em que Elias enfrenta sozinho aos profetas de Baal. Com base neste texto de vitória ele deveria dirigir-se à reunião da Irmandade na sexta-feira que se seguia, dia 27 de junho daquele ano. Como fosse o responsável por presidir as cerimônias, deveria usar o tempo de que dispunha para contar seu testemunho diante de todos os satanistas. Deus afirmava que os que estivessem presentes perceberiam um poder diferente sobre ele –

inquestionável –, o que os levaria a questionar seus próprios valores e crenças.

Isso seria em dois dias. Era a única data possível para fazer isso porque, depois, aquele “chifre da besta” estaria presente. Então, dia 25 de junho, data do aniversário de Isabela, ela escreveu para dar essa direção para o Marlon, uma vez que Daniel tinha certeza do que ouvira de Deus...

Depois de proposto aquele desafio, Isabela explicou também as garantias que Deus lhe dava: prometia dispor para Marlon uma guarda angelical semelhante a que teria sido dada a Jesus no momento de sua prisão, caso lhe fosse pedida. O texto citava que, quando Pedro quis intervir a favor de seu mestre, Jesus lhe dissera:

*“Ou pensas tu que eu não poderia, agora, orar a  
meu Pai  
e que ele não me daria mais de doze legiões de*

*anjos?”*

(Mateus 26:53).

Com base nesse outro texto, o Senhor firmou compromisso de enviar doze legiões dos melhores guerreiros angelicais para acompanhar o Marlon naquela sexta-feira, capitaneadas pelo arcanjo Mikhael e mais onze dos melhores capitães veteranos dos exércitos Celestiais. Disse que, se alguém tentasse tocá-lo, ou se aproximasse com a intenção de feri-lo, cairia. Nenhum mal o atingiria. O mesmo poder que ressuscitou Jesus dentre os mortos estaria sobre ele.

Assim aconteceu. Demonstrando fé e muita coragem, Marlon se dispôs a fazer o que Deus lhe pediu. Falou a todos. Queimou suas vestes sacerdotais diante das pessoas, atirando-as na pira de fogo. Ninguém foi capaz de falar nada, ou intervir para que Marlon se calasse. Apenas ouviram. E os demônios presentes – que poderiam matá-lo ali

mesmo – tiveram que se manter afastados por estarem diante dos anjos que, nesse momento, se faziam bem visíveis à vista deles. Quanto ao Marlon, ele viu o Mikhael.

Quando se preparou para sair, foi seguido por sua assustada esposa, que não sabia dizer o que estava acontecendo.

“Eles vão nos matar... Por que você fez isso? Em pouco tempo estaremos mortos.”

“Agora não tem mais volta”, ele respondeu.

Durante a noite, várias lâmpadas da casa estouraram sozinhas, e depois um curto-circuito os deixou no escuro. Era assustador. À luz de velas, mal dormiram.

No dia seguinte o telefone não parou de tocar. Eram pessoas da Irmandade, preocupadíssimas com Marlon. Os demônios o cercaram também, na intenção de persuadi-lo, primeiro “por bem”. Diziam que aquilo não era importante, que ele deveria pôr a

cabeça no lugar e parar de “reflexões tolas e filosóficas temporais”:

“Lamentamos dizer, mas você fez a escolha errada”.

A maioria achou que era um “surto” momentâneo. Era inimaginável que, de repente, um sumo sacerdote daquele quilate se convertesse ao Cristianismo. Não podia mesmo ser real. A esposa dele fazia coro ao que todos diziam:

“Nós temos uma aliança com Lucifer. Você não pode, sem mais nem menos, quebrar esse pacto. E tudo o que eles te deram? Isso não vale mais *nada*?”

“Agora não há volta.”

\*\*\*

Dois dias depois o “chifre” estava diante dele, e a conversa foi ácida. “O que você pensa que está fazendo?”, inquiriu o estrangeiro. “Já não disse a todos o que estou fazendo?”

“Com isso você vai apenas atrair a desgraça para sua vida, e também a de sua família. Vai acabar com a vida de todos. É isso que você quer?”

“Então você quer que eu saia do jogo *agora*?”.

E com isso ele se referia ao fato de estar estrategicamente posicionado dentro do contexto do advento do anticristo. Era uma peça-chave para a qual não havia substitutos. Aquilo pareceu balançar o outro. Desfalcar o tabuleiro era de fato impensável!

“Às vezes, para ganhar o jogo, você precisa sacrificar a dama para salvar o rei”, continuou Marlon.

“O que você pretende?”

“Peço que você sacrifique a sua dama, e me suporte como estou agora, para salvar o rei”.

Em outras palavras isso significava que Marlon não abandonaria seu posto em troca de a cúpula da Irmandade esquecer sua vingança contra ele.

Contudo, dias depois Marlon teve medo, como qualquer ser humano pode ter. Foi como Pedro, que negou Jesus três vezes mesmo após a caminhada de três anos ao lado do Filho de Deus. Marlon não caminhou três anos vendo manifestações de poder e milagres e, de repente, começou a achar que a posição relativamente pacífica do chifre podia ser um blefe... E naquele momento mesmo estariam todos tramando contra a sua vida. Aquilo pesou sobre ele. Sua mente revirava com ideias terríveis sobre como seria morto com requintes de crueldade por sua traição.

Então, na reunião seguinte da Irmandade, ele desmentiu o que tinha dito antes. Novamente as pessoas escutaram, mas uma nota de incredulidade ficou no ar. Seria verdade? Ou não?

Interpretaram como um “teste” aos presentes, a fim de mapear suas reações.

Melhor deixar todo aquele pesadelo morrer. Afinal, para eles era como um pesadelo o seu sumo

sacerdote voltar-se para Deus.

Deus entendeu o coração que teve medo. E assim como Pedro se arrependeu, Marlon fez igualmente.

“Mas o que foi que eu fiz?... Deus tem protegido os meus filhos, tem feito tanto por mim... Por que eu fui fazer isso?”

Em seu coração pediu perdão a Deus. E, como Deus perdoou Pedro, também perdoou Marlon. Mais uma vez trouxe direção a ele por meio do casal, que o acompanhava, e lhe pediu apenas que se afastasse dos ritos com sacrifício. Para tanto ele deveria assumir uma posição de conselheiro e não sumo sacerdote. Isso o manteria em segurança. Deus contava também que ele lançasse sementes da Palavra sobre pessoas que julgasse predispostas a ouvir, ou que os anjos apontassem como tal. Fora isso, como José no Egito, ele permaneceria onde estava e cumpriria seu destino.

\*\*\*

Setembro amanheceu sombrio em função do malfadado ritual do qual Marlon era obrigado a participar. Disso dependia sua jornada rumo ao posto designado por Lucifer, e ele sabia que não abririam mão daquela cerimônia em hipótese nenhuma. Por outro lado, Marlon sabia que não podia – e absolutamente não queria – oferecer nenhuma vítima, quanto mais a que estava à sua espera...

Deus fez o que prometeu: ela simplesmente desapareceu do lugar onde estava. A criança havia desaparecido. Apesar das buscas incessantes, ela nunca foi encontrada. Isso ainda é um mistério ao casal, embora eles acreditem que Deus possa ter arrebatado a criança, como fez com Enoque e com Elias. Isso Deus nunca respondeu a eles. O fato é que, de alguma forma, ela foi poupada, e Marlon também, de realizar aquele rito macabro. O poder pleno de seu cargo seria adiado, devido àquele imprevisto.

Marlon teve apenas que ficar de boca fechada, e o ritual nunca aconteceu. A janela de tempo foi perdida e, entre manter o plano do anticristo em andamento e tentar organizar outro ritual que pudesse substituir aquele, foi melhor apenas seguir em frente. O jogo perdia duas torres.

\*\*\*

O período tempestuoso parecia estar passando. Era vitória de Deus!

Marlon enviou para Isabela uma caneta que tirou de sua coleção pessoal.

Daniel então achou que poderia ligar para ele, em seu celular. Sentiu aquiescência de Deus, e ligou. Seu coração batia mais forte agora. Conversaram brevemente de forma muito cordial e amistosa. Aquele seria o primeiro de muitos outros telefonemas que seriam realizados.

Depois Marlon escreveu a eles para contar como “ficou esfuziado com o telefonema”, e para agradecer. Dizia “não haver sobre ele *nenhuma sombra*, nenhuma razão para ser inquirido, e que tudo caminhava surpreendentemente bem”. Terminou dizendo: “Vocês fizeram um velho homem feliz, e o puseram a chorar, coisa que não acontecia há tempos”. Mandava seu amor a Daniel e Isabela, e “beijos para toda a família”.

Engraçado... Tantos supostos homens de Deus caíram fundo em decorrência de seguirem a sua própria carne, e aquele que serviu a Satanás durante uma vida inteira dizia não haver sombra sobre ele...

\*\*\*

O tempo foi passando.

Daniel e Isabela nunca deixaram de escrever para o Marlon, e guardam com eles as quase cinquenta mensagens que trocaram.

A última que ele escreveu ao casal, tinha um ar sereno, indelével. Narrava um sonho que ele havia tido. Sonho que Daniel e Isabela sabem que um dia se realizará!

“Vi campos de flores. Vi os anjos dançando. Vi Jesus, e ele me viu. E lavou minhas mãos. Estão limpas! Sonho! Sonho com um vasto campo de girassóis. Sonho com flores coloridas, azuis, lilases e violetas, cores surreais que nossos olhos não conseguem captar. Sonho com paz, com pastos verdes, com águas plácidas. Sonho com o dia em que o Pai enxugará dos olhos toda lágrima... E dirá, enfim: ‘Acabou, meu filho! Acabou!’”.

# CAPÍTULO 7

## Sol da meia-noite

UMA HISTÓRIA DE ISABELA MASTRAL

**Y**in e Yang são os dois princípios cósmicos do Universo, de acordo com a filosofia tradicional chinesa.

O imperador Fu Hsi, segundo a lenda, foi quem afirmou que o estado ideal para tudo que existe no Universo é fruto da harmonia representada pelo equilíbrio entre Yin e Yang. Os conceitos básicos desta teoria estão registrados no mais antigo livro originário do extremo Oriente, o *Book of Changes*, ou Yi Jing (I Ching).

O Yang serve para designar céu, masculino, dia, calor ou luz, e o Yin para designar terra, feminino, noite, frio ou escuro. Entretanto, nada existe em absoluto, nada pode ser *totalmente* Yin ou *completamente* Yang, já que cada um possui nuances do oposto.

Assim, o dia não existe sem a noite, o calor sem o frio, o masculino sem o feminino, o inflexível sem o dócil, o vigor físico sem a tranquilidade, o intelecto racional sem a complexa intuição. Como se percebe, Yin e Yang são formas opostas de energia, mas sem a conotação de bom ou ruim, bem ou mal. Assim, referir-se a Yin como negativo apenas indica que ele é negativo *quando* comparado a Yang.

Segundo este princípio, tais forças opostas – e complementares – compõem tudo que existe, e do equilíbrio dinâmico entre elas surge todo movimento e mutação. Tudo se encontra em constante transformação e tudo tem frente e verso.

Na interdependência dessas energias encontra-se o equilíbrio.

No equilíbrio, a Harmonia.

Para conhecer a vida, é preciso experimentar da morte.

\*\*\*

Como poderei definir minha trajetória dentro da Igreja? Converti-me ao evangelho aos dezesseis anos, percebi a importância de levar a Palavra de Cristo a toda criatura e dediquei vários anos da minha vida estudando a Bíblia e evangelizando pessoas, tanto sozinha quanto em grupo. Meu desejo por tornar-me missionária levou-me a visitar favelas, pregar em praça pública, nas praias de Florianópolis, no Sambódromo em São Paulo, para as comunidades ribeirinhas no interior do Paraná e, principalmente, no Hospital das Clínicas da FMUSP, onde estudei medicina. Lá eu participei de um

trabalho perseverante e incansável, levando muitas vidas a Jesus através da música e do evangelismo frente a frente.

Evangelizar era minha expressão de fé, um ato de obediência que vinha do amor a Deus. Não era uma brincadeira. Percebo melhor hoje como muitos jovens se entregam a esse tipo de trabalho sem entender o que significa, com a intenção de conhecer pessoas novas, arrumar namorados, ter alguma coisa diferente para contar depois, redimir sua culpa em relação aos perdidos.

Toda a minha vida estava voltada para o Cristianismo; meu modo de conduta, meus valores, minhas aspirações. O que não era de Cristo não me interessava realmente, fossem pessoas ou situações. Em tudo eu procurei me preservar do mundo e a Palavra de Deus foi minha diretriz desde a conversão. Eu acreditava nos cristãos. Acreditava que eram, como se dizia na Bíblia, “sal da terra e luz do mundo”.

Quando alguém se dizia cristão imediatamente eu me ligava a essa pessoa como que por um fio invisível. Mesmo sendo médica e fazendo faculdade, meu rol de amigos era quase que inteiramente de evangélicos, e não eram poucos.

Eu tinha prazer na instituição mais especial que poderia existir: a Noiva de Cristo. Era *ali* que eu queria estar; os filhos de Deus eram a minha família e a minha casa.

Ingenuamente, achava que todo mundo na igreja tinha intenções puras como as minhas e, mais que todos, os pastores eram o máximo exemplo de vida. Eu acreditava na pureza destes homens que o rei dos reis havia chamado para o Seu trabalho na terra, a tarefa mais importante de todas. Escutava testemunhos de missionários com o coração em chamas, disposta, no meu íntimo, a me entregar também, e nutrindo a expectativa de um dia ser esposa de um deles. Não conseguia me imaginar

dividindo a vida com alguém que não amasse a Cristo como eu amava.

Então, durante nove anos eu trilhei o caminho da fé e do amor a Deus. No mesmo ano em que me converti Daniel entrou para a Irmandade.

No último ano da faculdade, bem perto da formatura, exatamente nove anos depois da minha conversão, no mesmo mês – o mês nove –, conheci Daniel Mastral, agora convertido. Foi durante o nosso primeiro ano de relacionamento que começamos a escrever o livro “Filho do Fogo”, contando a história dele dentro do Satanismo. Entendia que era perigoso, mas não tinha ideia de quanto, pelo menos no princípio. Tudo que sabia é que não podíamos desistir; era preciso coragem para ser como os heróis da fé citados na Bíblia.

Logo começou a perseguição por parte da Irmandade, contra Daniel e contra mim, mas continuamos assim mesmo. A história de Daniel deveria ser contada. Era um alerta necessário para a

Igreja que amávamos. Não escrevemos para nós mesmos, de modo leviano, pensando em lucrar de algum modo. Fizemos, sinceramente, para Deus.

Foi um longo trajeto. Com altos e baixos, entre ameaças de morte e investidas dos demônios contra nós, contra nossos bens e animais. Pode parecer pouco. É pouco para quem apenas lê, mas é bastante quando se faz necessário atravessar o Vale da sombra da morte. É pouco quando se pode colocar um marcador nas páginas do livro e pensar em outra coisa, mas se torna muito quando todo o seu dinheiro é deletado do banco, seus animais morrem debaixo de ameaças de maldição, sua casa é cercada por demônios que acendem sem parar o abajur, causam ferimentos no gato, trazem febres malignas e mantêm um arrocho financeiro longo e difícil.

Fomos atrás de auxílio. A primeira coisa que percebemos foi o receio dos líderes em se envolver conosco e, quando oravam, nem sempre aquilo

surtia efeito. Então buscamos ajuda da Grace. Foi ela que nos orientou a procurar uma nova igreja local, pois os nossos pastores não tinham visão de batalha espiritual. Mas apenas uma pessoa nos estenderia a mão ali, dona Clara. Essa é uma cruz que muitos dos que servem a Deus têm de aprender a carregar: a solidão. Sabíamos que era um caminho sem volta. Você não pode simplesmente afrontar as trevas e depois continuar vivendo como antes. Publicar “Filho do Fogo” foi a grande decisão que mudou nossa existência para sempre.

Deus enviou os anjos, que falaram a Daniel por meio de visão e sonho, trazendo conforto e promessas, como um bálsamo curador.

Lançamos o livro onze meses depois que nos casamos. Fizemos nossa mudança de lar para o Vale da Bênção e começamos a viajar para visitar as igrejas. O ministério começava no tempo e hora marcada por Deus através dos anjos.

Foi então que eu deparei com um mundo completamente novo. Mas não no bom sentido.

\*\*\*

Eu já tinha começado a perceber que a Igreja não era tudo o que eu pensava. Antes eu a via através dos meus olhos de criança, de uma forma idealizada. No primeiro ciclo da minha vida como cristã – os primeiros nove anos de convertida, dos dezesseis aos vinte e cinco – eu tivera o olhar poético e condescendente de quem contempla de longe. Mesmo dedicando minha vida a Cristo e fazendo parte do mundo dos evangélicos, eu ainda não tinha olhado de perto os bastidores da Igreja.

Fazer isso foi como escutar a nota errada e defeituosa no meio de uma sinfonia que eu julgava tão bela. Foi como mergulhar em absinto uma refeição frugal. Como ouvir uma história de terror depois dos contos de fadas.

A Igreja, como eu a contemplara, era isso: um conto de fadas. Agora eu estava em meio à sordidez da realidade. Buscando servir a Deus esperava encontrar o céu, mas deparei com o inferno.

O doce se tornou em amargo, e depois em vômito. O que deveria ser a expressão de Deus na terra me fez reavaliar toda a minha trajetória.

Claro que não foi do dia para a noite.

Depois dos primeiros nove anos de convertida eu levaria mais dezoito anos para completar um novo ciclo da minha vida como cristã.

Ao final desta jornada precisei rever os meus conceitos, então cheguei à conclusão de que precisava mudar o rumo da minha vida.

\*\*\*

Durante dois anos e meio Daniel e eu viajamos juntos e visitamos as igrejas que o convidavam. O seu testemunho, por si só, não seria suficiente para

dar uma direção completa ao Corpo de Cristo. Por isso começamos a expandir os temas e desenvolver os seminários nível 1 e nível 2. Era uma nova etapa, e queríamos oferecer o melhor. Esse compromisso constante com a excelência fez com que Daniel terminasse por desenvolver um trabalho ímpar dentro da Igreja, como poucos o fizeram, ou, talvez, nenhum outro.

O que vi das igrejas é muito fácil de resumir, já que era sempre a mesma coisa. Por outro lado, é também difícil falar sobre isso.

O que posso dizer? Na maior parte dos lugares éramos tratados mal. Geralmente a carta preparatória com as diretrizes do seminário era ignorada, em parte, ou por completo, levando a graves falhas de todo tipo. Recebíamos também todo tipo de desculpas. Ficou claro que a maioria desses líderes não sabia se comprometer com a excelência, não percebia que o acordo maior deveria

ser para com Deus e que, se você faz um voto diante dele, o melhor é estar pronto para cumpri-lo.

Outro problema corriqueiro era sermos roubados. Pagavam-nos menos do que o combinado, ou sequer nos pagavam. E lá vinham mais desculpas, geralmente que “estavam enfrentando uma grande guerra”. Era um nunca se acabar de pessoas responsáveis por efetuar o pagamento “desaparecendo” no dia do seminário, alegando estarem doentes, ou terem sido roubadas, ou terem tido que officiar um velório.

“Depois eu te deposito, irmão”! E muitas vezes o pagamento que garantia nosso sustento não chegava. Percebemos que a chance de alguém enfrentar uma grande “batalha” na hora de ir ao banco, ou na hora de acertar as inscrições, era muito alta. Qualquer traço de espiritualidade desaparecia nesse momento. Os mesmos que ficavam levantando as mãos e fazendo grandes malabarismos no púlpito eram

também os que intimamente maquinavam todos os meios de lucrar às nossas custas.

*“E, por avareza, farão de vós negócio com palavras fingidas...”*

(2 Pedro 2:3).

Um terceiro problema muito frequente era o fascínio que as pessoas nutriam pelo diabo. Ia além do natural! Era uma avalanche indescritível de perguntas fora do contexto, de curiosidade pelos detalhes mais sórdidos. Fiquei perplexa. Estávamos falando sobre satanismo, é verdade, mas tudo tem um limite. O objetivo principal era nos aproximarmos de Deus e não ficarmos escarafunchando o inferno. Nada justificava aquele fascínio macabro. Percebemos que uma parte do povo evangélico tem uma mentalidade muito fértil e, não raro, cria verdadeiras fantasias sobre batalhas espirituais que nem existem, cometem erros grotescos e acreditam em loucuras.

O desrespeito que sofremos dentro da Igreja foi realmente incomum, em todos os níveis possíveis. Em nenhum outro lugar nem em qualquer outra circunstância eu vi algo semelhante. Quando você se assume missionário, em outras palavras parece que está dando o direito aos outros de o tratarem de qualquer jeito. O missionário não é encarado como ser humano. Qualquer sinal de cansaço ou recusa é tachado de “pouca espiritualidade” e “pouco amor a Deus”.

Daniel se desdobrava, dava até a última gota de sangue e suor. Eu via sua incrível disposição e sua enorme força de vontade. Durante os intervalos do evento eu tentava, em vão, ajudá-lo a fazer as coisas mais básicas: se alimentar, ir ao banheiro, se sentar, descansar um pouco a voz. Era muito difícil. As pessoas não respeitavam. Passavam por cima dele e de mim. “Você está aqui para servir!”.

O desrespeito não era somente durante o evento, mas também nossas acomodações para dormir não

eram adequadas para o descanso necessário. Uma vez até num motel de beira de estrada nos puseram, com prostitutas na porta. A visão da Igreja nunca era de abençoar, ou dar o melhor. Onde pudessem lucrar, ou levar vantagem, ou roubar, ou desrespeitar, ou tratar com desdém, assim acontecia. Na maioria dos casos, com raras e honrosas exceções.

Eu ficava muito nervosa com o que via Daniel passar, e indignada até o fundo da alma. E se Daniel, que era o convidado principal, era maltratado, que dizer de mim? Ninguém ligava pra mim. Tratavam-me com descaso, e eu podia ler nos olhos dos pastores e líderes: “Mas quem é essa menina? O que ela pensa que é? Pensa que vai dar ordens?”. Mais tarde, foram Filipe e Carla que passaram a viver este calvário.

Não eram “ordens”. Era um pedido por civilidade, por humanidade, por boa educação. Até esse pequeno “detalhe” faltava, um pingão de educação,

porque quando você convida alguém para dar uma palestra e não oferece nem mesmo uma cadeira e um copo de água, como se chama isso? Eu demonstrava parte da minha indignação, e por isso olhavam-me torto. Julgavam-me. Acusavam-me de oportunismo. Ignoravam-me. Até quase me arrancaram o microfone das mãos certa vez, porque disse o que ninguém queria ouvir. Nunca tinha sido tratada daquela maneira por ninguém. E eu sofria ainda mais por ver a maneira como tratavam Daniel.

Nessas viagens, ficou claro que quem queria oferecer o melhor para Deus, quem queria acertar era a minoria, bem minoria mesmo. Pouquíssimos conseguiam fazer um seminário direitinho, com começo, meio e fim, sendo idôneo em tudo. Que lástima.

Foi isso que eu vi. Era uma realidade grotesca. Aqueles a quem eu tinha dedicado tanta admiração, os pastores, os supostos servos de Deus...

Se eu tenho alguma boa lembrança deste período? É triste dizer, mas praticamente nenhuma. Foi o maior tombo que levei na minha vida.

\*\*\*

Quando fiquei grávida do Théo, Deus orientou Daniel para que me poupasse das visitas. Alguém poderia argumentar agora e dizer que três anos foi um tempo muito pequeno para avaliar a Igreja. É verdade. Eu estive à frente durante um período mais curto, mas Daniel continuou. São mais de quatorze anos de ministério e as pessoas se esquecem de que eu continuo casada com ele, e sei o que tem passado. As coisas nunca mudaram! Por mais que Daniel tenha encontrado uma minoria de pessoas idôneas e íntegras, estes não expressam a realidade da Igreja. Posso dizer, sem chance de errar, que 90% da liderança evangélica está contaminada em maior ou menor grau, é corrupta e não serve a

Deus. É o que alguns autores chamam de “cristianismo diabólico”. Eu sei o que isso representa.

O que mudou foi a maneira como Daniel passou a encarar essas situações. Tivemos de ter pulso mais firme, foi preciso não aceitarmos qualquer coisa, estabelecermos limites, cancelarmos seminários, abrirmos para o povo o que acontece nos bastidores. Quanto a mim, tudo o que tenho a dizer quando meu marido se encontra muito abatido é “Faça a sua parte. Deus vai nos recompensar”.

Há *um mês* Daniel foi roubado num evento. O pastor que estava de posse do dinheiro das inscrições evadiu-se do local pouco antes do final, alegando que “onde já se viu cobrar inscrição?”. Inscrição que ele cobrou, superfaturou, recebeu e não pagou a parte acordada que representava cerca de 30% do valor que ele havia captado.

Não oro para que Deus tenha misericórdia de pessoas assim, muito pelo contrário, oro para que

ele pese Sua mão e retribua em dobro todo o mal que recebemos. São como os fariseus, sepulcros caiados e raça de víboras. O que é semeado é colhido. Jesus nos manda bater o pó dos sapatos e entregar a ele a justiça, em casos assim.

Dedicamos anos da nossa vida escrevendo os livros que Deus dirigiu. Vemos que a maior parte das sementes não cai em boa terra. O que muda na vida das pessoas? A semente não vinga. Os líderes continuam vivendo o evangelho que lhes convém e as ovelhas continuam raquíticas. Avaliando todo o nosso trabalho dos últimos anos, o que realmente mudou? Será que a Igreja se arrependeu de seus pecados e mudou de direção?

Não sei dizer... De forma micro, sim. Mas macro, talvez não. Eu não estou aqui para pregar mais uma vez sobre o assunto.

Depois de tudo o que escrevemos, quem tem ouvidos para ouvir, que ouça. A Igreja tem todas as

informações de que necessita. Não precisa de mais um para dizer a mesma coisa.

\*\*\*

O que ia acontecer comigo depois que passei a ficar em casa, estudando, escrevendo e cuidando do meu filho, nem em sonhos eu poderia prever. Veio aos poucos. E eu comecei a viver coisas novas com Deus. Parte delas narrada na trilogia; outras pertencem somente a mim.

Eu tinha muita sede dele. Sempre foi assim, desde o começo. Queria conhecê-lo mais, queria entender a Palavra, queria experimentar o sobrenatural como Daniel já tinha vivenciado algumas vezes. Sentia um desejo forte de ter experiências com os anjos.

Eu não sabia se Deus me faria ver os anjos, mas uma coisa ele me fez entender: para usufruir mais intimidade com ele havia necessidade de uma preparação, e foi preciso me entregar ao processo. O

que eu queria era *ir além*; para ir além eu precisava também de outro nível de entrega da minha vida. Tinha que experimentar a santidade, tinha que desenvolver as várias facetas do fruto do Espírito, tinha que dar provas de uma obediência cega. Deus perguntou se eu estaria disposta a passar por um treinamento.

Houve momentos muito difíceis. Especialmente aquele que o Senhor chamou de “cruz”. Entendi que não podia pedir as bênçãos de Deus se não estivesse disposta a negar minha carne e aprender os princípios da vida.

Se eu fiquei “perfeita”? É claro que não. Não existe perfeição na terra. O ponto principal era a disposição do coração e o esforço no sentido de acertar. Então, um dia a intimidade tão almejada começou a existir e o sobrenatural veio até mim. Saímos do Vale da Bênção e fomos para a casa que o Senhor nos indicou, a casa onde nos tornaríamos uma família. Foi lá que, através do dom de Daniel,

Deus começou a responder minhas perguntas. Não de forma etérea, mas preto no branco, usando para isso o dom de meu marido. Daniel não faz alarido do dom que Deus deu a ele. Muitas vezes o Pai o usou para expulsar entidades poderosas, outras para curar enfermos que foram enganados pela medicina, outras vezes dando revelação de fatos importantes para ser esteio de uma ministração de cura e libertação, dentre outras.

Eu fazia listas e mais listas de perguntas. Deus marcava o dia em que iria dar a resposta. Para ouvir Deus falar, Daniel se retirava e ficava em consagração durante um período de algumas horas. A lista das perguntas ele nunca podia ler. Elas ficavam guardadas em segredo comigo, pois queria ter certeza de que era mesmo Deus quem falava.

E assim, maravilhosamente, as respostas vinham, todas elas, uma a uma. As que Deus não me respondeu – a minoria – eram por não ser o tempo, ou por pertencer somente a ele. Às vezes Daniel não

precisava da consagração, podia escutar Deus falar e responder ali mesmo, na quietude de nosso lar, em seu escritório.

Sobre o que eu perguntava tanto? Sobre tudo. Minha vida, a vida de Daniel e do meu filho. Pedia direções, tirava dúvidas, queria saber sobre o reino espiritual, sobre o céu, sobre os anjos, sobre a Grande rebelião. Queria entender a trajetória de minha vida, queria entender o porquê de meus sofrimentos. Foram milhares de perguntas, até o momento em que isso se esgotou e eu não tive mais necessidade de inquirir sobre nada.

Para nos encher, é preciso, nos esvaziarmos antes.

Esta busca assemelha-se à tentativa de fazer fogo, esfregando dois gravetos. O processo pode ser longo, podemos ser tomados pela incredulidade, e que aquilo não vai dar certo. Mas, em um momento sublime, eis que a centelha esperada surge e o calor do fogo o aquece e o acolhe.

Muito devagarzinho, fui tendo meu primeiro contato com os anjos. Aos poucos eles se davam a conhecer.

O primeiro foi o arcanjo Raphael. Ele estava ali para curar, conforme seu nome mesmo diz – “Rapha” –, embora não totalmente. A cura que ele trouxe da distímia e da depressão foi apenas para que eu pudesse continuar a jornada, para evitar complicações maiores como uma internação. Tinha coisas que eu teria de passar, mesmo não sendo agradáveis. Aprendi que, muitas vezes, Deus não vai livrá-lo das tempestades, mas te dará para vencê-las. Eliseu morreu da doença que tinha, Paulo tinha um espinho na carne que Deus não removeu, Timóteo tinha problemas de estômago. José não foi poupado da prisão, nem Davi das perseguições, nem Pedro das privações.

O Raphael se tornou muito presente em minha vida. Um amigo. Não vou me aprofundar nesta história, pois ela é algo muito particular. Quero

apenas dividir com vocês, que é possível ter os anjos ao lado como amigos, além de protetores e mensageiros.

Eu podia estar longe dos evangélicos, mas estava mais e mais perto de Deus.

Ensinaram-me a caminhar no Caminho de Pedras azuis, que nos levam à Sala do trono.

Não tenho como resumir todas as experiências com os anjos porque estas foram centenas e centenas, algo cotidiano. De tal modo eles foram – e são – presentes em minha vida, que quase são mais próximos do que pessoas. Essa é uma experiência pessoal. Por esse motivo não posso afirmar que Deus vai fazer o mesmo por outras pessoas, e nem que não vai. Ainda assim, esta é uma experiência puramente pessoal, de onde não se pode retirar doutrinas.

Apesar desse constante sobrenatural em nossas vidas, houve muitos dias maus e tempos difíceis que se sucederam uns aos outros. Daniel foi a pessoa

mais forte que eu conheci na vida! Ele não se dobrou mesmo nos piores e mais profundos momentos de dor e incerteza, mesmo quando foi julgado, traído e menosprezado. A determinação implacável que sempre demonstrou diante das situações, e sua perseverança, com certeza ajudaram-me a continuar caminhando.

Se não fosse a presença de meu marido – o meu maior e mais verdadeiro amigo, o amor da minha vida – lado a lado comigo, com seu constante cuidado por minha pessoa e sua dedicação em fazer o melhor pela família, eu teria desistido...

Se não fosse a presença dos anjos, manifestando seu amor e cuidando de mim quando estava muito abatida, ajudando-me e trazendo forças, eu teria sucumbido...

Se não fosse a existência de Théo, que Daniel e eu queríamos ver crescer e florescer, de quem devíamos cuidar como joia mais preciosa, nós dois teríamos pedido ao Pai que nos levasse...

Mas ele nos estendeu *sempre* Sua poderosa mão...

Quando se enfrenta o deserto por muito tempo, quando se experimenta a solidão e não se encontra lugar no mundo ao qual pertencer, por vezes nos sentimos esgotados.

Às vezes ficava prostrada na cama sem conseguir fazer nada, revirando pensamentos de morte, antevendo desgraças e ruína, achando que Deus poderia mudar de ideia e nos deixar perecer nas mãos do inimigo. Mas isso não era verdade. Era só um momento de intensa fraqueza. Hoje eu sei que somente o livre-arbítrio pode nos derrotar. Deus não vai mudar de ideia nem o Seu amor vai mudar. Mas isso não queria dizer que o ministério era fácil.

Temia pela vida de meu marido...

Tantas e tantas vezes ele estava no limite das forças, no limite da sanidade, trabalhava sem descanso e vivia um profundo estresse. Às vezes eu o ungia enquanto estava dormindo, pedia por ele, chorava rios de lágrimas. Várias vezes, no dia

seguinte, os anjos falavam como tinha sido importante a unção, e que Jesus viera para cuidar dele de maneira especial. Daniel seguia, na medida do possível, as direções que eram dadas para que conseguisse se recuperar. Mas era um processo apenas parcial, o suficiente para continuar caminhando.

Quando um de nós não está bem, a família não fica bem. Mesmo assim, o amor foi mais forte. Somos uma família muito forte.

A despeito de minhas falhas e de meus problemas e limitações, junto com Daniel, ensinei a Théo o mais importante: a amar a família, amar os animais e a natureza, amar a vida, amar a Deus e viver por ele. No amor ele sempre vai encontrar as suas respostas.

No mundo passaremos por aflições, mas, como Jesus, nós receberemos ajuda para atravessá-las.

\*\*\*

Nunca se pode engessar Deus e sua multiforme graça, sua infinita sabedoria. Isso me fazia sentir como disse um dia o capitão: “O que uma formiguinha pensa que sabe sobre o campo de futebol?”.

Quando pensamos que já vimos de tudo, ainda assim a história mais surreal de todas pode surgir diante de nossos olhos. Por que sofremos tanto na terra? Por que Deus permite que a humanidade grite de uma dor latente?

Li um livro chamado “Pés como os da corça nos lugares altos”, de Hannah Hurnard. Um dos capítulos me chamou a atenção, “O terror do amor”, é muito assustador. Daniel inclusive já teceu uma mensagem com este título, apresentando o escopo desta pauta.

Menciona justamente essa faceta do amor de Deus, a necessidade do mal, e trouxe-me certo mal-estar. Não há saída para os filhos, a não ser retornar. Deus não permitirá que partam. Ele fará *tudo* – até

provocar a mais profunda dor – para trazê-los de volta. Por amor, ele inflige dor. Até a mais insuportável dor, de forma terrível e inexorável.

Como diz o livro:

*“Pode o amor ser terrível, meu Senhor?*

*Pode a amabilidade ser dura?*

*Ó, sim! Intenso é o desejo do amor de purificar seu amado.*

*Teu fogo, fogo santo a queimar.*

*Ele tem de te aperfeiçoar totalmente até que, em tua imagem, todos possam ver a beleza de teu Senhor.*

*(...)*

*O amor é duro para salvar;  
não te poupará nenhuma dor  
até estares livre e puro de novo,  
e perfeito como Teu Senhor.*

*Pode o amor parecer cruel, ó meu Senhor?*

*Sim, a cura como uma espada,*

*Ele não te poupará, alma doente,  
até te curar,  
até teu coração purificar.  
Pois Ele te ama demais para te deixar no inferno  
que criaste para ti. (...)*”

Aquilo era surpreendente. E realmente assustador...  
Ali estava a beleza e o terror do amor.

E nós tivemos nossa resposta. Deus disse como tantas vezes tinha feito antes.

Na vida teremos aflições, que nos açoitam para nos fortalecer. É o preço pago pela uva virar vinho. Hoje, entendemos o amor de Deus de forma mais completa.

Hoje sabemos que, embora haja sombras em nossas vidas, em nossos corações, sombras que remetem a limitações humanas e nossas fraquezas, a luz de Cristo ilumina nosso caminho, clareia nosso entendimento. Podemos dizer que Daniel e Isabela Mastral vivem em uma Catedral de luz!

Há um povo grande e numeroso que se agrupa no deserto. Um povo fiel, justo e verdadeiro. Que não se curvou ao Baal de nosso século. Esse povo é como tochas de fogo, que iluminam o caminho dos perdidos, fortalecem os fracos, consolam os que choram e libertam os cativos. Esse povo diz a uma só voz:

“Força na jornada!  
Honra ao Cordeiro!”

Um enorme pelotão de Deus está se ajuntando de todas as partes da terra.

*“Guerrearão contra o Cordeiro, mas o Cordeiro os  
vencerá,  
pois é o Senhor dos senhores e o Rei dos reis;  
e vencerão com ele os seus chamados, escolhidos e  
fiéis”*

(Apocalipse 17:14, NVI).

Aliste-se neste exército!

Jesus morreu por você. Viva por ele!

# CAPÍTULO 8

## Despedidas

**E**duardo era um jovem muito carismático e promissor. Grace o havia conhecido quando ministrava um curso em sua cidade. Possuía discernimento apurado e nutria grande alegria em servir. Por esta razão, logo foi absorvido pela equipe de Grace a fim de auxiliá-la nas ministrações individuais. Ele foi o escolhido para estar presente na maior parte das ministrações de Daniel. Sempre somando, acrescentando. Deus dava a ele visões, revelações que corroboravam no processo e validavam o que era narrado. Logo, tornou-se amigo do casal também. A idade próxima favorecia uma

empatia e sinergia maior. Era um aliado de confiança. Inclusive, como reflexo desta amizade, foi inserido ao nome de Daniel, Eduardo.

O que figuraria nas capas dos livros do casal: Eduardo Daniel Mastral. O que, de certa forma, era um homenagem àquele rapaz que tanto colaborou para a cura interior de Daniel.

Atualmente, Daniel não utiliza mais este antenome, assinando suas obras apenas como Daniel Mastral.

No entanto, em um momento difícil de precisar algo mudou. “Eu iria sair de casa hoje, e senti a presença do abraxas, perto de mim. Pude sentir seu poder e força. Sentia seu cheiro adocicado. Um manto de trevas passou a me cobrir, mas eu deixei que ele fosse adiante. Queria ver até onde ele poderia ir. Eu estava decidido a só clamar pelo sangue de Jesus em último recurso. Foi quando percebi que meus sentidos estavam sendo desligados. Minha visão estava turva, embaçada. Então, clamei ao Senhor”, relatou Eduardo, com ar

triumfante, deixando-se levar por aquela centelha de ufania.

Daniel apenas ouviu o relato, embasbacado e estupefato com o que escutava. Não caberia a ele julgar, nem tecer comentários. Grace fez o mesmo, calou-se.

No íntimo, Daniel sabia que enfrentar uma entidade como aquela não era nada semântico. Seria uma verdadeira utopia acreditar que aquele jovem poderia dominar aquela fera, agindo de forma leviana, em tom de desafio. Nem Jesus fazia isso. Apenas ordenava que a entidade partisse. Aos poucos, lentamente, os parâmetros de segurança estavam sendo deixados de lado. O adversário tornava-se forte em nossa fraqueza. A maior delas é quando nos achamos fortes. O laço da vaidade sobrepuja a razão muitas vezes, deixando vidas à mercê das influências demoníacas. Aquilo estava ganhando contornos na vida de Eduardo.

O platô deste desafio velado ocorreu quando o rapaz sofreu um acidente. Nada grave, mas o impediu de chegar ao encontro com o casal, em uma reunião de oração. Era um sinal de alerta. Ele se aproximava de um ponto que o tornaria vulnerável.

Em pouco tempo as atitudes dele mudaram drasticamente. Discutiu com a equipe de Grace, e também com o casal. Passou a ligar para a mãe de Daniel a fim de questioná-la sobre os episódios narrados no livro “Filho do Fogo”. Daniel tentou resgatar nele a razão e o prumo. Ligou para Eduardo várias vezes, todas sem sucesso. Ele andava transtornado, rude. Entrara em um surto de ira descontrolada. Os telefones não atendiam mais. A família toda de Eduardo havia mudado de endereço, sem deixar rastros.

Até que um dia receberam uma notícia. “Ele está em tratamento psiquiátrico, foi internado em uma clínica.”

Nunca mais ouviram falar naquele rapaz.

O desdobramento de um encantamento da alta magia rompe paradigmas. Não utilizam objetos, peças de roupa, ou coisas do gênero. Palavras são declaradas no mundo espiritual, mediante os pactos estabelecidos. Promovem eco na vida alvejada. Os danos, em sua maioria, são na mente, na alma, nas emoções: culpa, medo, depressão, loucura, suicídio. É evidente que nem todo transtorno mental é oriundo de investidas espirituais da maldade. Porém, há de se ponderar que os ritos de magia negra podem causar esse tipo de dano, em uma vida com legalidades.

Um dado novo emergiu enquanto estas linhas eram escritas. Daniel recebeu uma mensagem em seu Facebook. Alguém perguntava se aquela ferramenta era mesmo dele ou se era um *fake*. Diante da resposta positiva: sim é do Daniel Mastral, sim. Eduardo respondeu com sinceridade e amor: “Hoje sou pastor, quero te pedir perdão por algo que tenha feito de mal em sua vida. Eu não sabia o que fazia.

Era um soldado fraco. Fui desprezado, humilhado, e hoje sei o que é isso. Estou aqui se precisar de mim”.

Daniel sentiu uma imensa alegria invadindo seu coração. Ele estava bem! Estava restaurado. Ao que respondeu: “Fico feliz que esteja bem. Não guardo mágoas em minha bagagem”. Deus é tremendo!

Thalya casou-se com um rico político italiano. Em pouco tempo este homem veio a falecer, deixando a ela uma herança considerável. Procurou Daniel algumas vezes a fim de reatarem o relacionamento e darem continuidade aos projetos que a Irmandade tinha para eles.

Aos poucos esses contatos foram se espaçando. Atualmente, ela ainda faz parte da seita.

Dona Clara foi uma coluna ao casal. Foi muito citada em “Guerreiros da luz”.

Ela fazia parte do grupo dos 12 do Pr. Lucas, no modelo G12, que o ministério havia abraçado. Com o desenrolar dos fatos, já narrados aqui, ela mudou-

se com a família para sua cidade natal no nordeste do Brasil. Nunca mais tiveram contato com ela.

Um fato que marcou muito o casal, especialmente Daniel, foi uma foto. Daniel, quando se converteu, na sala do Pr. Brintti, foi livrado por Deus em um momento crucial de seu “desenvolvimento” na Irmandade. Na sexta-feira daquela mesma semana, Daniel deveria participar de um ritual específico que culminaria com o sacrifício de uma criança de quase nove anos de idade, naquela época. Por mais insano que possa parecer, havia a anuência dos pais, mediante o singelo pedido de não estarem presentes no momento.

Daniel viu a menina. Viu seus olhos, a cor de sua pele, sentiu a textura de seus cabelos. Falou com ela. Era doce, meiga, serena. Tinha um sorriso contagiante, que iluminava todos a sua volta. Daniel deveria matá-la.

O rito envolve um preparo da vítima, e a criança já estava recebendo uma atenção especial neste

sentido.

Deus libertou Daniel em uma quinta-feira, a cerimônia ocorreria na sexta. Quando ligaram para a casa de Daniel, intimando-o para cumprir seu “destino”. Daniel teve medo, muito medo. Pegou sua bicicleta e pedalou até o Batalhão do Exército, no Ibirapuera em São Paulo. Julgava que ali estaria protegido por aquele pelotão.

Foi uma atitude ingênua, porém Deus o guardou, com seus anjos!

Naquela noite Daniel orou... pediu proteção a ele e para a criança também.

Anos se passaram, o calendário avançou. Sempre Daniel perguntava para Deus: “O que aconteceu com ela, Pai? Ela está com o Senhor?”

O silêncio durou cerca de 18 anos.

Até que viu a foto dela em uma revista. O *close* favorecia seus traços faciais.

Daniel não teve dúvidas: era ela! Estava viva!

“Eu controlo todas as coisas, filho, eu a preservei, pois tenho um plano para a vida dela. Vou trazê-la para perto de Mim, ela conhecerá Meu nome e me seguirá. Através dela muitos serão salvos.”

Daniel ouviu claramente a voz do Senhor.

Não muito tempo depois, Daniel recebeu em sua caixa de e-mails uma mensagem que dizia: “Caro Daniel, li seu livro “Filho do Fogo” e minha vida foi totalmente transformada. Ontem eu pude dar um exemplar de presente para... E sei que ela vai amar a leitura, pois já ouviu falar muito de você. Ela tem lido com muito interesse. Ore por ela”.

Os planos de Deus são perfeitos. Daniel e Isabela entenderam que a história não estava acabada. Enquanto há vida, haverá, sempre, esperança.

# CAPÍTULO 9

## A chave da sala do trono

**N**ão poderia deixar de abarcar este tema tão importante, a fim de dar rumo a sua jornada. Tenho observado, ao longo de mais de 14 anos de vida ministerial, que há muitos crentes sem Cristo. Orações são proferidas na terra e que jamais chegam à Sala do trono. Vidas vagam pela vida, sem nunca ter provado da Vida em abundância que Jesus prometeu aos que seguem seus ensinamentos.

Deus nos ama; é fato! O amor dele é incondicional, ou seja, não está atrelado a uma condição. No entanto, ele nos aponta um caminho, uma única rota segura a percorrer, que nos levará a pastos verdes e águas tranquilas.

Não existem pessoas boas ou más. Existem, na verdade, pessoas arrependidas e pessoas não arrependidas. As que se arrependem mudam sua rota, provam do caminho das bênçãos. É este caminho que quero apresentar a vocês. Quando escrevi “Kilaim – Águas turvas”, protegido por uma *blindagem* de ficção, eu pude ir mais longe e expor situações e verdades espirituais profundas. Alguns trechos da narrativa podem soar perturbadores, mas o leitor não ficará aturdido, pois é apenas uma obra de ficção. Mas, aos que possuem o Espírito Santo, o Pai vai revelar algo além da letra e um mundo invisível se descortinará diante de seus olhos.

Dentro do contexto da narrativa, foi necessário expor de forma mais elaborada o conteúdo de

alguns ritos ocultos. Porém, tomei a devida precaução de não entregar a “chave”. O ritual é um meio pelo qual o feiticeiro pode chegar a lugares onde não chegaria sem este mecanismo. Por analogia poderia citar, por exemplo, que um carro pode levar você mais depressa ao seu destino. Se alguém saísse de São Paulo, rumo ao Rio de Janeiro, a pé, ele cumpriria sua jornada, certamente. Mas levaria tempo, dias, provavelmente. De carro, o trajeto dura pouco mais do que cinco horas. Atalhando o percurso, através do meio utilizado, a magia negra tem esse escopo. Usa-se de um meio (o ritual) para se chegar a um determinado fim que pode ser representado pela realização de um sonho, por exemplo. O sonho de ser mais rico, de ter a mulher amada ao seu lado, de galgar patamares sociais elevados, de ser bem-sucedido profissionalmente, de trazer curas para diversos tipos de “males”, este sonho será pago com o pior dos pesadelos. Então, como forma de proteção ao leitor,

eu apresento a ele o “carro”. Mostro a potência de seu motor, sua velocidade, o conforto interno, seus sistemas de segurança, *etc.* Mas não entrego a chave que dará ignição ao processo e nem deixo nele “combustível”. Sem isso o “carro” não anda. Serve apenas como objeto decorativo, para emoldurar o contexto exposto, de forma semântica.

Alguém me perguntou: “Mas, e se você entregasse a chave e adicionasse o combustível? Isso levaria o leitor a ter condições de realizar os ritos expostos?”. A resposta é: Não! Por que não? Porque não há aliança!

Vou utilizar outro exemplo. Hoje muito já se sabe sobre os ritos maçônicos, através de diversas literaturas que exploram o tema. Agora imagine que alguém, imbuído deste conhecimento, dirija-se a uma loja maçônica para participar de uma reunião. Ele conhece o cumprimento “secreto”, ele está usando um broche na lapela com o símbolo que os identifica, ele conhece os ritos que leu. Mas, ao

chegar à loja, logo será descoberto. Irão de pronto identificá-lo e saber que ele não faz parte daquele grupo, pois não possui aliança com eles. Não passará na antessala. Jamais chegaria à sala, à intimidade da “cozinha” ou dos “quartos”. Pois não tem aliança! Com Deus é a mesma coisa. Não adianta conhecer as Escrituras, orar, jejuar, dizimar, se não há uma aliança. Judas andou com Jesus, tinha o título de apóstolo. Mesmo assim, não teve aliança com Cristo. Os fariseus conheciam as Escrituras, e as ensinavam ao povo, oravam, jejuavam, dizimavam, ofertavam. Mas não tinham aliança com Deus. Jesus se reportava a eles como sendo víboras, hipócritas, condutores cegos. Estar na Igreja não te faz um crente.

Da mesma forma que estar em uma garagem não te faz um carro. Como saber se tenho aliança com Deus? Onde está sua motivação em buscá-lo? Onde está seu coração ali está também seu tesouro! O que a magia negra oferece aos seus seguidores? Poder,

dinheiro, fama, sucesso, realizações *etc.* Na verdade é um cenário ilusório. O que muitos procuram quando se dirigem às Igrejas? Poder, dinheiro, prosperidade, unção, autoridade, curas, milagres, sucesso, fama, realizações... A motivação não é a mesma?

O que Jesus nos ensinou? Procurar em primeiro lugar a Deus, ao reino. E depois, todas as coisas nos serão acrescentadas. Ou seja, buscar o Senhor das bênçãos primeiro. O que nos faz buscar a Deus desta forma? O amor. O amor verdadeiro, sem interesses, não acoplado a uma promessa material. O amor incondicional. O maior dos mandamentos é este: amar a Deus acima de todas as coisas. Nada fica fora deste tudo. Mas, se procuramos a Deus somente para que ele faça aquilo que queremos, para satisfazer nosso ego, nossa vontade... é uma busca egoísta e sem esteio no amor. Pautada apenas no interesse pessoal. Buscam as bênçãos do Senhor, apenas. Essa característica representa os que não

possuem a verdadeira aliança, pois esta é fundamentada no amor. Se sua motivação for as recompensas materiais, então ela é chula, frívola e pífia. Não há aliança! Jamais entrará na Sala do trono. Não desfrutará da intimidade com o Pai. As preces não são ouvidas... São crentes sem Cristo. Cujas raízes da busca a Deus é a mesma que inclina os bruxos a procurarem o diabo, apenas para satisfazer nossos desejos temporais.

Esta é a chave para entrar na presença de Deus. Buscá-lo em amor, por amor. Sem interesses. Apenas pelo prazer de estar perto. Amo meu filho. Meu amor por ele não está ligado ao que ele pode me dar. Apenas o amo e quero o bem dele. Gosto de estar com ele, de conversar, de brincar, de ensinar. Este prazer só é obtido com o amor verdadeiro. E é este relacionamento que Deus quer ter com você. Este relacionamento vai fortalecer os laços de amor, e você sempre será bem-vindo à Sala do trono e à

intimidade com o Pai. Para estes, ele inclina os ouvidos e ouve as preces. Pois há aliança!

Onde está seu coração?

# CAPÍTULO 10

## Flor no deserto

**M**eu trabalho diante das centenas e centenas de igrejas que visitei ao longo de mais de uma década, no Brasil todo – o que gerou também os DVDs –, culminou numa direção de Deus bem diferente de tudo que eu estava acostumado a fazer. Não pelo fato de trazer palavras mais curtas diante do povo, porque isso também eu fiz, mas pelo fato de tornar isso uma constante, num único lugar.

Assim, nascia a nossa “base”.

Ao longo do tempo em que viajei, encontrei diversas igrejas sérias, lideradas por homens íntegros

que primavam pela excelência. Em contrapartida, esbarrei nas feridas do Corpo de Cristo: o orgulho, a soberba, a inveja, o roubo, a mentira, o engano, o desdém e o relaxo.

Costumo brincar dizendo que o ministério público de Jesus não poderia realmente durar mais do que três anos e pouco, porque, infelizmente, nem ele iria aguentar. É muito difícil lidar com o povo, particularmente com os líderes. Falta ao povo o conhecimento, e por isso perece. E, quanto aos líderes, deixam-se dominar pelo orgulho e pela falta de amor – como também aconteceu nos tempos de Jesus.

Que vem a ser a Bíblia para o cristão? É a arma que nós temos, espada e escudo. O que me levava a perguntar, durante os meus seminários:

“Quem é que conhece a sua espada?”.

É uma questão bastante fundamental. De nada adianta possuímos uma arma muito sofisticada se não conseguimos manuseá-la.

“Você pode ter em mãos uma aeronave de combate das mais modernas, mas, sem saber manejá-lo, isso não passa de sucata.”

Então explicava a necessidade de tornarmos a Bíblia eficaz, tornarmos a Palavra de Deus “mais cortante do que faca de dois gumes”. Foi assim que o apóstolo Paulo instou Timóteo: “Procura apresentar-te a Deus aprovado, como obreiro que não tem de que se envergonhar, que maneja bem a Palavra da Verdade”.

Paulo sinaliza claramente a necessidade de conhecimento profundo das Escrituras, e diz ser motivo de vergonha estar em posse da Palavra e não saber manuseá-la convenientemente.

Como fazer isso? O que vem a ser manusear bem a Palavra? Como fazer com que ela seja, de fato e de verdade, espada e escudo?

Primeiro de tudo, conhecendo o seu conteúdo. Não por alto, mas a fundo. As pessoas em nossos dias têm a tendência de selecionar assuntos ou textos de

que gostam mais e insistir apenas naquilo. O conteúdo bíblico, em sua forma mais completa, é esquecido, e acabamos nos vendo envolvidos com algumas poucas doutrinas que são, então, pregadas maciçamente em todos os púlpitos, tornando-se “assunto da moda”.

Muitas vezes, os contextos dos quais são retirados tantos textos e doutrinas deixam de ser levado em conta. Sem contexto, podemos perder o pé, deixar de estar na rocha, e passamos a tomar inverdades por verdades.

Que dizer de “Não te assustarás do terror noturno, nem da seta que voa de dia, nem da peste que se propaga nas trevas, nem da mortandade que assola ao meio-dia. Caiam mil ao teu lado, e dez mil à tua direita: tu não serás atingido”?

Essas promessas estão vinculadas a “habitar no esconderijo do altíssimo e descansar à Sua Sombra, fazendo dele nosso refúgio e morada”, o que implica muita coisa; muita coisa mesmo. Significa um

profundo relacionamento com Deus, o que quer dizer obediência, santidade e amor. Significa estar bem perto de Deus, conhecer a Sua Pessoa.

A promessa não se aplica aos cristãos “voadores”, que não se comprometem com Cristo, e só estão à caça das bênçãos.

Porém, o povo é levado a crer que essas condicionais não existem. Que os contextos não existem. Que Deus está aí, como um “Papai Noel”, apenas para nos servir, quando a verdade é que nós somos os servos.

Apenas recitar versículos não te faz bom manejador da Palavra. É necessário conhecer a Palavra de maneira completa e – segundo ponto –, mais que tudo, ser praticante da Palavra. Não basta conhecer a verdade, é preciso viver a verdade!

Alguns querem espelhar os mesmos dons dos apóstolos. Querem falar em línguas, querem curar enfermos, expulsar demônios, pegar em serpentes. Querem profetizar e mostrar o caminho, estar à

frente, ter visões. Ser trasladados. Mas não pagam o preço que os apóstolos pagaram: não viver na carne, mas renovar o homem espiritual a cada dia.

Como Jesus disse a respeito dos apóstolos, pouco antes de ser entregue:

“Eu lhes tenho dado a tua Palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou (...). Santifica-os na Verdade, a tua Palavra é a Verdade (...). E a favor deles eu me santifico a Mim mesmo, para que também eles sejam santificados na Verdade”.

Santidade. Separação. Viver como cidadão dos Céus. E Jesus continua:

“Em verdade, em verdade vos digo que aquele que crê em Mim fará também as obras que eu faço, e outras maiores fará, porque eu vou para junto do Pai. E tudo quanto pedirdes em meu nome, isso farei, a fim de que o Pai seja glorificado no Filho. Se me pedirdes alguma coisa em Meu Nome, eu o farei”.

A quem se aplica essa promessa? A qualquer um que pede segundo o seu próprio coração e termina a oração dizendo “em nome de Jesus”? Há muitos que dizem “Senhor, Senhor” e herdarão o Inferno.

A resposta a isso vem logo em seguida, no texto: “Se me amais, guardareis os Meus mandamentos”. Se me amais... guardareis...

A promessa é feita aos que amam – e isso é muito amplo e muito profundo –, aos que se submetem aos mandamentos. Não se trata de uma sequência de palavras “mágicas”, mas é fruto de vida com Deus.

“Fareis as mesmas obras que ele, e outras maiores...”

Obras. Implica em trabalho constante; é uma promessa para o dia a dia da vida cristã. Mas como isso acontece?

A obra pela obra – o ativismo – não importa para Deus. As verdadeiras obras são as que provêm de fé. Porque, como diz a Palavra, “a fé sem obras é morta”.

E “Por meio das obras te mostrarei a minha fé”...

Mas tais obras não nascem do nosso próprio entendimento e da nossa própria vontade. Saber o que fazer, como fazer e quando fazer... E receber poder para isso... é resultante de vida com Deus, que te diz: ande para a direita ou ande para a esquerda.

Não existe outro modo de caminhar.

Por meio da fé combatemos o bom combate. Foi por meio dela que venceram os antigos e os heróis da fé. Sem fé, nada acontece. Ela é a mola propulsora da vida espiritual, já que se diz “O justo viverá pela fé”.

Mas de onde provém a fé?

“A fé vem pelo ouvir, e ouvir a Palavra de Deus.”

Se a fé vem pelo ouvir da Palavra, depreende-se que, sem o conhecimento dela, estamos fadados a um grande fracasso. Sem profundo conhecimento de Bíblia ficamos à deriva, achando que o Cristianismo se resume, por exemplo, a fazer

libertação, conquistar cidades, expulsar demônios, buscar a cura e a prosperidade ou obter algum objeto consagrado.

“Se tiverdes fé, e não duvidardes, não somente fareis o que foi feito à figueira, mas até mesmo se a esse monte disserdes: ergue-te e lança-te no mar, tal sucederá”.

Eu gostava de comparar a Palavra de Deus à takana, famosa espada japonesa muito utilizada pelos samurais e extremamente temida pelo seu poder.

Os samurais costumavam dizer: “Um corte, uma morte”, no sentido de que bastava um golpe para depor o inimigo, tal era sua habilidade de manuseio da arma. Isso requeria anos de prática e um profundo conhecimento daquele instrumento de guerra. Entretanto, nas mãos de quem não sabe usá-la, é apenas um objeto de enfeite.

Então, manejar bem a Palavra da Verdade requer conhecimento dos seus princípios – que gera fé; e a

fé gera mais fé –, o que culmina numa prática diária do homem espiritual através das obras. Fé é como um músculo que, quanto mais é exercitado, mais forte fica. E cresce!

Entretanto, esta não é a realidade de nossa Igreja.

A situação do povo de Deus é bastante deplorável – e preocupante –, já que não conhece a sua arma. Não conhece a Palavra. Todas as vezes em que fiz perguntas nesse sentido recebi resposta de uma ínfima minoria:

“Quem já leu a Bíblia inteira? Quem aqui conhece Bíblia?” Poucos.

Num grupo de 500, podia ver 8... 10... que erguiam suas mãos.

Uma pequena minoria.

As pessoas dizem que são “crentes”. Mas crentes em quê? Crentes em algo que não conhecem, em algo de que só ouviram falar. Em pedaços de textos, em promessas extraídas aqui e acolá, sem respaldo. Quando enfrentam os menores ventos contrários, é

fácil que se desviem, ou se percam, sem saber em quem confiar ou o que esperar.

Isso me apontava um claro caminho, que era o de sanar esse déficit, suprir essa necessidade, ampliar esses horizontes. Meu compromisso diante de Deus e diante do povo foi, sempre, de instruir sobre a Verdade, de forma profunda e intensa, a despeito das dificuldades que isso pudesse acarretar para mim. Para isso eu fui chamado.

Mas não tem sido fácil.

Mesmo assim, tomo para mim as palavras de Paulo quando instruiu Timóteo a suportar os sofrimentos e permanecer firme como vaso de honra, pois “nos últimos dias sobrevirão tempos difíceis, pois os homens serão egoístas, avarentos, jactanciosos, arrogantes, blasfemadores, desobedientes aos pais, ingratos, irreverentes, desafeiçoados, implacáveis, caluniadores, sem domínio de si, cruéis, inimigos do bem, traidores, atrevidos, enfatuados, mais amigos dos prazeres que amigos de Deus, tendo forma de

piedade, negando-lhe, entretanto, o poder. Foge também destes”.

Paulo falava daquilo que conhecia muito bem, exortando frequentemente sobre estes e outros pecados. Murmurações, avareza – que é idolatria –, partidarismos, vanglória, falsidades, maldades, prostituição, impureza, desejo maligno, ira, maledicência, falta de honra etc... Etc... Deixando claro que por meio dessas coisas sobrevém ao povo a ira de Deus.

Comigo não foi diferente: eu também tive que exortar o povo. Eu também tive que começar do beabá do evangelho, estendendo as bases da santificação, mostrando que o pecado precisa ser retirado do nosso meio através do poder do Espírito Santo.

“Porque nem mesmo compreendo o meu próprio modo de agir, pois não faço o que prefiro, e sim o que detesto. Ora, se faço o que não quero, consinto com a lei, que é boa. Neste caso, quem faz isso já

não sou eu, mas o pecado que habita em mim, isto é, na minha carne. Porque eu sei que em mim, isto é, na minha carne, não habita bem nenhum, pois o querer o bem está em mim; não, porém, o efetua-lo. Porque não faço o bem que prefiro, mas o mal que não quero, esse faço”.

O povo ainda não percebeu onde se aloja a verdadeira batalha do Cristianismo: na nossa própria carne. É a nossa luta contra o pecado. Porque, diante do pecado, Deus não pode agir a fundo, Suas promessas se invalidam e o palco está aberto para o adversário.

Mas onde estão aqueles que dizem ao homem que ele precisa olhar para si mesmo e ver sua própria maldade?

“Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado que está

nos meus membros. Desventurado homem que sou!  
Quem me livrará do corpo dessa morte?”

A resposta, mais uma vez, vem a seguir:

“Graças a Deus por Cristo Jesus, nosso Senhor.  
(...) Porque a lei do espírito da Vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. (...) Porque os que se inclinam para a carne cogitam das coisas da carne; mas os que se inclinam para o espírito, das coisas do espírito. Porque o pendor da carne dá para a morte, mas o do espírito, para vida e paz. (...) Se habita em vós o Espírito daquele que ressuscitou a Jesus dentre os mortos esse mesmo que ressuscitou a Cristo Jesus dentre os mortos vivificará também o vosso corpo mortal por meio do Seu espírito que em vós habita”.

Será que já temos experimentado isso a fundo?

Uma profunda mudança gerada pelo Espírito?  
Uma capacitação sobrenatural para fazer o que antes não conseguíamos e deixarmos de fazer o que precisa ser posto de lado?

Precisamos olhar para a nossa própria carne – a natureza humana – e vê-la como ela realmente é: maligna, uma inimiga a ser vencida, dia a dia. Porque, se falharmos nessa luta, falharemos nas demais.

O problema é que pouco se fala na Igreja sobre o poder do pecado, sobre a urgente necessidade de sermos vencedores da luta contra nós mesmos. Essa é a guerra mais intensa que pode existir, e ninguém pode fazer isso por nós. É um processo pessoal e, como os apóstolos, não é possível escapar ao dever de “resistir até ao sangue”.

O pecado é de fato poderoso. E por quê? Porque ele invalida as promessas.

Como disse o apóstolo João: “Filhinhos, não vos deixeis enganar por ninguém: aquele que pratica a justiça é justo, assim como ele é justo. Aquele que pratica o pecado procede do Diabo, porque o diabo vive pecando desde o princípio. Para isso se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras

do diabo. Todo aquele que é nascido de Deus não vive na prática do pecado; pois o que permanece nele é a divina semente; ora, esse não pode viver pecando, porque é nascido de Deus”.

Por isso tantos perecem. Seduzidos pelo pecado, aninhando seus pecados debaixo do colchão e vindo até a igreja depois gritar e pisotear demônios.

Percebem como fazemos uso errado do texto “Para isso se manifestou o Filho de Deus, para destruir as obras do diabo”? Esquecemo-nos de que o contexto como um todo enfatiza a luta contra o pecado e, pouco adiante, começa a falar do amor aos irmãos.

É isto que vence o diabo: justiça, ao invés de pecado... Amor...

A famosa prática da “libertação”, com a qual estamos acostumados, não está errada em princípio: ela tem o efeito de trazer à tona o pecado e levar ao arrependimento. O que fica esquecido, no entanto, é que a vida cristã requer continuidade. Devemos vigiar e orar sem cessar. Depois de conquistarmos o

perdão, nos arrependendo e confessando os pecados, devemos nos esforçar para manter uma vida de santidade, sem o que tudo o que foi feito antes é perdido.

Mais uma vez caímos no conceito da santificação:

“Porquanto Deus não nos chamou para a impureza, e sim para a santificação”.

Ao apontar o caminho, é preciso incentivar o povo a caminhar, consolando e mostrando o alvo, incentivando-o a ser como cidadãos dos Céus. Pois ali está a nossa Pátria.

“Assim, pois, amados meus, como sempre obedecestes (...), desenvolvi a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é quem efetua em vós tanto o querer como o realizar, segundo a Sua boa vontade”.

“Fazei tudo sem murmurações nem contendas, para que vos torneis irrepreensíveis e sinceros, filhos de Deus inculpáveis no meio de uma geração pervertida e corrupta, na qual resplandeceis como

luzeiros no mundo, preservando a Palavra da Vida, para que, no dia de Cristo, eu me glorie de que não corri em vão nem me esforcei inutilmente”.

“Finalmente, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é respeitável, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se alguma virtude há, e se algum louvor existe, seja isso o que ocupe o vosso pensamento. O que também aprendestes, e recebestes e ouvistes, e vistes em mim, isso praticai; e o Deus da paz será convosco.”

O trabalho de Paulo era um somente: labutava noite e dia na intenção de conduzir o povo à Verdade; depois, esforçava-se para manter o povo na Verdade – o que é ainda mais difícil; e separava o joio do trigo.

“Vivei, acima de tudo, por modo digno do evangelho de Cristo, para que, ou indo ver-vos, ou estando ausente, ouça, no tocante a vós outros, que estais firmes em um só espírito, como uma só alma,

lutando juntos pela fé evangélica; e que em nada estais intimidados pelos adversários. (...). Se há, pois, alguma exortação em Cristo, alguma consolação de amor, alguma comunhão do Espírito, se há entranhados afetos e misericórdias, completai a minha alegria, de modo que penseis a mesma coisa, tenhais o mesmo amor, sejais unidos de alma, tendo o mesmo sentimento. Nada façais por partidarismos ou vanglória, mas por humildade, considerando cada um os outros superiores a si mesmos (...).”

A santidade é um ponto mais que básico, primordial, fundamental, sem o que não dá nem para começar a desenvolver o Cristianismo. E nisso não estou querendo dizer que o cristão deve abdicar de ser uma pessoa normal, que assiste à televisão, vai a festas e convive com todo tipo de pessoas. Com a postura certa, tudo isso é lícito, ao passo que com o coração corrompido até uma comemoração na igreja pode ser cenário do pecado. A questão é o coração. A dependência de Deus.

O segundo ponto básico, primordial e fundamental é que o cristão precisa se esforçar para desenvolver o amor, o amor que deve permear os que são de Cristo. Como disse – sempre – o apóstolo João:

“(…) Porque a mensagem que ouvistes desde o princípio é esta: que nos amemos uns aos outros. (...) Nós já sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos os irmãos; aquele que não ama permanece na morte. (...) Nisto conhecemos o amor: que Cristo deu a Sua vida por nós; e devemos dar a vida pelos irmãos. Ora, aquele que possuir recursos deste mundo, e vir a seu irmão padecer necessidade, e fechar-lhe o seu coração, como pode permanecer nele o amor de Deus? Filhinhos, não amemos de palavra, nem de língua, mas de fato e de verdade”.

“Amados, amemo-nos uns aos outros, porque o amor procede de Deus; e todo aquele que ama é nascido de Deus e conhece a Deus. Aquele que não ama não conhece a Deus, porque Deus é amor”.

E como disse o Mestre:

“Novo mandamento vos dou: que vos ameis uns aos outros;” e repete:

“Assim como eu vos amei, que vos amei uns aos outros”. E nos dá a fantástica revelação:

“Nisto conhecerão todos que sois Meus discípulos: se tiverdes amor uns aos outros”.

Depreende-se que, sem o bendito amor, não poderemos ser tidos como discípulos de Cristo.

Essa é a marca.

Posso dizer que tenho, incansavelmente, apontado esse caminho aos que Deus me tem dado porque, para se desenvolverem, os cristãos precisam ouvir estas diretrizes com frequência. E, como já disse, o povo que não conhece a Palavra, esta é minha principal preocupação. Sem saber para onde ir, sem saber aonde beber, este povo passa a confiar exclusivamente em seus líderes – esperando deles o ensino, esperando a tradução da Palavra da Verdade.

Jesus disse à samaritana: “Se conheceras o dom de Deus e Quem é o que ter pede: dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água viva. (...) Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede; pelo contrário, a água que eu lhe der será nele uma fonte a jorrar para a Vida eterna”.

O homem precisa da Água Viva, pois somente ela preenche. E tenho visto que o povo não tem onde beber. Ou, se bebe, bebe pouco. Muitos líderes passam uma mensagem inconsistente, ou – ainda pior – uma visão distorcida e deformada dos princípios bíblicos. Alguns, com dolo, é fato. Manipulando o povo. Outros, infelizmente, às vezes carecem de entendimento. Dão ao povo “água salgada” em abundância. Mas esta não mata sua sede, nunca. Esta água te conduz à morte e não à vida.

Sendo assim, o que percebo é que o povo termina com a falsa ilusão de estar sendo alimentado, mas,

na verdade, tem recebido um alimento estragado. Uma água podre.

Os ventos de doutrina, os afãs da Igreja com assuntos e posicionamentos de menor importância, a inversão de valores, tudo isso tem feito com que a Igreja pereça. As vidas estão sedentas, mas há escassez de água pura. E isso ecoava em meu coração.

O problema só aumenta, em cascata. Sem ter onde beber – sem o conhecimento da Palavra da Verdade –, não é possível permanecer na Verdade. Se o Espírito Santo encontra pouco substrato no coração humano em que possa trabalhar, fica mais difícil de ele ter espaço para se manifestar. Sem a ação do Espírito em nosso espírito, fica difícil vencer a carne. Sem vencer a carne, as promessas se dissolvem. É um Cristianismo fraco e sem poder.

Jesus é a Água Viva. Jesus é o Pão da Vida.

“Porque o pão de Deus é o que desce do Céu e dá vida ao mundo. (...). Eu sou o pão da vida; o que

vem a Mim jamais terá fome; e o que crê em Mim jamais terá sede.”

Se alguém beber somente água, sem pão, morre. Se alguém comer somente pão, sem água, morre. Há que se beber água e comer pão. Como trouxe o anjo a Elias, no deserto.

Sei que o trabalho diante de mim é grande. E, como o apóstolo, digo: “Não que eu o tenha já recebido ou tenha já obtido a perfeição; mas prossigo para conquistar aquilo para o que também fui conquistado por Cristo Jesus”. Prossigo para o alvo.

A igreja não necessariamente está ligada a um templo, não precisa ter uma placa na porta. Onde estiverem reunidos dois ou três em nome de Jesus, ali estará Jesus presente com eles. A Igreja Primitiva se reunia em praças, nas ruas, nas casas. Não estou fazendo aqui uma apologia contrária ao sistema religioso de nossos tempos, apenas resgatando valores imemoriais. Faço sempre lembrando que a

Igreja deve ser um local onde dividiremos fardos uns com os outros, e somaremos forças, tornando-a lugar de refúgio e refrigério, lugar para cuidar do rebanho, cuidar dos feridos e anunciar o evangelho, e onde nós os líderes também poderemos ser cuidados.

“Vinde a Mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei.”

O povo está cansado de mais do mesmo, de promessas vazias e doutrinas humanas; ativação profética, liberação de destinos, transferência de unção... O que mais falta inventar para atrair as multidões sedentas para depois saqueá-las? Vende-se de tudo nas prateleiras das Igrejas; martelo que quebra a maldição, corda que amarra satanás, tijolo unguento, cimento consagrado, caneta de Jesus, meias proféticas, fronhas consagradas *etc.*

E o amor? E a vida com Deus? E cuidar do rebanho?

O amor de Cristo se manifesta não apenas de forma pessoal, fluindo do próprio Cristo para o homem, em seu coração, por meio do Espírito. Ele pode vir também através dos irmãos. Esse texto me faz lembrar, e ensinar, que o alívio e o descanso podem vir ao homem por meio de uma Igreja que expressa o amor de Cristo.

Destes princípios derivam a visão de Igreja que Deus deu a mim e minha esposa; santidade e amor.

Assim postas as bases da nossa igreja, Deus pediu que eu treinasse o Christopher, para que ele viesse a me ajudar, pois “é melhor serem dois do que um. Se um cair, o outro levanta o seu companheiro”. Era preciso um parceiro de trincheira, alguém que pudesse estar ao meu lado para dividir o fardo. Porque a igreja não se compõe de uma só pessoa que carregue todo o fardo; é preciso um grupo.

Essa era a premissa inicial para lançar as pedras fundamentais da igreja. Claro que, a princípio, eu não tinha ideia do que iria encontrar, ou quais as

peças que Deus traria para ali. Tudo que eu conhecia era a missão, muito clara no meu coração: entregar ao povo alimento sólido, para que passasse a viver profundamente dentro dos parâmetros bíblicos. Pois chega um momento em que toda criança tem que parar de se alimentar apenas de leite, caso contrário sofrerá muitos déficits nutricionais e isso poderá prejudicar sua saúde e seu crescimento.

O mesmo acontece com o povo de Deus: as ovelhas precisavam parar de receber apenas leite. Pois está raquítico, sem imunidade espiritual, muito sujeito a sofrer contaminações. Propenso a ser atacado pelo vírus da ganância, pelo vírus do ódio, pelo vírus da mentira, da corrupção, da vaidade, essas pandemias que se alastram muito depressa.

É claro que há o tempo do leite. Mas, depois, há o tempo do alimento sólido. É o antídoto contra esses males.

No começo tive receio de que a igreja se tornasse um chamariz para pessoas à procura de tietagem. Gente querendo autógrafos, fotos e fazendo perguntas indelicadas sobre o relato dos livros. Nisso me surpreendi. Praticamente ninguém chegou com interesse desse tipo. O povo que se agrupava ali tinha, sim, muito respeito e admiração pelo nosso trabalho, mas eram fãs de Cristo. Percebi logo que eram pessoas machucadas, cansadas, que muitas vezes acumularam décadas nas costas como evangélicos, mas que estavam cheias de feridas causadas pela própria Igreja. Feridas feitas por aquela que deveria trazer a cura. Uma reprodução do que aconteceu na Inquisição: ao invés de levar vida e salvação, a Igreja trouxe contra as pessoas a morte, impondo um Cristianismo contaminado, a fio de espada.

Isso é o que está acontecendo, e a espada dos dias modernos tem outro nome: medo.

Pois existe, sim, uma indústria do medo. Medo da ação arrasadora dos demônios, medo da maldição, medo de ficar pobre, de sofrer a doença, de perder o emprego e coisas afins. Daí vem a “solução”, e se começa a estabelecer rituais e incentivar a aquisição de objetos “mágicos”. Voltamos para a Idade Média.

Recebi muitos crentes – todos já apresentados à Palavra – profundamente desgastados.

Muitos me disseram:

“Daniel... Aqui é o último lugar. Este é o último lugar que procuro. Eu cansei de peregrinar, de bater de porta em porta, de ir de igreja em igreja, sempre ouvindo mais do mesmo e nunca nada na minha vida mudar. Aqui é minha última esperança, porque você e sua esposa têm feito um trabalho muito importante, e eu acredito no ministério de vocês”.

Claro que não podemos ser simplistas e colocar a “culpa” de tudo na Igreja, porque há pessoas que realmente ficam pulando de galho em galho se não escutam o que querem. Porém, uma coisa eu atesto:

ainda que a Igreja possa não seja a única responsável, ela é culpada por boa parcela da situação desértica de muitos crentes.

Indo adiante: o “Ministério Guerreiros da luz” veio à luz para fazer diferença, e começou com poucas pessoas. O grupo abarcou pessoas que se questionavam, pensavam; mas que estavam dispostos a vir, sentar e ouvir. Se alimentar.

Esse mesmo espaço de culto – um *flat* em Santana – também passou a ser espaço dos meus novos cursos e também dos seminários que eu ministrava em outras igrejas. Se nestas igrejas ministrava para 500 pessoas, agora eu falava para 60, 80.

Mesmo assim, apesar de estar diante de grupos muito menores, eu tinha um controle melhor de qualidade, o que sempre foi minha preocupação. Sabia que o louvor ia começar na hora; sabia que o líder do louvor não ia ficar comendo pipoca durante a pregação; que o som e as imagens iam funcionar;

que não seria roubado; que haveria banheiro limpo para o Povo e para mim; que não iria faltar água...

(Tem igrejas que não dão nem água para o povo beber. Se quiser, tem que comprar.)

Nos meus cursos, gostava de fazer diferente. Fornecia água, café e bolachas, pois queria receber os irmãos com o melhor em todos os aspectos. O mesmo acontecia nos cultos. Não vendia comida.

Cristopher logo me abandonou. Mais uma vez, estava sozinho. Mas ainda podia dividir uma parte do trabalho de pregação com o ministro de louvor, a quem Deus disse para dar oportunidade. Havia outros que cuidavam da parte logística do ministério, um especialmente tornou-se como um filho para mim. Sua lealdade e disposição em ajudar são notórias. Carla também passou a somar conosco. Ajudando a receber as pessoas, fazendo um café, filmando os cultos *etc.*

Claro que houve uma pequena batalha para fincarmos estaca naquele lugar. Quando os

problemas surgiram, minha atitude foi de comunicar aos irmãos na hora do culto e orarmos a respeito, mas sem necessidade de ênfase exagerada. Apesar de eu não ficar falando em demônios, sei que eles investiram contra a igreja, de diversas formas. Mas não fiz disso assunto maior do que deveria, roubando nosso tempo.

As pessoas implicavam com o fato de haver, defronte ao *flat*, um “shopping da macumba”.

“Puxa, em que lugar nós estamos”, comentavam.

Era uma pequena galeria que só vendia artigos relacionados à umbanda, quimbanda e candomblé. Mas dali não veio nenhum problema. Ao contrário: havia uma empresa importante que também fazia suas reuniões ali no *flat*, uma vez por mês, às quartas-feiras. Logo que começamos os encontros da igreja, eles resolveram passar a reunião deles também para o domingo.

O hotel avisou-me do problema e disse que teríamos que ceder o espaço.

“Vai ser chato a gente ter três encontros ao mês, em vez de quatro”, eu disse aos irmãos. “Então, vamos pedir a Deus que intervenha e nos ajude. Eles têm dinheiro e nós não, além do mais estão aqui há mais tempo, por isso é claro que a primazia é deles.”

Por alguma razão, aquelas reuniões da empresa no domingo acabaram não vingando.

Outro problema veio da loja maçônica que havia defronte ao *flat*. Sempre se reuniam na própria loja, mas resolveram, também, que iriam fazer a reunião deles no *flat*. E, é claro, escolheram o domingo.

Mais uma vez o *flat* apenas nos comunicou que não poderiam reservar o espaço para nós. Ao que parece, todos tinham a preferência. Mais uma vez, convoquei o povo, oramos, e os maçons mudaram de ideia.

Por alguma razão desconhecida, depois disso tudo, a administração do *flat* veio comunicar-me, de novo, que não poderia continuar reservando os domingos para mim. Sem nenhum motivo aparente. E até

mesmo faziam restrição em relação aos sábados, que poderiam ficar comprometidos, o que me prejudicaria em relação aos cursos e seminários.

Cheguei a questionar o Senhor, indagando se deveria me mudar para algum outro lugar. No entanto, ali estava muito conveniente para o povo. Um salãozinho bom, na cobertura, com capacidade para 80 a 100 pessoas, perto do metrô. Era bem longe para mim, e eu gostaria de ter um salão mais perto de casa; chegamos a procurar, mas não podíamos arcar com os custos.

Deus me disse que deveríamos reivindicar nossos direitos perante o *flat*. Carla e Filipe são advogados e apresentaram argumentos respaldados na lei a nosso favor. Sem efeito. Um dos irmãos da igreja mandou e-mail ao *flat*, solicitando as vagas que eu queria. Para ele, havia disponibilidade; já para mim, não. Mostramos os e-mails discrepantes perante a direção do *flat*, e tudo acabou se resolvendo a contento. Depois disso não houve mais problemas, e

hoje nós somos muito bem-vindos ali. Fizemos amizade com todos, manobristas, mensageiros, atendentes, faxineiras, copeiros *etc.* O amor abria alas.

Os cursos e seminários no *flat* eram agora minha principal fonte de receita, apesar de ter um público bem menor. A receita que vinha da igreja era ínfima, o suficiente para pagarmos o aluguel do local, raramente indo além. Significava que minha receita tinha diminuído bastante, já que era cada vez menos convidado a falar em outros locais. Percebi que a mudança de tom em minhas pregações fez com que a maioria me virasse a cara.

Um líder muito proeminente disseme em um almoço: “Daniel, assim você está destoando, não podemos mais chamá-lo para estar conosco nos Congressos. Estamos falando em prosperidade, e vem você falar de santidade? Falamos em conquista de cidades, atos proféticos, mover profético, e vem você falar sobre amor, perdão, vida com Deus,

família? Assim não há como escalar sua pessoa para estar com a gente. Temos que falar aquilo que o povo quer ouvir. Caso contrário eles debandam, e perdemos nossa receita.”

Percebi que minha luta, assim como a de Cristo, seria mais intensa dentro do sistema corrompido. Quem perseguia a Jesus não eram os feiticeiros, mas os fariseus.

Isso já vinha acontecendo de forma sutil há algum tempo, desde que houve a cisão com a Grace. Entretanto, o principal fator responsável pela rejeição que eu vinha sofrendo foi decorrente do meu ensino não convencional sobre preceitos muito em voga dentro da Igreja: quebra de maldições, rituais para cura e libertação, conquista de cidades, atos proféticos e temas relacionados. Depois do lançamento de “Alerta Geral”, onde Isabela, me apoiando, discorreu sobre nosso ponto de vista em relação a esses assuntos, senti uma muralha cada vez

maior sendo construída ao meu redor. O discurso não agradava.

O ápice dessa situação de rejeição aconteceu quando fundei o “Ministério Guerreiros da luz” como igreja, e fincamos suas estacas, e logo passou a ser uma de minhas premissas contrariar a entrega obrigatória de dízimos. Eu nunca tinha sido alvo dos dízimos dos irmãos, a não ser esporadicamente; porém, quando a igreja começou, logo Deus disse que eu não poderia cobrar o dízimo.

Quando comecei a ensinar a respeito, nesse momento as portas da Igreja Brasileira praticamente se fecharam para mim.

O dízimo é cobrado em toda e qualquer igreja do território nacional, e acabou se tornando um dos fatores que lança medo nas pessoas. Quando se diz, por exemplo, que na ausência do dízimo estamos vulneráveis à ação do Inimigo.

Em relação a esse ponto, a obrigatoriedade da entrega se alicerça no texto de Malaquias 3, que fala

sobre “fechar a boca do devorador”. Em outras palavras, o dízimo seria uma espécie de “taxa de proteção” do cristão. Mas isso é falso. Dê o dízimo e dê também vazão à carne: esta última invalida a proteção. Além do mais, como veremos mais adiante, essa promessa não se aplica aos cristãos.

Tal questão vai além, ainda com base no mesmo texto, quando se ensina que o ato de dizimar está diretamente relacionado à doutrina da prosperidade. Pois se diz que, na ausência do dízimo, o devorador não será repreendido e nem as portas do Céu serão abertas.

Para fundamentar os ensinamentos sobre os dízimos, comecei a mostrar, primeiro, que a Deus se deve sempre dar em amor. E dizia:

“Jesus não deu dízimos durante seu período ministerial. Jesus também não cobrou dízimos. Mas ele era sustentado. Ou seja: o mesmo Deus que tinha o poder de multiplicar os pães, de multiplicar os peixes, ressuscitar os mortos e transformar a água

em vinho não materializava para Si mesmo os bens de que necessitava. No evangelho de Lucas cita-se que certas mulheres ricas sustentavam Jesus com os seus bens, voluntariamente” (Lucas 8:3).

As pessoas voluntariamente ajudavam Jesus em Suas necessidades materiais, tanto é que Judas era o Seu tesoureiro.

A clássica passagem da viúva pobre acontece diante do gazofilácio – num local externo do templo conhecido como o Pátio das Mulheres, ou num corredor próximo. Ali as pessoas deitavam os seus dízimos e ofertas. E Jesus está ali, observando as pessoas. Imagine-se agora você, na posição de quem observa Jesus observar as pessoas. Primeiro que Jesus não deu nada. E, nesse cenário, ele destaca a viúva pobre, mostrando que ela deu mais do que todos pois o fez por amor, e da sua pobreza tirou tudo o que tinha”.

A ênfase é sempre no amor. Não é em dar tudo o que se tem. Porque, se assim fosse, o jovem rico

estaria em apuros ainda maiores. Jesus não queria que ele realmente desse todo o seu dinheiro, mas que não houvesse nenhuma amarra em seu coração. Nesse caso, o amor do dinheiro era a razão do seu problema, a razão dos males, o porquê de ele não poder herdar o reino dos Céus.

“Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens, dá aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e Me segue. Tendo, porém, o jovem ouvido esta palavra, retirou-se triste, por ser dono de muitas propriedades. Então disse Jesus a Seus discípulos: (...) É mais fácil um camelo passar pelo buraco de uma agulha do que um rico entrar no reino dos Céus”.

A questão não é dar muito ou pouco, mas fazê-lo por amor. O pouco da viúva ia bem além do que o muito dos ricos. E o jovem rico estava perdido porque não era capaz de dar em amor, em razão do montante de suas posses. Isto é, o pouco do rico

seria uma grande soma, mas que justiça ele de Deus espera quando dá apenas do que lhe sobra?

Indo além, passei a ensinar que o dízimo não era uma obrigatoriedade do cristão. Voltei a Malaquias 3.

“Trazei todos os dízimos à Casa do tesouro, para que haja mantimento na Minha Casa; e provai-Me nisso, diz o Senhor dos exércitos, se eu não vos abrir as janelas do Céu e não derramar sobre vós bênção sem medida. Por vossa causa repreenderei o devorador, para que não consuma o fruto da terra; a vossa vide no campo não será estéril, diz o Senhor dos exércitos. Todas as nações vos chamarão felizes, porque vós tereis uma terra deleitosa, diz o Senhor dos exércitos”.

O contexto destas palavras menciona a questão do roubo dos dízimos e ofertas. O povo de Israel já tinha se desviado dos “dias antigos”, e o profeta exorta-o, falando das necessidades da Casa de Deus.

O Senhor diz a toda a Nação que deve parar com essa atitude de mesquinha.

“Roubará o homem a Deus? Todavia, vós me roubais, e dizeis: Em que te roubamos? Nos dízimos e nas ofertas. Com maldição sois amaldiçoados, porque a Mim me roubais, vós, a Nação toda”.

Percebe-se que esse texto não se aplica aos cristãos. É uma Palavra rhema para Israel, dada naquele momento; uma exortação e uma promessa vinculada a esse povo, que estava debaixo da lei Mosaica. Isto é: dízimar estava previsto na lei, como ato de gratidão e lealdade, e não se podia fugir disso. Então, os dízimos e ofertas eram uma obrigação dos observantes da lei.

Indo adiante: Quem usufruía dos dízimos e ofertas dados pelo povo?

Os da tribo de levi.

Apenas estes tinham direito de receber os valores arrecadados, pois eram apenas eles que oficiavam os trabalhos no templo. Todos nós sabemos que o

sacerdócio é levítico, e ninguém de outra tribo poderia exercê-lo.

Percebe-se então porque Jesus não recebeu dízimos. Porque ele era da tribo de Judá. Uma tribo que não fazia jus a essa manutenção material.

Do mesmo modo, por que Jesus não ofereceu dízimos durante Seu ministério?

Por certo que Jesus deve ter dizimado muitas vezes, porque ele foi o perfeito cumpridor da lei. Entretanto, ao estar em Jerusalém durante o exercício de Seu Ministério, ele não dizimou porque estava inaugurando uma nova era: a era da Graça.

Cristo veio para cumprir a lei, e quebrar a lei. Porque o propósito de ser da lei era apontar o pecado, e a incapacidade do homem em ser santo por suas próprias forças; ela, por si mesma, não é capaz de aperfeiçoar ninguém, porque ninguém é capaz de cumpri-la integralmente.

“Porque o fim da lei é Cristo, para justiça de todo o que crê”. Quando Paulo foi tão contrário à questão

da circuncisão dos gentios, batia firmemente na lei.

“Eu, Paulo, vos digo que, se vos deixardes circuncidar, Cristo de nada vos aproveitará. De novo, testifico a todo homem que se deixa circuncidar que está obrigado a guardar toda a lei. De Cristo vos desligastes, vós que procurais justificar-vos na lei; da Graça decaístes. Porque nós, pelo Espírito, aguardamos a esperança da justiça que provém da fé. Porque, em Cristo Jesus, nem a circuncisão nem a incircuncisão têm valor algum, mas a fé que atua pelo amor”.

Então, é preciso entender bem onde estamos. Os cristãos – que são gentios, pois não descendem dos Judeus –, ao se verem obrigados a dizimar, voltam a estar debaixo da lei, agindo, em suma, como se estivessem se deixando circuncidar.

A lei terminou com a vinda de Cristo e ninguém pode nos colocar novamente debaixo dela. Somos herdeiros de uma nova aliança por meio do Sangue do Cordeiro.

“(…) Sabendo, contudo, que o homem não é justificado por obras da lei, e, sim, mediante a fé em Jesus Cristo, também temos crido em Cristo Jesus, para que fôssemos justificados pela fé em Cristo e não por obras da lei, porque por obras da lei ninguém será justificado”.

Se alguém se coloca debaixo da lei, toma para si a maldição da lei e a obrigatoriedade de cumpri-la.

“Todos quantos, pois, são das obras da lei estão debaixo de maldição; porque está escrito: Maldito todo aquele que não permanece em todas as coisas escritas no livro da lei, para praticá-las. E é evidente que, pela lei, ninguém é justificado diante de Deus, porque o justo viverá pela fé.”

“Eis que tudo se faz novo.”

Os pilares da nova aliança são: amar a Deus sobre todas as coisas, e amar ao próximo como a si mesmo. Tudo deriva do amor. Mas somos alertados: “a quem muito é dado, muito é cobrado” também.

Jesus deu a Si mesmo por amor, e deseja que andemos no mesmo amor que ele andou.

Fica claro também que o citado texto de Malaquias não pode nos levar a pressupor qualquer base para doutrina de prosperidade pessoal. Não do ponto de vista cristão. E nem garante recompensa por parte de Deus. Essa história de abrir as janelas do Céu e repreender o devorador era, como já disse, uma promessa rhema para Israel naquele momento, se houvesse arrependimento da atitude de roubar a Deus.

Muitos pastores que estão exigindo o dízimo de suas ovelhas, colocando painéis na porta da igreja com o nome dos devedores e fazendo envelopes nominais, precisam repensar essa situação. Isso, no mínimo, é constrangimento ilegal e fere o nosso código penal. Do ponto de vista espiritual, nem se fale.

Entretanto, esta é uma questão delicada. Os pastores precisam do sustento. E assim nós caímos

no último ponto-chave da questão dos dízimos e ofertas, a necessidade de haver sustento aos que pregam a Palavra e vivem integralmente do ministério.

Os apóstolos, ao inaugurarem a Igreja Primitiva, recebiam as ofertas voluntárias dos irmãos, que “tendo tudo em comum, (...) vendiam suas propriedades e bens e as repartiam entre todos”. Isso porque eles já eram quase três mil pessoas! Essa situação era uma grande novidade em Jerusalém (embora não para os apóstolos, que já viviam das ofertas voluntárias).

Com a expansão do Cristianismo, cada comunidade se torna um pequeno “templo”, que precisa de sustento. Com a fundação destes, entramos nos ensinamentos do apóstolo Paulo, mais uma vez, que mostra como devemos direcionar os nossos recursos, não como devedores de dízimos e ofertas.

Existe uma outra “obrigatoriedade”, não menos importante, que paira sobre os cristãos: as ovelhas

devem sustentar materialmente os que lhe dão alimento espiritual, segundo sua prosperidade, e em amor. Mais uma vez, saliento o amor. As pessoas têm que ser constrangidas pelo amor a Deus, em primeiro lugar, e pelo amor aos que lhes ensinam a Verdade.

Paulo esbarrou, sem dúvida, com a mesquinha das pessoas, ou sua ignorância do assunto, que tantas vezes fez com que deixassem de dar, permitindo que o apóstolo passasse necessidades ou mesmo tivesse que ganhar seu sustento com as próprias mãos, trabalhando dobrado, depois de se ter afadigado com as igrejas e com as viagens.

Mas Paulo diz: “tudo posso Naquele que me fortalece”.

Paulo poderia ter exigido das suas comunidades o montante para comprar um navio para as viagens, ou, quem sabe, um cavalo árabe para tal. Tudo depende de como se fala, de como se manipula, pois muitos agem assim, hoje em dia, andando em

jatinhos particulares e carros caríssimos. Mas o apóstolo tanto sabia passar necessidade quanto viver em abundância.

“Digo isso, não por causa da pobreza, porque aprendi a viver contente em toda e qualquer situação. Tanto sei estar humilhado como também ser honrado; de tudo e em todas as circunstâncias, já tenho experiência tanto de fartura como de fome; assim de abundância como de escassez; tudo posso Naquele que me fortalece”.

Paulo não costumava exigir o seu sustento, mas ensinava, sempre, que “aos que semeiam o espiritual, é justo que recolham o material”. Por que, então, ele não recolheu o material, várias vezes? A preocupação com os fracos na fé, a preocupação em “não ser pesado”, a preocupação com um Cristianismo recém-nascido foi o motivo, e não que ele não tivesse direito a isso. Houve momentos em que Paulo deixou de receber o seu sustento para não colocar uma pedra de tropeço diante dos gentios.

Por exemplo, em relação aos tessalonicenses, Paulo diz: “Porque, vos recordais, irmãos, do nosso labor e fadiga; e de como, noite e dia labutando para não vivermos à custa de nenhum de vós, vos proclamamos o evangelho de Deus”.

Paulo foi além das exigências de seu dever em razão de estar diante uma igreja neófito, abrindo mão de seu direito conquistado por amor ao evangelho recém-nascido. Por amor. Embora pudesse, “como enviado de Cristo, exigir de vós a nossa manutenção”.

Ele fazia jus ao direito de receber ofertas voluntárias dos irmãos que, mesmo não sendo obrigados a dar, tinham o dever moral de fazê-lo, “dando segundo a sua própria prosperidade” e “segundo aquilo que o Espírito propõe em cada coração, voluntariamente”.

Em relação aos coríntios, Paulo exortou da mesma maneira: “Não sabeis vós que os que prestam serviços sagrados do próprio templo se alimentam?”

E quem serve ao altar, do altar tira o seu sustento? Assim ordenou também o Senhor aos que pregam o evangelho, que vivam do evangelho”.

“Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito de vós recolhermos bens materiais?”

“Entretanto, não usamos desse direito; antes, suportamos tudo, para não criarmos qualquer obstáculo ao evangelho de Cristo”.

Paulo fez uma escolha naquele momento. O ensinamento que prevalece, contudo, mostra que a Igreja é responsável pelo sustento dos que lhes presidem ministerialmente. Sobre ela repousa esse dever: sustentar – e sustentar bem – os seus líderes. Para que, estando eles bem supridos em suas necessidades, estejam prontos a fazer seu trabalho.

“Pois a Escritura declara: não amordaces o boi quando pisa o trigo. E ainda: o trabalhador é digno de seu salário.”

Em muitas outras ocasiões, o apóstolo Paulo foi abençoado com ofertas voluntárias que sanavam

suas necessidades, o ajudavam a viajar e também quando estava na prisão. A Timóteo, Paulo ensinou que “os presbíteros que presidem bem e que se afadigam na Palavra e no ensino são merecedores de salários dobrados”.

Todo o processo de doação, entretanto, deve ser feito com base no amor. Nunca uma obrigação. Como foram as ofertas para o tabernáculo e para a construção do templo: uma iniciativa voluntária, pautada no amor. De forma voluntária. E sobejou! Leia com atenção os textos de Êxodo 36:5-7. Moisés não ameaçou o povo com seu discurso, nem prometeu recompensas materiais para quem desse mais. O amor e gratidão moveu aqueles corações de forma que foi necessário um ordem para proibir o povo de ofertar! Surreal. Veja o texto de 1 Crônicas 29, versos 5, 9 e 17. O povo ofertou voluntariamente, como forma de consagração, movidos pelo amor, e em amor. Não era o medo que

os motivava, nem as promessas de bênçãos. Apenas o amor. Quem ama dá o melhor, sempre, e em tudo.

Como princípio geral, o apóstolo alertou na segunda carta aos coríntios (quando eles já não eram tão neófitos e entendiam a necessidade da sementeira em justiça, aos líderes e aos que necessitam): “aquele que semeia pouco, colhe pouco, e o que semeia com fartura com abundância também ceifará. Cada um contribua segundo tiver proposto no coração, não com tristeza ou por necessidade; porque Deus ama a quem dá com alegria. Deus pode fazer-vos abundar em toda graça, a fim de que, tendo sempre, em tudo, ampla suficiência, superabundeis em toda boa obra (...)”.

Concluindo, a despeito de valores, se alguém tem como oferta de amor doar o dízimo, que seja. No entanto, esses ensinamentos devem conduzir cada cristão a rever suas bases, não apenas doutrinárias, mas práticas. Deus tem intenção de abençoar abundantemente aqueles que abençoam os demais,

para que possam abençoar ainda mais, tendo não somente para si, mas para continuar a fazer “toda boa obra”.

Sei que é arriscado ensinar estas coisas. Por certo que sim. A única fonte de sustento de muitos pregadores corre o risco de secar quando se tira o fator “obrigação” e o fator “retaliação”, quando os cristãos deixam de acreditar que serão assolados pela ausência de dízimos. Para os mais novos na fé, podemos usar os dízimos expressos no Velho Testamento como uma referência para abalizar as ofertas, porém, sabendo que não se trata de uma lei validade pelo Novo Testamento. É um ato de amor, voluntário.

Eu assumi esse risco porque realmente não me pareceu justo ensinar uma inverdade, estando compromissado com a Verdade, e deixar de dar alimento sólido às ovelhas, “para que não sejamos mais como meninos, agitados de um lado e de outro, e levados ao redor por todo vento de doutrina, pela

artimanha dos homens, pela astúcia dos que induzem ao erro. Mas, seguindo a Verdade em amor, cresçamos em tudo Naquele que é o cabeça, Cristo, de quem todo o Corpo, bem ajustado e consolidado pelo auxílio de toda junta, segundo a justa cooperação de cada parte, efetua o seu próprio aumento para a edificação de si mesmo em amor”.

O que Deus espera de nós, agora, é que nosso padrão e conduta seja o de Cristo. Que nossas motivações sejam as de Cristo, e o nosso amor seja o de Cristo.

Quem, em sã consciência – se é que de fato é de Cristo – deixaria de abençoar a igreja onde congrega, ou aos que pregam verdadeiramente o evangelho puro?

Após esses eventos percebi que quase instantaneamente as outras igrejas deixaram de me convidar para pregar, especialmente os grandes Ministérios, restando apenas um aqui, outro acolá. Simplesmente houve um banimento. Imagino que

João Batista também não seria muito bem-vindo em muitas Sinagogas... da mesma forma que, se Jesus estivesse presente em carne em nossos dias, Sua mensagem destoaria de muitas pautas presentes em Congressos, Conferências, Seminários *etc.* Provavelmente ele não seria convidado.

“Daniel, você está indo na contramão”, alguns poucos líderes me escreveram. “Eu sei que você está certo, só que é muito complicado sair por aí dizendo isso ao povo. Porque aí eles não vão dar nada, e nós não vamos ter do que viver. O seu projeto está fadado ao fracasso”.

As próprias ovelhas que frequentavam o “Ministério Guerreiros da luz” se questionaram também. E me questionaram.

“Como assim, Daniel? Que história é essa de que a gente não tem que dar o dízimo?”

“Não, você não é obrigado. Você dê por amor, e sem esperar por isso uma gratificação de Deus. Se você faz o bem por medo de receber uma

reprimenda, ou deixa de fazer o mal também por medo de uma consequência, o que isso significa? Que você só faz as coisas mediante recompensa ou por medo de punição? O motivo para fazer qualquer coisa, ou deixar de fazer, deve ser o amor. Com Deus deve ser assim. Não importa se você vai ofertar 5, 10 ou 20%. Importa que seja feito em amor, segundo a direção do Espírito Santo”.

Paulo enfatizava as ofertas de forma voluntária. Leia 2 Co. 8:13 e 1 Co 16:1-2. Não vemos no discurso de Paulo nada que remeta a ameaça ou peso. Somente o amor...voluntário, puro e verdadeiro. Pois a Obra precisa de manutenção.

Era difícil. Eu sei muito bem o que é não saber o que vai acontecer amanhã, e não saber como vou pagar as minhas contas e sustentar minha família. A fundação da igreja coincidiu com o período de mudança de editora, o que significava que nossos royalties também não estavam entrando naquele momento de transição. Tivemos uma boa redução

de receita. Mas era o preço a ser pago. No meu interior, minha consciência não me permitia deixar de dizer a Verdade.

Como Paulo eu tenho me colocado no ensino de toda a doutrina: com muita luta.

“Minha exortação não procede de engano, nem de impureza, nem se baseia em dolo; pelo contrário, visto que fui aprovado por Deus, a ponto de me confiar ele o evangelho, assim falo, não para agradar a homens, e sim a Deus, que prova o meu coração. A verdade é que nunca usei de linguagem de bajulação, como sabeis, nem de intuídos gananciosos. Deus disto é testemunha.”

Se por um lado faltava investimento, por outro sobrava em desleixo. (Jr. 48:10). Na tentativa de soar alerta, dando um toque de trombeta, muitas vezes, fazia uso de meu site para tecer situações de nosso cotidiano, a fim de despertar vidas para um maior comprometimento diante de Deus. Vivendo

aquilo que pregamos nos altares. Abaixo, reproduzo uma destas cartas, datada de abril de 2011.

*“Quem recebe um profeta em qualidade de profeta, receberá galardão de profeta; e quem recebe um justo na qualidade justo, receberá galardão de justo. E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos, em nome de discípulo, em verdade vos digo que de modo algum perderá seu galardão.”*  
*Mateus 11:41-42.*

*Imagine a cena: você convida alguém para um fim de semana em sua casa. Como recebe o convidado? Suponho, que com um largo sorriso no rosto, com respeito, com ternura. Prepara tudo em detalhes a fim de oferecer ao seu hóspede o melhor! Oferece água, alimento. Prepara os aposentos com roupas limpas. O banheiro está asseado, com toalhas, sabonetes, papel higiênico.*

*Não é assim?*

*No “mundo” vemos que os diretores de grandes empresas são tratados como reis em recepções oferecidas pela organização.*

*Um cantor é recebido com pompas pelos organizadores de um evento musical. Agora... imagine... como você receberia Jesus? Ou os Anjos de Deus? Ou os Seus Profetas?*

*No Velho Testamento, vemos a hospitalidade pintada com cores fortes. Abraão, Ló, preparam banquetes aos anjos... mas não sabiam de imediato que eram tais! Era o costume! A tradição!*

*Gideão era pobre... Mesmo assim oferece o melhor ao Anjo que lhe veio visitar, mesmo não sabendo de imediato que era tal. Era a tradição, o costume!*

*Jesus reforça este conceito, estabelecendo um preceito a ser seguido! Destaca: “E qualquer que tiver dado só que seja um copo de água fria a um destes pequenos...”. Chama de “pequenos”... pois estes são os grandes diante do Senhor. Os de*

*coração humilde, manso. Não há incentivo para exaltar ao homem pelo título que ostenta. E, finaliza: “de modo algum perderá seu galardão”.*

*Tremendo, né?*

*Uma conquista eterna, fruto de um copo de água fria... Tão singelo e tão grandioso ato é este! E como temos nos esquecido destes nobres valores...*

*Viajo muito! O trajeto até o local ou cidade nem sempre é simples. São horas a fio nos aeroportos, no despacho e no resgate de bagagem, nas filas, no trânsito, nas chuvas, nos alagamentos... Chego a cidade destino normalmente a noite.*

*Hoje, escolho o hotel para ficar. Nada de luxo. Padrão executivo ou tipo “IBIS”.*

*Antes, ficava a critério do anfitrião a escolha.*

*Já pernoitei em hotéis que eram na verdade bordéis, literalmente falando. Imagine um local cuja diária com café da manhã custa R\$ 35,00 (trinta e cinco reais). Isso! Você não leu errado. O valor é este, na promoção do fim de semana.*

*Passei por isso várias vezes, e com minha esposa presente. Início do Ministério. Hoje, escolho o local.*

*Mesmo assim, não é como minha cama. Meu lar. Nem sempre as vésperas de um Seminário durmo bem. Oro, repasso os apontamentos, me consagro. O tempo passa, as horas avançam. O cansaço me vence e adormeço. Acordo cedo. Sempre! Faço meu devocional. Tomo uma ducha fria, e vou para o local onde será Ministrado o Seminário.*

*Quando vou a uma cidade onde já possuo amigos que fizemos ao longo da jornada, é comum estes nos darem a carona. São nossas equipes de apoio. Quando não há, a Igreja que nos convidou destaca alguém para fazer este traslado.*

*Já fui esquecido na porta do hotel diversas vezes! Isso! Você não leu errado. Estavam tão absortos com o evento que esqueceram o palestrante. Fui de táxi. Não houve reembolso!*

*Chego no local, com estômago vazio. Nem sempre há tempo para tomar café no hotel. Tenho que chegar mais cedo a fim de testar o som, ver se as conexões estão ok. Passo muitas imagens e filmes e tudo tem que funcionar bem. Afinal, fazemos acima de tudo para Deus!*

*É comum nos receberem com café da manhã. É a tradição! O costume! Já visitei locais onde nem água na sala havia. Quando indaguei a respeito, recebi de volta um olhar apontando o galão de água de 10 litros no chão empoeirado. Perplexo, pergunto como faço para saciar minha sede, sem copo! Olhar distante... vem a resposta: “Ah... precisa de copo, é?” Quase sigo o impulso de pedir um canudinho! O Espírito Santo me capacita a calar.*

*Já me perguntaram se eu não traria minha própria marmitta! Almoços, são capítulos à parte. “Ué...você almoça? Pensei que em Seminário você ficasse em jejum de consagração!”. Não viram meu*

*semblante pálido? Como suportar 10 horas falando, sem alimento?*

*Certa vez, fomos recepcionados com uma cesta de chocolate caseiro, feita por uma irmã da igreja. Notei que em alguns chocolates haviam “mordidinhas” e vários pedacinhos de papel espalhados pela sala. Minha mente iniciou um processo de rastreamento de dados tentando não imaginar o pior: seria um rato que roeu os doces? Não demorou e, logo uma voz rompe o silêncio: “Ah! Deve ser rato! Deixamos a cesta aqui ontem à noite, e eles costumam visitar esta sala de noite, pois sempre tem sobra de comida. Mas não se preocupe Daniel, estes aqui eles nem tocaram, veja! Pode comer! O que contamina o homem não é o que entra pela boca, mas o que sai dela, não é irmão?”. Sinceramente. Não senti paz! Naquele momento senti a direção de fazer um jejum de chocolate!*

*Noutra ocasião, no almoço, alguém entra apressadamente na sala que estou no intervalo: “O irmão quer comer o quê? Coxinha ou Kibe?”. Diante das opções, preferi coxinha.*

*Ocorre que havia na sala comigo um casal de novos convertidos que tinham acabado de ler “Filho do Fogo”, e que, depois de ler uma carta manuscrita que me entregaram, senti no Espírito de conversar um pouco com eles. O rapaz estava se recuperando do vício de drogas. Imaginei, que como manda a tradição, os bons costumes, iriam trazer ao menos três coxinhas.*

*Veio uma! E, pequena! Dividimos a coxinha. O rapaz ainda levou no bom humor: “Para quem já dividiu o pó, o que é dividir o pão?”.*

*Porém, o alimento não é o pior que enfrentamos. Muitas vezes os próprios participantes do seminário, notando algo “estranho” no ar, nos trazem o que comer. Nem que seja um lanche da padaria da esquina. Nisso vejo o amor de Deus...*

*usando sempre os pequenos... E como estes são preciosos para o Pai!*

*O que pode ser pior? O banheiro! Sujo... muitas vezes... Sem toalha, sem sabonete, nem papel higiênico, sem janela, sem porta... Isso! Você não leu errado. Sem porta! Estava tudo lindo! Perfumado, com sabonete, tampa no vaso sanitário (quase um luxo), mas... cadê a porta? “Ôpa, Daniel, desculpa aí. Esquecemos de colocar a porta.”*

*Desta vez não houve dolo. Foi esquecimento mesmo. Estenderam o louvor e colocaram a porta ao som de furadeira em dó maior!*

*Já fiquei preso em um banheiro. Na verdade era um misto de depósito com banheiro. Tinha de tudo: jornais, revistas, tijolo, telha, leite em caixa, feijão, arroz, cimento, um sino... Isso, você não leu errado. Um sino! E grande! Além de muita poeira. A porta emperrou. Gritei por socorro, mas não conseguia competir com as poderosas caixas de*

*som que já reproduziam a adoração: “Poderosooooo Deeeuuuusss, Poderosooooo Deeeuuuusss”. E eu entalado ali...*

*Meu nariz curado da rinite alérgica que carreguei anos a fio, agora, dá sinais de recaída... e entope! Enfim, alguém me ouve. Foi necessário chamar um bombeiro para me resgatar, abrindo a porta com notas de heroísmo a machadadas. Louvei ao Senhor! Poderoso Deus!!!!*

*E as placas que tenho que ler? Uma ocasião li no banheiro: “Proibido pendurar roupas proféticas neste local consagrado!”. Seria a toalha um adorno profético? Pois não havia nenhuma ali... Ah, claro, locais onde somos muito bem recebidos. Com zelo, honra, respeito, amor, integridade. Onde dão muito mais do que esperamos ou merecemos. Onde a traição da hospitalidade é uma frequente.*

*Porém é importante lembrar: não é preciso muito para agradar a Deus e aos seus servos. Apenas*

*observar as orientações do Mestre. Agindo assim...  
teremos nosso galardão, para sempre! Conquistaste o  
seu!*

*Honra ao Pai,  
E o Pai te honrará!  
Daniel Mastral*

Dízimos à parte, outros temas que eu ensinava, por assim dizer, eram também considerados “proibidos”. Meu objetivo de ensinar o povo a pensar, a concatenar ideias e ver a Palavra como um todo, ao invés de facetar os ensinamentos e ficar sempre repetindo as mesmas coisas, incomodava.

Não é interessante ter um povo pensante; é mais fácil conduzir as pessoas como um rebanho que não questiona nada, que não entende as coisas. Fazer como sempre foi feito, o que levou Karl Marx a definir a religião como “o ópio do povo”. Mas eu não quero ópio, não quero manipulação. Quero a Verdade.

Ensino o que aprendi: que o discípulo de Cristo deve estar disposto a tomar a sua cruz, e seguir ao Mestre.

“Jesus não diz ‘toma o teu guarda-sol, e Me segue’; ou ‘toma aí o teu picolé, e Me segue’. É ‘toma tua cruz e Me segue’”. E as pessoas não querem tomar a cruz. Não querem se render, não querem fazer nenhum sacrifício. Querem apenas pular essa etapa e viver das bênçãos. Mas o Cristianismo é sacrificial, é uma vida de rendição a Deus.

Só que nós aprendemos a enxergar a rendição apenas como uma subtração, até mesmo uma perda; e não um modo como Deus vai nos purificar para que vejamos melhor a Sua Face.

Sem rendição à vontade de Deus, não adianta o conhecimento bíblico. Acaba que isso é somente letra. E “a letra mata, mas o espírito vivifica”. Jesus olha para os fariseus, e menciona o seu grande conhecimento da lei. Diz que eles jejuam, oram e

batem no peito, dão até o dízimo da hortelã. Mas qual é a sentença sobre eles?

“Sepulcros caiados, raça de víboras.”

Porque era letra. Os fariseus, supostamente os “separados”, na verdade estavam separados de Deus. E não para Deus. Estavam mortos.

Segundo o historiador Flávio Josefo, havia 6000 fariseus na época de Jesus. E quantos destes foram enaltecidos pela Bíblia? Apenas dois: Nicodemos e José de Arimateia. Quando Jesus fala “fariseus hipócritas”, ele não cita nomes: aquele ali, ou o fulano de tal. Ele está condenando toda uma categoria, reprovando toda uma instituição contaminada.

Há que se avaliar se, hoje em dia, nós estamos sendo aprovados ou reprovados com o nosso Cristianismo.

Voltando à questão dos assuntos polêmicos: algo com que eu sempre tive de lidar foi a questão da própria batalha espiritual. As pessoas estão sempre

muito preocupadas em saber do Inimigo, em esmiuçar, em descobrir segredos e estratégias, em receber a unção disto e daquilo para se tornarem mais “poderosas” contra os demônios, e se perguntam o tempo todo o que estará fazendo a Irmandade e os satanistas.

Realmente, no começo eu e Isabela entendemos que era importante a Igreja receber revelações nesse sentido. Mas, depois, conhecendo-a melhor e a maneira como se conduz, fomos percebendo que esse não é o ponto-chave. Não é o que conduz à vitória. Não de maneira isolada. Conhecimento nesse sentido pode ser um adicional; mas não é fundamental.

É claro que a Bíblia menciona o adversário. Porém, ela não enfatiza o adversário. Não faz disso um assunto central, de modo algum. Por isso, me esforcei em ensinar o tempo todo que o grande segredo da batalha espiritual não são os ritos, as orações de guerra e o profundo conhecimento do

exército Inimigo. O segredo incrível da batalha espiritual é estar perto de Deus. Quanto mais próximo dele, maior sua autoridade, maior sua unção e poder.

Esse tipo de constatação faz com que as pessoas, muitas vezes, fiquem desnorteadas. Questiona tudo que elas têm aprendido. Diante disso, há duas atitudes a se tomar, a saber: ou mudamos de rota ou ignoramos o conhecimento. E o fato de a Igreja se beneficiar diretamente da questão da batalha espiritual – em projetos enormes que a envolvem de um jeito ou de outro – faz com que muita gente opte por ignorar o conhecimento. Ao invés de olharem para si, as pessoas continuam olhando para além, e além...

E além.

Esquecem da santidade, da purificação, da vida de oração, da humildade, de vencer a carne, manifestar o fruto do Espírito e viver de modo digno do evangelho...

Minha labuta constante. Viver na terra como cidadão dos Céus. O resto é consequência. Todo o resto!

Por isso digo que não há necessidade dos extensos rituais de libertação, que, afinal, nunca nos libertam. Pois sempre falta alguma coisa... Alguma ministração específica... Alguma renúncia que não foi feita... Algum desligamento de alma... Alguma maldição do seu tataravô que não foi quebrada... Algum seminário que você não fez, ou algum livro que você não leu... Alguma “coisa” ainda escondida e que o Inimigo está usando contra você.

Falo isso por experiência própria.

Também não adianta gritar e fazer atos proféticos para conquistar aqui e ali, a cidade tal, o país não sei das quantas. Sem conquistar a si mesmo – e isso se traduz numa vida pura, honrada e amorosa – não adiantam gritos e brados, palmas e pés marchando, que geram a falsa sensação de vitória.

Vitória no quê?

Satanás, por acaso, está destronado? Leviathan está destronado? As cidades estão sendo conquistadas, os candidatos evangélicos estão sendo eleitos e fazendo diferença?

Quem disse que temos esse poder, em pleno final dos tempos? Esta não é a batalha que deveríamos estar travando.

“Rogo-vos, pois, eu, o prisioneiro no Senhor, que andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados, com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor, esforçando-vos diligentemente por preservar a unidade do Espírito no vínculo da paz; há somente um Corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo; um só Deus e Pai de todos, o qual é sobre todos, age por meio de todos e está em todos”.

Ouvindo isso – e tendo consciência dos problemas que enfrentamos dentro da própria Igreja – será que

estamos realmente travando a batalha certa?

Vi tantos tombarem nos campos de combate, tropeçando em sua capa de orgulho, dando vazão à ganância, redirecionando a glória de Deus para si, caindo nas amarras do sexo, da mentira, da corrupção... Deixaram de observar o segredo de se manter em pé. Quem está em pé que vigie para que não caia. Como fazer isso?

“Vigiai a orai, para que não entres em tentação...”

Digo que não adianta fazer a cruzada de milagres, ou frequentar o culto daquela igreja onde se prega a prosperidade, sem deixar o pecado de lado, sem cuidar de sua casa e de sua família, sem se aproximar profundamente de Deus e conhecer a Sua Palavra, tornando-a viva para você.

Isso desmistifica a batalha espiritual. Quero que todos se lembrem, entretanto, que não digo nada para ir contra alguém específico, porque minha luta não é contra carne e sangue. Eu preciso fazer isso por minha própria consciência. Porque vejo o povo

caminhando erradamente, trocando os pés pelas mãos, se preocupando com o que não importa. Por esse motivo me tornei contrário a esses dogmas que foram incorporados à cultura evangélica, sem base sólida.

Percebi, no começo, que as pessoas que se reuniam no “Ministério Guerreiros da luz” tinham muitas dúvidas sobre todos esses assuntos. Não entendiam.

Tenho, então, procurado explicar – sem ser contrário a pessoas, exceto em situações que saltam em relevo. Como também fez João citando Diófretes, Paulo a Alexandre, o latoeiro *etc.* E direciono meus ensinamentos rumo àquilo que vejo como de importância muito mais fundamental neste momento da trajetória da Igreja: santidade e amor, e tudo que decorre disto.

Falei também sobre louvor e adoração, e mencionei David Wilkerson, importante evangelista norte-americano, falecido em 2011 aos 79 anos. Ele foi o autor do reconhecido best-seller “A Cruz e o

Punhal” e fundador da Times Square Church em Nova York. Tornou-se muito conhecido por seu trabalho junto a jovens usuários de drogas, através da Teen Challenge, uma instituição fundada por ele e que ganhou renome internacional, hoje espalhada por 82 países. A Global Teen Challenge é uma das maiores comunidades terapêuticas, uma referência quando se trata do tratamento, recuperação e reinserção de toxicodependentes e alcoólatras na sociedade. Até mesmo aqui no Brasil existem duas unidades filiadas.

O reverendo Wilkerson dizia que prefere o louvor que faça os jovens dobrarem os joelhos ao invés de ficarem apenas pulando. Ele não está indo contra uma manifestação de alegria e entusiasmo, mas procurava dar ênfase ao quebrantamento, que é, afinal, uma das coisas mais urgentes de que precisamos. Aqueles que se intitulam levitas, especialmente.

Quando postei em meu Facebook a frase acima citada por ele, logo alguém veio questionar: “Esse cara tá velhinho, diz isso porque nem consegue mais pular. Não sabe o que fala!”. O cidadão mal sabia quem era aquele “velhinho” e que o mesmo já estava falecido e hoje está com Jesus.

As redes sociais, Twitter e o Face tornaram-se também ferramentas de ensino, estudos, vídeos e mensagens par trazer o conhecimento ao povo de Deus. Bem como tornaram-se um termômetro do conhecimento do rebanho. O que muitas vezes me deixou estupefato, pasmo, atônito. O povo perece pela falta de conhecimento...

Em nossos dias existe uma banalização da adoração, e o louvor passou a ser confundido com alguma espécie de show. Tornou-se um espetáculo. Um “entretenimento” gospel.

E as igrejas que melhor o fazem arrebanham muita gente, mas pode ser que não estejam levando o povo a um nível real de adoração a Deus, o que, muitas

vezes, não requer mais do que um simples violão, ou nem isso.

O problema de pessoas assim é que estão, realmente, confundindo adoração com show. Ao invés de pagarem uma entrada bem cara para assistir a um show sertanejo, ou um show da Madonna, vão até a igreja achando que ali é espaço para isso.

Se partirmos do pressuposto de que Deus “habita em meio aos louvores”, que pensar de certas aberrações que presenciamos na Igreja? Tenho visto líderes de louvor e adoração que não estão nem aí para Deus, depois do seu show sequer se sentam para ouvir a Palavra, ficam comendo e conversando, ou mesmo vão embora. E decididamente não levam uma vida santa. Há quem se considere um “astro” no palco, fazendo caras e bocas para impressionar o público.

Uma pessoa assim não consegue conduzir a adoração. É uma “adoração” que não sobe ao trono. E o povo se acostumou com isso, em tocar apenas a

orla das vestes de Deus, quando muito, nunca indo em direção ao Seu coração. Estará Deus satisfeito com a adoração de Seu povo? Será que Seu Espírito passeia em meio aos nossos louvores?

“Importa ao Pai que o adoremos, em espírito e em verdade.” É isto que ele busca: verdadeiros adoradores.

Mais uma vez digo: não sou contra uma manifestação de alegria durante o louvor, mas não podemos ficar somente nisso. A adoração deve nos levar a contemplar a face de Deus.

Percebo, então, que esses temas não são explorados. Não dão dinheiro. Os shows, ao contrário, atraem pessoas. Todos sabem disso.

Eu mesmo ganharia bastante se reunisse centenas de pessoas com a promessa de contar um testemunho mirabolante (e não que eu não tenha o que falar) pautado em alguma façanha pessoal, ou promovesse a mim mesmo profetizando coisas estratosféricas, prometendo prosperidade, a cura

milagrosa, a solução dos problemas de maneira mágica, usando para isso de rituais e formas bizarras, ou da venda de algum objeto consagrado. Até mesmo a unção com óleo, faço-a apenas debaixo de direção específica de Deus, não impondo as mãos precipitadamente sobre quem quer que seja, de forma indiscriminada.

As pessoas não estão acostumadas a ouvir a Palavra em sua forma mais purista. Isso implicaria numa mudança profunda de rota, que pressupõe mudanças de conduta. E, como já disse antes, existe toda aquela relutância em tomar a cruz, em ser paciente, e aceitar que o processo de santificação pode ser doloroso. Pelo contrário: o povo se alegra com a possibilidade dos caminhos alternativos, que prometem a vitória sem luta.

Cansei de ver pastores sem ovelha; missionários sem missão, apóstolos sem unção.

Mas isso eu não posso ensinar. A luta é árdua, dia a dia, vivendo no Espírito, mortificando a carne. Em

vez de correr atrás de profecias e entrar em uma batalha que não leva a lugar algum, debrucemo-nos sobre a Verdade e avaliemos nossas vidas sob o seu prisma. Porque Igreja é ser um pelo outro; se alegrar com os que se alegram, e chorar com os que choram.

Talvez ainda haja tempo.

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa, ou como o címbalo que retine. Ainda que eu tenha o dom de profetizar e conheça todos os mistérios e toda a ciência; ainda que eu tenha tamanha fé, a ponto de transportar montes, se não tiver amor, nada serei. E ainda que eu distribua todos os meus bens entre os pobres e ainda que entregue o meu próprio corpo para ser queimado, se não tiver amor, nada disso se me aproveitará.”

“O amor é benigno; o amor não arde em ciúmes, não se ufana, não se ensoberbece, não se conduz inconvenientemente, não procura os seus interesses,

não se exaspera, não se ressentido do mal; não se alegra com a injustiça, mas regozija-se com a verdade; tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta. O amor jamais acaba; mas, havendo profecias, desaparecerão; havendo línguas, cessarão; havendo ciência, passará; porque em parte conhecemos e, em parte profetizamos. Quando, porém, vier o que é perfeito, então, o que é em parte será aniquilado.”

“Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino, pensava como menino; quando cheguei a ser homem, desisti das coisas próprias de menino. Porque, agora, vemos como em espelho, obscuramente; então, veremos face a face. Agora, conheço em parte; então, conhecerei como também sou conhecido. Agora, pois, permanecem a fé, a esperança e o amor, esses três; porém, o maior destes é o amor.”

Novamente falando em amor, achei que a organização de um bazar na igreja seria uma boa

motivação ao amor prático. Uma pequena centelha. Assim como não vendia comida, queria também que o bazar funcionasse em outros moldes. Nada seria vendido. Cada um traria, na sua própria medida, um livro, um brinquedo, uma roupa, um eletrodoméstico em boas condições, qualquer tipo de coisa nesse sentido e entregaria ao bazar. Eu mesmo levei muitos itens. Da mesma maneira, quem precisasse de alguma daquelas coisas podia pegar e levar, sem custo algum, sem burocracia nenhuma.

Claro que procurei ensinar as pessoas a levarem na medida de que realmente necessitassem, ou se interessassem por alguma coisa, e não para tirar proveito, pegando itens grátis indiscriminadamente. Além do mais, a ênfase de vir ao culto era a pregação da Palavra, e não o bazar. Mais de uma vez precisei advertir aqueles que ficavam remexendo os itens fora de hora, ao invés de se dedicarem à Palavra. O bazar era um complemento, uma forma de nos abençoarmos mutuamente, assim como bater

um papo tomando seu cafezinho, degustando as bolachinhas que sempre oferecíamos para todos.

Isso começou a mostrar ao povo que naquele grupo havia um diferencial, com ênfase nos conceitos da Igreja Primitiva, e fez com que, estimuladas nesse sentido, as pessoas voluntariamente começassem não só a trazer coisas para o bazar, mas também outras comidas para abençoar a todos. Uma hora era um bolo, ou pães de queijo, sucos, refrigerantes, chocolate, outros tipos de bolachas, panettone...

Começou a haver um banquete ao final dos cultos, para todos! Fiquei muito satisfeito em ver que nunca fora necessário que eu orquestrasse essas atitudes. A igreja estava, voluntariamente, aprendendo a doar, em favor de todos.

Algumas vezes pessoas vieram sinalizar a falta de dinheiro para condução.

“Cheguei até aqui... mas estou sem dinheiro para voltar”. Supríamos essa necessidade, tirando da oferta do dia.

Ou então:

“Estamos passando dificuldade. Não temos o que comer em casa”.

E procurávamos suprir isso, na medida do possível, pois nossa arrecadação não era grande. Havia o aluguel do *flat*, além de outros custos. Mesmo assim, continuamos não cobrando dízimo. Mantive-me firme em minha proposta. Gostaria que mais pessoas entendessem a questão do amor.

Foi nesse momento que as redes sociais tiveram um importante papel na divulgação do meu trabalho. Eu sempre fora avesso a elas, percebendo que muitas vezes tornavam-se veículo para discussões, onde pessoas que não sabiam nada queriam discutir tudo, acabando por fazer daquilo uma roda de escarnecedores.

Foi, no entanto, uma surpresa boa quando abri o meu Facebook. Ele atraiu e abarcou pessoas mais instruídas, que lotaram o espaço em quinze dias. Muitas outras ficaram na lista de espera. O meu

Twitter também ficou cheio muito rápido, e ambos se tornaram instrumentos de divulgação dos meus trabalhos. Claro que sempre existe quem destoe do conjunto, e Deus precisou passar a peneira sobre o Facebook e sobre o Twitter, da mesma maneira com que ele também escolheu o exército de Gideão. Os que não compreendiam a visão, e insistiam em discussões, eram descartados. Afinal, um exército só é forte se todos caminharem na mesma direção, marchando juntos.

Isso aconteceu também na própria igreja. Porque as pessoas recebem a chance de fazer parte, mas quem pesa o coração é Deus. Todo aquele que vem com a intenção, não de somar, mas de dividir acaba não passando pela peneira e não fazendo parte do exército.

Gostaria de poder afirmar que os cristãos estão começando a ver além de seu próprio umbigo, e a se entregar mais uns aos outros, mas ainda é utopia. Creio que muitos serão despertados pelo fogo, em

meio a perseguições. Há coisas que não se aprendem de outro jeito.

Quando tirei uns dias de “férias” – depois de quase um ano e meio da fundação da igreja – por estar com minha saúde um pouco prejudicada, pude contar com a ajuda de alguns, e não passamos necessidades. Milagrosamente não nos faltou nada e pude honrar meus compromissos. Vejo, através deles, a gratidão pelo meu trabalho. Se fossem todos os que ajudassem, se cada um contribuísse com um pouco, seria mais fácil para mim e para todos.

Sonho com o dia em que não haja em nosso meio nenhum que passe necessidades.

Não costumamos ver judeus pobres, sofrendo privações. A mesma coisa com muçulmanos. Também não se veem imigrantes japoneses, ou italianos, ou chineses pedindo esmola na rua. Porque eles mutuamente se ajudam. Da mesma forma, essa também é uma característica das seitas: não há

maçons passando dificuldade, e na Irmandade, então, nem se fala.

Infelizmente, passar dificuldade é algo característico da Igreja. O local que deveria ser um refúgio, um celeiro de amor e acolhimento, deixa a desejar. Foi na Igreja que eu e minha esposa fomos roubados, traídos, usados e enganados, tendo, poucas vezes, as mãos estendidas.

Gostaria, porém, de mencionar algo que muito me alegrou. Uma jovem, um dia chegou a nossa “base”, muito abatida. Sentou, ouviu a Palavra, passou a frequentar. Um dia ela nos sinalizou que era diabética, e necessitava fazer uso de insulina injetável diariamente, mas não dispunha de um refrigerador em sua kitchenette, indispensável para manutenção da insulina. Pedi oração por esta causa. Ora o amor é prático, oração é bom, mas se tiver ação agregada fica mais poderosa.

Após sinalizarmos a necessidade desta irmã pelas redes, em duas horas conseguimos uma geladeira

usada para ela. A pessoa que deu a geladeira deu também uma mesa de centro e um sofá-cama, já que ela poucas coisas possuía. Um grupo da igreja se reuniu e ofertou um fogão, que ela também não tinha.

As pessoas mais uma vez tiveram oportunidade de ver que isso é Igreja. Ao invés de só pedir dinheiro para o povo, procurávamos intermediar ajuda aos que necessitavam. Porque o maior patrimônio da Igreja são as pessoas, as vidas.

Alguém que sempre recebia ajuda dos irmãos era o ministro de louvor que me auxiliava, e que foi ungido pelas minhas mãos, mais ou menos na mesma época em que Christopher também foi. Os irmãos, sabendo que seu filho havia nascido, sempre ofertavam leite e fraldas, com abundância, toda semana, e muitas vezes ele também recebeu ajuda financeira tanto da igreja como dos irmãos.

Percebia os irmãos orando uns pelos outros, e procurando saber uns dos outros. Isso era dividir as

cargas, o que me alegrava. Gostava de passar e ver pessoas orando umas pelas outras, sem que eu precisasse falar nisso.

Era gratificante.

Não costumo ostentar nenhum título, nem mesmo o de “pastor”, porque meu chamado é servir. Todos me tratam por Daniel. Gosto disso assim, porque traduz o meu desejo de estar ao lado das ovelhas, e não acima. Quem está acima é Deus.

“Da mesma forma que eu estou ao lado de vocês, quero que vocês estejam ao meu lado também”, dizia. “Precisamos, na Igreja, caminhar lado a lado, ombro a ombro. Isso é Igreja. Não adianta hierarquizar as coisas, dar um monte de títulos para todo mundo, e, na prática, ninguém fazer nada.”

As pessoas estão tão acostumadas a entrar na campanha da cura, da prosperidade, na batalha, na conquista de cidades, que se perderam a referência de o que vem a ser uma igreja – de fato. E nesse

meio se perdem as pessoas, com suas feridas, sozinhas.

Igreja não é clube, com carteirinha de membro. Ser membro daqui ou dali não faz ninguém ser membro do Céu. Ter uma vida com Deus, e viver o que se prega, isso é o que te faz herdar o reino Celestial.

Gosto sempre de recordar que líderes e ovelhas têm direitos e deveres. Muitas vezes os direitos de ambos são colocados de forma equivocada.

Um líder precisa ter direito a descanso, a férias, a assistência médica, a viver em paz. Isabela e eu temos vivido pela fé durante todo o nosso período ministerial. Ficamos cansados – especialmente eu – de não ter como nos programar para nada. Nunca fizemos uma única viagem com nosso filho. Nem uma única, porque estou sempre vivendo de um maná diário que não me permite pensar um pouquinho além. Esta é a nossa realidade enquanto tecemos estas linhas. Não sei do futuro, pois este a Deus pertence.

Quanto às ovelhas, elas também precisam ser assistidas. Geralmente os seus direitos são omitidos e se lançam sobre elas apenas os deveres. Lembro-me de que eu e minha esposa nunca fomos tratados com dignidade por ninguém em nossa igreja local, antes do ministério, quando éramos apenas ovelhas (excetuando dona Clara). Um aconselhamento com o nosso pastor era a coisa mais difícil de se conseguir porque a política vinha sempre em primeiro lugar. Na outra igreja em que congregamos por pouco tempo, fomos também julgados e condenados pela liderança, mesmo tendo já começado o nosso ministério. E por quê? Difícil até encontrar os motivos, que são fúteis e dignos de pena.

Porém, tudo serviu de aprendizado. Vejo que há tempestades que nos levam a praias onde nunca teríamos chegado sem elas batendo forte contra nós. Desfazer alianças com alguns – Grace, Ubiratan, Christopher – só serviu para nos levar aonde

chegamos. Deus tirou aqueles que nos decepcionaram e nos trouxe outras pessoas que, a despeito de títulos, têm sido fiéis, que se tornaram nossas amigas. Quanto a alguém que dividiria comigo as cargas, alguém forte para caminhar ao lado, compartilhar desta trincheira, é algo difícil de gerar. Treinei quem Deus me apontou, mas eles não perseveraram; pois o tempo prova se estão aptos ao ministério ou não. O ministro de louvor que caminhou comigo durante dois anos pediu afastamento por motivos pessoais, e os demais que vieram a ser treinados também não resistiram. Hoje em dia os cultos do “Ministério Guerreiros da Luz”, a base, não existe mais.

\*\*\*

Dos quinze anos de casamento, que completamos há poucos dias, todos foram vividos no ministério. Foram anos de muito trabalho, e eu viajei muito,

investi muito nas vidas. Isso tudo cobrou seu preço. Meu corpo tem dado sinais de colapso, não é de hoje, em decorrência da pressão, do estresse e das preocupações relacionadas ao trabalho nas Igrejas.

Foi como Jetro disse a Moisés, seu genro “Certamente desfalecerás, totalmente desfalecerás”, por causa do trabalho junto ao povo, caso não houvesse quem o ajudasse.

Assim é comigo. Infelizmente, tenho desfalecido. Durante estes anos eu me preparei para dar o melhor para a Igreja em cada um dos seminários, dos cursos, das palavras, dos DVDs, nos aconselhamentos tanto os realizados pessoalmente como os via e-mails, no treinamento de pessoas e, agora, na nossa igreja local, no Facebook e no Twitter.

Lamentavelmente tenho poucos com quem dividir as minhas cargas espirituais. Posso 17 intercessores muito fiéis. Tenho alguns amigos mais próximos. Porém, para partilhar das responsabilidades

ministeriais, só tenho minha esposa. Essa é a realidade. Aqueles que Deus propôs caminharem ao meu lado, muitos se desviaram, tombaram ou se afastaram. Meu assessor e amigo Filipe não aceitou o chamado espiritual. Christopher, o ministro de louvor e os demais, por motivos diferentes, saíram e seguiram cada qual seu caminho. Foram anos de investimento nestas vidas, mas para estar à frente na trincheira é preciso um compromisso muito sério com Deus, e muita vontade de acertar. Nem todos têm este chamado. Talvez eu tenha me precipitado em nomeá-los líderes. Talvez tenha dado a eles responsabilidade maior do que podiam carregar. Talvez, apenas não fosse o tempo, ou o chamado destes não era para estar nesta trincheira. Deus o sabe. Saíram de minha vida, mas não de meu coração.

Não se pode tripudiar dele. “Deus não se deixa escarnecer. Tudo o que o homem plantar, isso ceifará.” Às vezes as pessoas têm a ideia de que, por

caminharemos perto de mim, estão numa redoma de invulnerabilidade. Não podemos zombar de Deus. Quando se aceita um chamado, ocupando a linha de frente, você torna-se um alvo. Pois o texto bíblico diz: “Fere o pastor, e as ovelhas se espalham”. Aceitar este chamado implica aceitar os cravos, as pedras, as perseguições.

Quando se é líder, se é alvo.

Não ter com quem dividir o fardo ministerial me causou vários males. Apesar de minha própria vigilância, e da obediência às diretrizes que Deus me dava para conseguir descansar um pouco, desenvolvi problemas de saúde por causa da sobrecarga de trabalho. Meu corpo, que não está ficando mais jovem a cada dia, se ressentiu bastante. Tenho problemas de sono com frequência, pois a cada quatro dias eu tinha que passar três fora de casa, em viagens. Às vezes mais, quando dava “dobradinha” de seminários. Uma das causas de insônia é justamente essa, ter que dormir fora de sua casa

com muita frequência. Isso aconteceu durante anos e anos a fio, sem férias e sem descanso.

Aprendi a descansar no Senhor, e a viver um dia de cada vez. No entanto, isso foi fruto de um processo. Não foi um aprendizado imediato. A constante preocupação com as finanças durante muitos desses anos, desde que me casei, não ajudou em nada. Desenvolvi um problema cardíaco por causa do estresse, e mais de uma vez sofri com anginas, além de um episódio de quase-infarto. Felizmente esse último foi em casa. Eu estava parado no corredor, pensando no que deveria fazer, quando Isabela acordou mesmo sem que eu a chamasse. Muito assustada, me medicou.

É complicado pensar que se pode morrer assim, sem mais nem menos. Sem tempo de dizer adeus, sem poder dar um último abraço em seu filho, um beijo em sua esposa. Diferentemente do apóstolo Paulo, eu tenho família, e quero ver meu filho crescer.

Depois disso fiz um check-up cardiológico e o médico me disse o que já sabíamos: que em nossos dias uma das maiores causas de infarto seguido de morte é o estresse. Que eu tinha que descansar, tinha que fazer atividade física, reduzir o colesterol, rever minhas prioridades. Fazer coisas agradáveis para mim.

Raramente tenho tempo para mim mesmo. As obrigações me devoram, tanto as do ministério quanto as que são devidas a minha própria família. Nunca tirei férias, excetuando esses dias no final do último ano, quando os irmãos do Facebook e do Twitter me auxiliaram financeiramente. As arrecadações na igreja também me ajudaram. Deus sabe, mais do que qualquer outro, que eu precisava realmente disso, e ainda preciso. O normal sempre foi, a cada fim de ano, que nós passássemos muito aperto financeiro, que me punham para baixo e impediam que eu descansasse. Contas sendo

cortadas, telefone tocando com cobranças, privações.

Nunca tivemos para nós férias verdadeiras, uma pequena viagem, um período de puro descanso como todo ser humano precisa. Às vezes em que tinha um recurso a mais, olhava para os lados. Via irmãos passando por necessidades. Tenho no lugar de Faço profunda empatia com situações desta natureza, sempre que podia, estendia a mão. Ofertava, ajudava. E sempre fiz com muita alegria.

Tenho feito minha contribuição ao reino, apontando o Caminho da verdade e pagando o preço de Cruz a cada dia. Vocês nem imaginam o quanto... As perseguições que sofri oriundas da Irmandade são pífias frente às perseguições que enfrento hoje da Igreja contaminada...

Os inimigos de Cristo não eram os adoradores de Baal, mas os fariseus, os líderes eclesiásticos de seu tempo, os representantes da Igreja e da lei. Os “separados”!!!

E, diante disso, pasmo em ainda ouvir a pergunta que insiste em se apresentar: “Satanistas se infiltram nas Igrejas? Como identificá-los?”.

Se o povo não tem discernimento para notar os falsos profetas que os fazem de tolos, como então reconhecer um adorador das trevas que chega camuflado em nosso meio? Hoje, eles não se infiltram mais...

O veneno da serpente já entrou na corrente do Corpo de Cristo, espalhando sua contaminação.

Se vem até nós é para “estagiar”...

Percorrendo este Brasil, vi os erros e acertos da Igreja. Deparei com as feridas do Corpo de Cristo, que exalam odor fétido. Fui roubado, enganado, traído, caluniado, perseguido...

No entanto, encontrei oásis neste deserto.

Encontrei vidas que querem acertar, achei corações arrependidos, quebrantados, que têm andado pela estrada estreita. Encontrei homens e mulheres segundo o coração do Pai. O remanescente fiel,

justo, que privilegia o amor. Encontrei nesta jornada, corações humildes e sinceros. Que muito me edificaram e emocionaram.

Procurei então agrupar estes valores e emoldurá-los com ensino prático de vida cristã, através do modelo da base.

Por dois longos anos...

Algumas pessoas, ao verem nossos vídeos que foram filmados quando a base estava ativa, com cultos dominicais, por vezes interpretam que estes ainda estão ocorrendo. Mas não estão mais!

Iniciamos em 09 de outubro de 2011 e permanecemos até 03 de novembro de 2013. Onde, lamentavelmente, tivemos que interromper os trabalhos...

Os cultos do Ministério Guerreiros da Luz perduraram com muito esforço e empenho durante este espaço de tempo.

Anos nos quais documentamos vários temas em vídeo e que, até hoje, alcançam vidas. Muitas vidas

foram despertadas, curadas, acolhidas, aconselhadas e auxiliadas.

Cujo sopro ainda percorre a terra... levando amor, acolhimento, direção, força, esperança, fé e sabedoria...

Porém, quando se prega a verdade em um sistema aculturado com a mentira e que lucra com ela, o desafio de romper paradigmas é quase “hercúleo”.

Muitos ainda estão com as mentes cauterizadas por doutrinas humanas e doutrinas diabólicas que, infelizmente, têm penetrado em nossos altares.

O rebanho está ferido, fraco, desunido e perdido em sua grande maioria.

Como líder, tive que tomar decisões difíceis a fim de manter a ordem e o equilíbrio, sempre em prol do reino e das vidas! Cabe ao capitão traçar a melhor rota ao navio a fim de conduzir os tripulantes às águas tranquilas!

Ensinamos que a luta de um é luta de todos... A vitória de um é vitória de todos!

Chorar com os que choram e celebrar com os que se alegram é nosso dever. Assim era a igreja primitiva... Ninguém passava por necessidades.

Pautei-me em muitas de minhas experiências como ovelha... Já senti e sinto o que muitos sentem. Por isso tentamos fazer a diferença! Criar empatia!

As palavras entregues eram sempre de conteúdo sólido, rico em conhecimento, promovendo sabedoria, fortalecendo a fé, a esperança e o amor. Ensinamos temas que poucos ousam apresentar ao rebanho.

“Geração João Batista”, “Andando na contramão”, “A justiça do amor”, “Síndrome de Lucifer”, “Divisão de reinos”, “O brilho do vaga-lume”, “A verdade que querem te ocultar”, “Aprendendo a ouvir a voz de Deus”, “Amorfo”, “Temas proibidos” etc... Dentre outras, promoveram e têm promovido despertar a muitas vidas, agora através do YouTube.

Porém, lamentavelmente muitos não entendem este esforço...

Assim como Cristo foi crucificado e o povo gritou “Barrabás”, nós também não tivemos o reconhecimento por tentar resgatar preceitos e valores divinos eternos.

Não “abri” Igreja para ganhar dinheiro. O alvo era ganhar vidas! Nunca tirei nada de recursos para mim. Até o combustível que eu gastava para me deslocar à base saía de meu bolso.

Sem promessas de prosperidade, unção disso ou daquilo, sem pagamento do carnê, sem promessas de conquistas vazias, ou profecias que não se cumpririam... Sem envolvimento com política, nem apelos emocionais, ou apresentar maldições para impor medo e tarifar a proteção divina, sem chuva de “ouro” ou visões mirabolantes...

Deixou de ter “atrativos”... Afastou os investimentos. Muitos vinham para dividir os fardos, pedir conselhos, mas poucos estavam ali para servir os que servem...

Se o medidor do nosso amor é a esmola, a sobra...  
Então, realmente vivemos o tempo onde o amor de  
quase todos se esfriaria...

Sem os apelos dramatizados, ensaiados, onde são  
oferecidos recompensas aos que derem mais ou  
maldições aos que nada derem... nosso discurso  
destoou na multidão...

Como uma mentira contada várias vezes que ganha  
o status de “verdade”...

A verdade bíblica parecia “mentira” em um  
universo onde a verdade contaminada e maquiada é  
ensinada e enaltecida.

Isso “crucificou” nosso sacrifício... E nos levou a  
parar...

Alguns ainda inquiriram (sem conhecimento  
bíblico): “Se Deus mandou abrir, por que fechou?”.

A resposta é tão simples que choca...

O templo foi feito mediante a vontade majoritária  
de Deus. Deus deu medidas, proporções, materiais  
que deveriam ser utilizados. Davi preparou tudo

para que Salomão colocasse em prática o projeto. Mas um dia o templo perde seu maior significado: era para ser casa de adoração e tornou-se um covil de ladrões... Jesus chora e lamenta que não sobraria pedra sobre pedra naquele lugar...

Deus mandou, nós obedecemos. No entanto, soldado sozinho não vence batalha. Sem o esforço coletivo, nosso empenho fica limitado. Sem investimentos, sem provisões nas trincheiras os soldados perecem e o combate fica comprometido.

Nossas escolhas determinam nossas colheitas.

Ainda cegos pelos dogmas que sedimentaram em suas mentes. A luz da verdade era simples demais para ser compreendida. Não havia ritos complexos... apenas o amor... a Deus e ao próximo. Apenas buscar em primeiro lugar o reino. O resto seria consequência...

Poucos entenderam o tamanho daquele desafio. O balanço positivo é que até hoje as mensagens atravessam continentes e alcançam os perdidos.

Fizemos amizades genuínas que se mantiveram até os dias de hoje. O local ainda é usado como base de treinamento nos nossos cursos e seminários. Onde temos mais controle de qualidade e podemos oferecer ao Pai, ao reino e a vocês o melhor que podemos.

Esta é nossa coroa. E ninguém pode nos tirar! Sementes foram lançadas e estão florescendo...

“Um dia a base será reaberta?”, alguns me perguntam.

Não sei se um dia tentaremos novamente lançar esta rede... Não sei se a glória da segunda “casa”, será maior que a primeira... Ainda estou digerindo tudo o que passamos ali... as lutas e as conquistas...

É tempo de balanço... tempo de esperar...

Concluí a obra *Nephilim – águas escuras* –, continuação de *Kilaim – águas turvas* – e esta trilogia se fechará com *Ikarin – águas claras*, que será concluída em breve.

E continuo com os seminários pelo Brasil e em nossa base.

Eu ensinei, gravei 5 DVDs, escrevi 13 livros, gravei dezenas de mensagens, desenvolvi 7 seminários, cada qual com dez horas de duração, ilustrados por um banco de dados compilados em 300 filmes de curta duração e cerca de 1.500 imagens utilizadas para emoldurar os temas propostos; que abarcam batalha espiritual, cura e libertação, missões e escatologia. Visitei mais de 1.000 locais por todo o Brasil, ministrando estes cursos. Somados os demais projetos em andamento. Fruto de uma longa jornada.

Deus nos disse, através de um profeta, que este trabalho realizado diante da Igreja é ímpar. Não há nada com tal conteúdo e riqueza de informações com embasamento bíblico, histórico e científico.

Este relato é para crentes maduros, mas também é reflexão aos mais novos na fé.

Desejo que os irmãos perseverem em seguir o evangelho puro, e não se desviem dele. Aqueles que foram desafiados a mudar suas vidas, independentemente de mim, farão parte não de uma Igreja de sombras, corrompida, mas da Noiva Gloriosa, rendida a Cristo, iluminada!

\*\*\*

Desenvolver esta obra era algo necessário para nós. Um desabafo dos missionários. Um grito que estava represado em nossa garganta. Precisávamos dividir este peso com vocês, nossos leitores, amigos e irmãos.

Quando este livro foi concluído e fizemos a releitura da narrativa a fim de aprovar o texto final e autorizar a sua impressão, percebemos que Deus havia feito algo especial em nossas vidas.

Quando estas linhas foram tecidas, os sentimentos estavam em ebulição. Não é um processo fácil ser

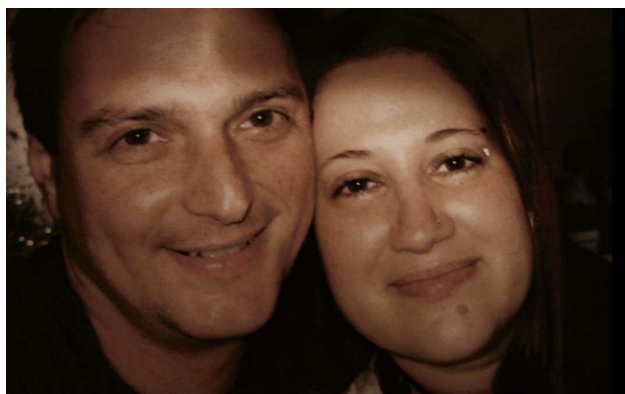
roubado, traído, desprezado, abandonado... Isso, por várias vezes. Causam feridas, faz sangrar. Decidimos preservar o texto original, com suas cores fortes, pois são o retrato de sensações autênticas, sem maquiagem, a fim de deixar registro de que todos nós podemos passar por vales de sombras e sofrer profundas decepções e aflições. Contudo, se o Pai, em sua misericórdia restaurou nossas vidas, renovou nossas forças, nos capacitou a perdoar, renovou nossa fé e esperança... Ele pode fazer o mesmo por você! Somos humanos, falhos, e estamos todos sujeitos ao erro. A questão é não permanecer no erro. Retenha o que for bom deste conteúdo. Os relatos deixados aqui não têm como propósito afastar as vidas da Igreja, mas aproximá-las de Deus, resgatando valores perdidos. Se os fatos não foram exatamente como descritos, para nós assim foram. Assim sentimos, assim vivemos na pele. É nosso ponto de vista. Não uma verdade absoluta, pois sabemos em parte. Que esta parte

possa somar em sua vida, conduzindo seus passos pelas veredas da justiça.

DANIEL E ISABELA MASTRAL

*“Quero apenas cinco coisas.  
Primeiro é o amor sem fim  
A segunda é ver o outono  
A terceira é o grave inverno  
Em quarto lugar o verão  
A quinta coisa são teus olhos  
Não quero dormir sem teus olhos.  
Não quero ser... sem que me olhes.  
Abro mão da primavera para que continues me  
olhando”.*

PABLO NERUDA



**DANIEL E ISABELA MASTRAL** moram em São Paulo, são casados desde 1999, e têm um filho. Ela é formada pela Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo e ele desenvolveu um trabalho ímpar como congressista, sendo conhecido em todo o Brasil por suas palestras sobre espiritualidade, temas ocultos, teologia e história, dentre outros temas aplicados à fé e à motivação de vida.

Os autores têm um extenso repertório literário, incluindo muitos títulos de ensino e reflexão. O conjunto das obras engloba, também, vários romances, sendo alguns deles best-sellers nacionais, desenvolvidos de forma a recriar a densa realidade

que parte dos mais diferentes ângulos dos mundos espirituais paralelos.

Das obras publicadas pelo casal, destacam-se as séries *Filho do fogo*, *Guerreiros da luz* e *Voz do que clama no deserto*, sendo esta última ganhadora do Prêmio Areté em 2006, na categoria romance.

Daniel Mastral é também autor da trilogia composta pelos livros *Kilaim*, *Nephilim* e *Ikarim*.



[www.agape.com.br](http://www.agape.com.br)



---

## #Ágape nas redes sociais

